

ESCRITAS
FEMININAS
EM PRIMEIRA
Pessoa

Coletânea de contos

AUTORAS

Adriana Gabriela Santos (BA)
Aidil Araújo Lima (BA)
Aline Santos Conceição (PR)
Ana Carolina Coutinho (GO)
Ananda Azevêdo (GO)
Anna Cristina Almeida (MG)
Ariane Senna (BA)
Carolina AZA (SP)
Dayana Molina (RJ)
Djeine Patrícia (RO)
Elaine Teixeira (BA)
Helen Silva (PE)
Heme Costa (BA)
Isabela Alves (SP)
Jacira Mello (PR)
Janir Lage da Silva - Sonhadora (RJ)
Jaqueline Souza (BA)
Jessica Nascimento (SP)
Joice Souza (MT)
Joyce Viana (RJ)
Júlia Mota (BA)
Julie Dorrico (RO)
Karollen Gomes (RN)
Laísa Costa (BA)
Lara de Paula (MG)
Layane Almeida (MG)
Leticia Cruz (RJ)
Lílian Almeida (BA)
Lorena Ribeiro (BA)
Marina Farias (RJ)
Marli Aguiar (SP)
Núbia Cruz (BA)
Oluwa Seyi (SP)
Oyá Denan (BA)
Priscila Guedes (SP)
Samanta Santos da Fonseca (SP)
Sandra Menezes (RJ)
Sheila Martins (RJ)
Suéllen Raquel (SP)
Tatiana Dias Gomes (BA)
Thiffany Odara (BA)
Vanessa da Conceição (SP)
Vitória Maria Matos (BA)
Zeferina (SP)

DEDICATÓRIA

Às que vieram antes do antes do antes.
Atravessaram os tempos e nos ensinaram a
ouvir histórias, dançar o vento, escrever o
Tempo e abrir caminhos com as palavras.



APRESENTAÇÃO

Às tecelãs de boas histórias, feiticeiras de um novo Tempo

Maitê Freitas - Apresentação

Começo essa carta pensando nas 204 autoras que se inscreveram ao longo dos 30 dias em que mantivemos abertas as inscrições do I Chamamento Oralituras Escritas Femininas em Primeira Pessoa.

Quando esse chamamento foi idealizado, a Oralituras era uma editora-ideia. Havia um desejo de construir um espaço seguro e afetuoso para que os escritos de mulheres pretas e indígenas pudessem vir ao mundo com respeito. Nossos escritos são vidas e precisam ser respeitadas e cuidadas ao longo de todo processo de feitura-gestação de um livro.

Eu, Maitê, estava recém parida da Ilundy Airá e imagino que as águas puerperais facilitaram para que as ideias do projeto Oralituras Escritas Femininas em Primeira Pessoa surgissem. O desejo de fazer nascer uma editora era muito vivo e foi uma surpresa quando recebi a notícia de que o projeto havia sido aprovado no Programa VAI. Naquela altura, a editora já havia nascido através de duas publicações: *Inovação Ancestral de Mulheres Negras: táticas e políticas do cotidiano* organizada por Bianca Santana, e *Pilar Futuro Presente: uma antologia para Tula*, organizada por mim e Carmen Faustino.

A notícia de que o projeto havia sido contemplado pelo VAI 2019 chegou dias depois do primeiro lançamento da Oralituras. Seria um sinal? Mais do que um sinal, as Senhoras dos Caminhos apontavam e fincavam o bastão para a pertinência do caminhar por esse solo e de construir esse espaço para que as histórias, vozes e sonhos pudessem habitar e se tornar livros, uma reescrita da História.

Devo confessar que, por vezes, a ideia de criar um concurso literário me parecia estranha. Acredito tanto na inclusão e no agregar que pensar algo que pudesse excluir mulheres negras... era muito muito estranho. Foi preciso amadurecer a ideia, atrasar o cronograma e entender que o Chamamento

seria um primeiro experimento de algo que poderia ou não ecoar e atrair os escritos... Me apoiava naquela voz-sabotagem que dizia “esse concurso será um fracasso e não terão inscrições”.

Nada como o Tempo e o respirar para confiança ganhar raiz e o concurso vir ao mundo: regras simples e uma abertura para que o processo posterior às inscrições pudesse ser desenhado de forma orgânica com as parceiras Carmen Faustino, que esteve desde o início de tudo (tudo mesmo), e Dandara Kuntê e Esmeralda Ribeiro, duas mulheres cujo trabalho eu acompanho e a quem dedico muita admiração. Esmeralda, em especial, quando aceitou o convite para fazer parte da comissão de seleção, cumpria uma função mágica: de nos dar a bênção e nos ensinar com sua experiência de ser uma das fundadoras dos *Cadernos Negros* e do Quilombhoje, dos quais cuida até hoje.

Éramos quatro mulheres que, auxiliadas por Agnis Freitas, tínhamos a difícil tarefa de selecionar 30 textos que logo viraram 40 e findaram nos 44 contos dessa coletânea. Por mim, publicava todos em forma de uma coleção - edição especial -, mas não era possível dar vazão a essa ideia tão megalomaníaca.

A surpresa foi findar o prazo do concurso e ter 204 inscrições, distribuídas entre: 31% da região Nordeste, 51,3% da região Sudeste, 3,9% da região Norte, 6,4% região Centro-Oeste, 6,9% da região Sul e 0,5% de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Os números dizem muito sobre como e o quanto nós, mulheres negras e indígenas, temos ocupado as redes, difundido e produzindo conteúdo. Este é um caminho iniciado muito antes desse projeto editorial existir, um fluxo que integramos e fortalecemos com nossas histórias. As que vieram antes de nós: as Tecelãs das Boas Histórias.

Esses números nos emocionaram muito. Quando a leitura foi iniciada, havia um compromisso de não esquecer a diversidade desses territórios narrativos. Durante todo o processo, a comissão – isso me inclui como coordenadora do Chamamento – desconhecia o nome das autoras. Não podíamos ser ingênuas, afinal, são quatro mulheres negras atuantes na produção e articulação cultural, logo manter a isenção e imparcialidade era o caminho certo para sermos justas e éticas com a leitura e a seleção dos contos.

Nessa primeira fase, Carmen, Dandara e eu lemos um pouco mais de sessenta textos, dos quais oito foram desclassificados por inadequação ao formato de conto, antes mesmo da seleção começar. Dividimos a seleção em fases: na primeira fase foram selecionados 43,3% das inscrições, 33,5% não foram selecionados, 6,7% foram desclassificados e 16,5% dos textos nos deixaram em dúvida, sendo necessário reler para chegarmos a uma conclusão. Os contos foram redirecionados, relidos e, em alguns casos, conversamos a respeito. Mas havia um desejo de respeitar a leitura que cada selecionadora tinha do texto e de sermos livres para sermos atravessadas por aquelas palavras.

Os contos foram classificados por temas e subtemas que iam de: Afeto, Ancestralidade, Autoestima, Memórias, Infância, Lesbiandade, Maternidade, Solidão, Território e tantos outros. Na segunda fase da seleção foram lidos aproximadamente 100 contos, os quais divididos entre nós quatro: Esmeralda, Carmen, Dandara e eu. Agnis cuidou de dividi-los por lotes regionais, o que possibilitou que chegássemos aos 44 contos que compõem essa coletânea e refletem os diferentes Brasis.

São 44 escritos que passeiam pelos relatos documentais, ficcionais e de afrofuturo. Na verdade, me pergunto: o que é real e o que ficcional nesses escritos? Mulheres negras e indígenas são a imagem de um futuro possível e necessário. Nossas narrativas revelam isso.

Lamentamos os textos que tiveram que ficar de fora. Ao longo da seleção, fomos trabalhando o desapego e compreendendo que não se tratava de excluir, mas de nos adequarmos às limitações que uma publicação propõe. Eufemismo? Talvez.

Contudo, me dirijo para o fim dessa carta agradecendo às 204 mulheres negras e indígenas, cis e trans, que confiaram seus escritos “em primeira pessoa” a nós, à Oralituras. Agradeço às minhas companheiras de leitura: Carmen Faustino, a quem sempre respeitei por ser um caminho de facilitação literária para tantas mulheres pretas; Dandara Kuntê, a quem reverencio a escrita e me inspiro; Esmeralda Ribeiro, por ser a presença-legado de um projeto editorial possível e necessário para nós, negrxs, e a Agnis Freitas, guardiã de muitos segredos e que norteou as logísticas para que tudo fluísse da melhor forma.

Além desse clã de seleção, agradeço à Ariane Cor e Kaísa pela sensibilidade da identidade visual. Elas traduziram e deram formas e cores ao imaginável. À Fernanda Sousa, pela leitura atenta, sensível e serena. Às amigas Patrícia Vaz, que integra as outras ações desse projeto, e Bianca Santana e Dione Carlos, por serem conselheiras. É sempre uma honra e uma alegria reunir mulheres negras para caminhar juntas nos projetos.

Por fim, quero agradecer a Ludmilla Lis por aceitar o convite para prefaciar este compêndio de narrativas plurais. Alegria, amor, honra e celebração não dão conta de resumir o quanto essa coletânea é importante para tudo que nós, mulheres negras, temos construído.

Tecelãs de boas histórias, feiticeiras de um novo Tempo e todas as guardiãs das palavras e dos caminhos, a vós peço que aceitem os escritos reunidos neste livro, neste chamamento e em nossas inspirações. Que nossas palavras tenham a força necessária para retirar os espinhos dos caminhos, sem nos ferir. Que cada palavra-energia dedicada à feitura desse Chamamento possa servir de inspiração às nossas pares. Que o horizonte seja o espaço infinito às nossas narrativas.

Com amor, em reza e gratidão.

Maitê Freitas

@maitemporina

Jornalista, mãe, pesquisadora e idealizadora da Oralituras

PREFÁCIO

Oralitura - Escritas Femininas em Primeira Pessoa

Quando recebi o convite para escrever um texto que pudesse apresentar a coletânea *Oralitura - Escritas Femininas em Primeira Pessoa*, me senti extremamente honrada. Junto ao desafio veio o desejo de reviver sensações experimentadas somente por quem escreve. A ansiedade, o prazer, o texto que brinca de nascer na nossa cabeça, no coração, não seguindo necessariamente essa ordem.

Sou uma mulher negra brasileira e isso já diz muito sobre minha vida, mas também pode mostrar certas especificidades que nós, filhas do Atlântico de que fala nossa irmã Beatriz Nascimento, possuímos. Da magia de ser uma mulher negra em diáspora, evoco nosso poder de traduzir, sedar, contornar e mastigar a palavra.

Nos textos das 44 mulheres que nos presentearam nessa coletânea estão expressos o desejo de oferecer ao mundo um novo olhar a partir da criação e um sentimento de poder acomodar-se entre as linhas suaves e sedutoras das histórias contadas. Sejam verdadeiras ou ficcionais – e talvez não devamos mais discutir a existência desses dois campos! –, essas histórias contadas por mulheres indígenas, negras, pretas, LGBTQIA+, são as histórias de todxs nós, as histórias de nossa criação, de nossos amadurecimentos e de nossos confortos ou desconfortos.

Uma coletânea que foi idealizada de forma que trouxesse, através de um chamamento literário à publicação, dezenas de mulheres de todos os lugares desse país, de língua marcada pela presença dos povos que aqui vivem, não poderia deixar de “fotografar” as experiências e ensinamentos guardados por todas essas culturas que figuram nossos tesouros do futuro.

Durante a leitura da coletânea *Oralitura*, você pode se sentir transportado para outro espaço-tempo. As linhas, as proposições, as escolhas dos vocábulos, a escrita sinestésica de muitas das escritoras, podem (e vão!) seduzi-lo. Uma inscrição de sujeitxs insurgentes, que propõe uma visita a outrxs mundos, é entregue e inaugurada nesse compêndio.

Aqueles de nós que têm suas vozes silenciadas há tempos; os de nós que conjuram um novo mundo e uma nova acepção de humanidade; os de nós acariciados pela homoafetividade; aqueles de experiência trans-versa, em verso; todes que se recusam a esmorecer após a queda do céu como o conhecemos; todes são, enfim, convidadxs à leitura dos entrecantos do mundo trazida aqui.

Evoco algumas importantes presenças literárias: convido a poeta Roberta Estrela D’Alva, para que testemunhe o surgimento de vozes-lettras que, de acordo com seu poema “Garganta”, trazem histórias que surgem entre nossa mente e coração. Convido também a escritora Eliane Potiguara para preparar o solo para as mais jovens que vêm responder ao seu poema “Denúncia”, pois no momento em que o eu-lírico do poema provoca com a pergunta: “Ah! Mulher enganada / Quem diria que tu sabias falar?”, nossas mulheres aparecem para tornar registros seus presentes-passados-futuros em busca da construção de um mundo que será criado a partir do caos.

Convido, por fim, a mulher-sol, a mulher-estrela, a mulher protegida Conceição Evaristo. A presença-filosofia da mestra Conceição permeia toda a coletânea. Até nas hifenizações dos vocábulos, ricas tentativas de traduzir os sentimentos, como diz a própria escritora. Por vezes tive a impressão de que as escritas eram as mesmas, tão cúmplices uma da outra que se apresentaram. Mas não eram as mesmas. Eram irmãs que, mesmo gêmeas, são diferentes. A força motriz da nossa mulher-farol esteve presente em cada página, em cada narrativa. A força das mulheres dos muitos povos que se encontram nessa diáspora-livro trouxe mais uma vez o sentido e a aplicação do termo Escrivência, cunhado pela autora. Um movimento que testemunha, posiciona e sintetiza o ser que é singular e plural ao mesmo tempo. Quando uma mulher escreve, quando a letra pinta o papel com sua vivência, dá-se a união dos povos, dos pensamentos, dos mundos.

Enfim, um salve às mulheres que teceram essa coletânea: Maitê Freitas, Carmen Faustino, Agnis Freitas, Esmeralda Ribeiro e Dandara Kuntê que, juntas, receberam as mensagens dos nossos mais velhos e trouxeram o país inteiro nessas páginas em que veremos – os olhos nebulosos da mãe de Belinha / a menina-velha de Adisa / os movimentos-sinais de Sakile / O gosto do beju-amor de Julie Dorrico / a memória-gatilho de Djeine / os milímetros cirúrgicos de Letícia / o rio Kainahai que fere o espaço-tempo/ a coragem de Antonia / uma saga de nove beijos orquestrados/ o surpreendente pássaro negro do fim do mundo / a descendência Kandake

/ a cor de coragem que tem o filho / a avó, mulher de Xangô que não abaixa a cabeça / a menina-vento que conheceu Oyá/ o fitilho, narrador de uma morte comum / a vingança de Prestes / a coroação da senhora / a inesquecível passarinha não domesticada de Oluwa / o dilúvio pranteado de Layane / o batom vermelho-vitória de Jaque Souza / o diálogo das peles de Lílian Almeida / o arrependimento da protagonista de Jaciara / a solidão de Caroena / a culpa explícita num guardanapo guardado / a solidão da raça de Ariane Senna / a falsidade de Artur / o re-conhecimento de Lorena Ribeiro / a escrita que cura a dor, de Thiffany Odara / a maturação de Joice / o doloroso apagamento de Vanderléia / O Quilombo Kalunga / os tantos tetos nas costas de mamãe / a fome-amor de Muxima / Núbia e seu pé de jasmim / o tênis rosa nas eternas quartas-feiras de Alice / as intermináveis conduções de Helen / o amor-igual de Priscila Guedes / a metade presente de Karollen Gomes / a ancestralidade viva de Aidil Araújo / o Brasil, terra de vó Nana / o preto-velho-moço de Adriana / o um infinito de Lara e Terekê, o caboclo sonhador.

Com palmas e agradecimentos, termino aqui o roteiro entrelaçado por minhas iguais que, como eu, acreditam na escrita de nossas histórias como forma de perpetuar nossos conhecimentos ancestrais.

Ludmilla Lis

Professora de Língua Portuguesa, pesquisadora e escritora

SUMÁRIO

- 7 Às tecelãs de boas histórias,
feiticeiras de um novo Tempo**
Maitê Freitas - Apresentação
- 19 Bênção Baobá**
Isabela Alves
- 20 O giro de Adisa**
Sandra Menezes
- 24 Jornada**
Sheilla Martins
- 25 Nós, macuxi, somos viajantes**
Julie Dorrico
- 30 Gatilho**
Djeine Patricia
- 31 Formas milimétricas de não
respirar**
Letícia Cruz
- 35 Turmalina Negra**
Júlia Mota
- 41 Coragem, Antônia**
Vitória Maria Matos
- 43 A saga dos nove beijos
interpolares das águas**
Zeferina
- 47 Pássaro Negro**
Marina Farias
- 52 O voo de Onnab**
Suélien Raquel
- 57 A cor do filho**
Anna Cristina Almeida
- 58 Herança Ancestral**
Joyce Viana
- 60 Pé de Vento**
Oyá Denan
- 61 Fitolho**
Marli Aguiar
- 65 O começo do mundo** *Tatiana
Dias Gomes*
- 68 A coroação**
Sonhadora
- 73 Passarinha**
Oluwa Seyi
- 78 À margem**
Layane Almeida
- 82 A menina do batom vermelho**
Jaque Souza
- 83 Sobre ser pássaro e voar**
Lílian Almeida
- 87 Príncipe do Benin**
Jaciara Mello
- 90 Nós**
Ananda Azevêdo

- 94 **Depois do sim**
Heme Costa
- 98 **A Solidão da raça**
Ariane Senna
- 99 **Deusa do Ébano**
Elaine Teixeira
- 103 **(Re)Encontro**
Lorena Ribeiro
- 104 **Tran'Solidão**
Thiffany Odara
- 108 **Infanto-vida-grafia**
Joice Souza
- 113 **No tempo de dois dois:
caruru, cocada, cuscuz, caldo
de cana e água com açúcar**
Jessica Nascimento
- 118 **Memórias no Quilombo
Kalunga**
Ana Carolina Coutinho
- 121 **Um solo sobre Mães**
Carolina AZA
- 123 **Muxima**
Vanessa da Conceição
- 124 **O descobrir da primavera**
Núbia Cruz
- 127 **Segredo da Lua**
Samanta Fonseca
- 130 **Do colorido ao preto e
branco da vida**
Aline Santos Conceição
- 134 **Raios de Sol**
Helen Silva
- 138 **Não te escondo por nada**
Priscila Guedes
- 140 **A metade que não me faltava**
Karollen Gomes
- 143 **Andalu**
Aidil Araújo Lima
- 147 **Nana: memórias, afeto e
resistência**
Dayana Molina
- 149 **A Voz da terra**
Adriana Gabriela Santos
- 150 **Um**
Lara de Paula
- 152 **Terekê**
Laísa Costa
- 153 **Posfácio - Carta às autoras**
Esmeralda Ribeiro
- 156 **Escritas plenas**
Carmen Faustino
- 157 **Amadas autoras**
Dandara Kuntê
- 159 **Sobre as autoras**
- 173 **Agradecimentos**

ESCRITAS
FEMININAS
EM PRIMEIRA
Pessoa

Coletânea de contos

Benção Baobá

Isabela Alves

(ler em voz alta, com a vela acesa nas mãos)

Benção foi ter mãe do lado como firmeza de um trovão.

Com a arma de Ogun fez corte na mão direita.

Baobá: preâmbulo do que seriam as partidas pra'qui.

Contornar em círculos uma árvore: calma foi quando ela passou a mão em meu cabelo e virei Belinha. Ela de pele breu - cor noite, olhos maré - me levou ao hospital, pois aprontei despercebida.

Baobá: semente enraizada no finco de peito. Se tateava amor e se alcançava o medo das costuras na pele.

Prematuras nuvens nos olhos nebulosos de mãe, com voz de quem atracava mil navios: “Sou tua mãe, devo cuidar”. Nunca compreendi quando ela estava chorando: revolta de silêncio, os fundos amarelados se tornavam de um laranja infindo pôr-do-sol, dos castanhos a água escurecia o tom: pupilas de café. Como os oxês de Xangô, pai que ela carrega de totem no meio do seio.

Foram quatro pontos.

O mundo para os filhos do lado de cá: pouco faz sentido.

A benção do futuro foram os dedos firmes apertando esparadrapo todo dia nimim.

O giro de Adisa

Sandra Menezes

A história que você vai conhecer agora aconteceu no século XVII, na região do antigo Daomé, África Ocidental. Meu nome é Adisa e, apesar de ter passado tanto tempo, minha jornada continua sendo narrada por gerações e gerações de griots, com os mesmos detalhes do começo ao fim, sem que nunca ninguém pergunte se foi ou não verdade, pois isso é o que menos importa.

O ano era 1.647, e os nômades tuaregues atravessavam o Saara em seus camelos, invadindo reinos, saqueando tudo o que encontravam no caminho até o interior da África Negra. O resultado de suas capturas, como ouro, especiarias, perfumes exóticos e até pessoas, eram vendidos a bom preço no comércio estabelecido com os exploradores europeus no Norte do Continente Africano.

Nasci no Daomé, pertenço à civilização Iorubá e fiquei viúva ainda jovem. Meu marido era Zaki, um mercador que acabou morrendo no deserto, numa das batalhas com os piratas azuis, como eram conhecidos os tuaregues, sempre bem armados com facas e espadas, prontos a roubar, matar, sequestrar caravanas e atacar cidades da África Ocidental.

Sem meu marido, continuei cuidando de minhas terras, de onde extraía o ouro que vendia aos habitantes de tribos vizinhas menos afortunadas e, assim, conseguia manter meu clã, formado por mim e por meus filhos, Kwame, Shaka e Kobbi. Os meninos me ajudavam também na plantação de grãos e de raízes para o nosso sustento.

Aos poucos retomei a alegria de viver. Tudo seguia bem até que os tuaregues descobriram que havia ouro em nossas terras. Então, fomos brutalmente atacados. Tive minha dignidade destruída e o coração partido ao ver meus filhos mais velhos serem covardemente mortos quando tentavam me salvar da violência dos salteadores. Mas Kobbi, o menino mais novo que estava no quintal no momento da invasão, escondeu-se embaixo de um monte de palha de milho e escapou ileso.

Além de saquearem tudo o que puderam, os piratas me sequestraram para ser vendida como escrava. Entretanto, ao constatarem que eu cozinava bem e tinha conhecimentos de plantas curativas, podendo ser de grande

valia ao grupo, eles desistiram de me vender. Fui obrigada a fazer parte da caravana dos piratas, cozinhando, carregando água e cuidando dos camelos em muitas viagens por vários anos. Passei o resto de minha vida trabalhando duro para eles até que, ao ficar mais velha e pouco produtiva, fui deixada para trás para morrer de fome e de sede no deserto.

Exposta ao Sol, cruelmente entregue à solidão, à fome e à sede, vencida pelo cansaço depois de muito vagar, me ajoelhei e clamei por justiça a Olorum, o orixá supremo, criador de todas as coisas que existem no mundo. Quase desacordada, implorei pela morte imediata para não sofrer mais. Com muita fé de estar sendo ouvida, fiz ainda mais três pedidos a Olorum: que me fosse dada a permissão de voltar à vida com a juventude que tinha antes, de reencontrar meu filho mais novo e de reconquistar minhas terras. Em troca, prometi socorrer os famintos, oferecendo comida e água, sempre que precisassem de ajuda. Olorum escutou a minha súplica desesperada, se compadeceu de meu sofrimento e me conferiu uma morte tranquila, sem dor. Imediatamente, ele evocou um dos seus filhos, Xangô, orixá da justiça, e ordenou:

– Por ter sido essa mulher correta e justa, leve seu corpo a uma pedra e que a vida lhe seja devolvida.

Xangô cumpriu as ordens de Olorum e levou o meu corpo a uma pedra distante. Após um ritual, batendo repetidamente na pedra com seu potente machado, Xangô fez reviver o meu coração.

Olorum convocou também Yewá e, com voz macia, conferiu uma missão à orixá do mimetismo e camuflagem:

– Vá ao encontro de Xangô. Que a mulher que está com ele tenha a juventude necessária para lutar e um novo dom.

Yewá atendeu às ordens de Olorum e me fez renascer com a idade que tinha quando fui levada pelos nômades. Ao despertar fiquei fascinada com a beleza da orixá, e dela recebi comida, água, uma capa para a proteção do frio e das tempestades no deserto e ainda um camelo encantado, que se tornou meu fiel companheiro. Antes de partir, Yewá revelou que havia me concedido o dom de alternar minha aparência entre jovem e velha, sempre que fosse necessário, bastando, para isso, que eu mantivesse minha fé inabalável e girasse rapidamente em torno de mim mesma. Com as forças revigoradas, curvei-me agradecida diante dos orixás, montei o camelo e parti rapidamente.

No retorno à minha cidade, acontecia uma guerra entre os nômades invasores e os nativos. Quando tentava passar ao largo da batalha, encontrei um tuaregue muito ferido e gemendo, com sede. Mesmo reconhecendo nele o inimigo, tirei de dentro da capa pão e água para fortalecê-lo e lhe dei de comer e beber, como havia prometido a Olorum. Era noite e, no escuro, não pude ver o homem nitidamente, mas senti por ele uma imensa piedade. O tuaregue aceitou a ajuda da jovem mulher que lhe amparou, ergueu-se e voltou para a batalha.

Escondida nas sombras da noite, continuei a caminho. Quando cheguei diante da minha antiga morada, uma chuva torrencial começou a cair. No interior da casa, seis homens comiam e bebiam vinho fartamente, além de exibirem as pepitas de ouro que haviam se multiplicado desde os anos em que a propriedade fora tomada. Assumi a forma de mulher velha, coloquei a capa longa com capuz, com o qual protegi o rosto, deixando à vista apenas meus cabelos brancos. Escondi o camelo, me enchi de coragem, chamei os homens no portão e pedi abrigo por uma noite. Um deles ficou com pena de mim, uma velha senhora na chuva, com fome e sede, e permitiu que eu entrasse. O homem me acomodou em um pequeno quarto nos fundos e disse secamente:

- Pode ficar aqui até que a chuva passe. Mas amanhã siga seu caminho.

O tuaregue falava baixo, como se não quisesse ser ouvido pelos companheiros. Ele saiu, mas logo voltou com um prato de comida, água e roupas secas. Sozinha, através de uma pequena janela, contemplei com tristeza as terras que um dia haviam sido minhas e de meus filhos, mas agora estavam áridas e arrasadas pela exploração desmedida dos forasteiros na busca do ouro. Apesar da algazarra que os homens faziam na casa, entorpecidos por muita bebida, consegui dormir por um tempo.

No dia seguinte, o primeiro raio do Sol me despertou. Sem demora, recobri-me com a capa e resolvi sair. Depois da noite de comilança e bebida à vontade, os homens haviam adormecido esparramados pelo chão do salão principal da casa. Pé ante pé, passei por cada um e contei cinco. Ao chegar na varanda vi o sexto homem a uma boa distância, trabalhando no plantio de sementes. Com um estalar de dedos, fiz o camelo reaparecer, assumi a forma jovem e montei o animal, disposta a ir embora antes que pudesse ser vista para voltar mais tarde com um plano de retomada de tudo o que era meu.

Porém, no instante em que tomei a direção da estrada, uma brisa suave começou a soprar e ouvi baixinho, ao pé do ouvido, a voz de Yewá me dizendo:

– Olhe para trás, mulher. Lá está o seu filho mais novo, trabalhando em suas terras. Ele se fingiu de tuaregue, aprendeu a língua deles e se juntou aos nômades invasores para sobreviver. Ele os enganou por anos, sem jamais ter sido traidor porque, mesmo ferido nas batalhas, não matou nenhum compatriota. Nunca esqueceu sua mãe e viveu com a esperança de reencontrá-la.

Então, ainda impactada pela revelação, investi-me de fé e girei, me tornando velha mais uma vez. Retornei. Andando suavemente pelo terreno, me aproximei de Kobbi, me apresentei como sua mãe e revelei o poder que me foi conferido por Olorum, Xangô e Yewá. Chorando, ele me reconheceu pelos laços de sangue e do coração. Nos abraçamos emocionados e combinamos a retirada dos homens de nossa casa enquanto eles estavam ainda grogues e adormecidos.

Cuidadosamente, amarramos as mãos dos cinco tuaregues, tomamos suas armas e os acordamos com gritos horrendos. Ao mesmo tempo, armada de uma espada, eu ia girando diante deles, alternando minha imagem entre jovem e velha enquanto os expulsava. Aterrorizados, sem olhar para trás e surpreendidos por aquela inexplicável mutação, os invasores correram para longe e jamais retornaram àquele lugar. Com meu filho Kobbi, recuperei as terras e o que havia restado do ouro. Dali por diante, sempre que inimigos ousavam nos atacar, eu recorria ao meu poder de transformação e assustava os invasores, que fugiam com medo. Aos que vinham em paz, eu sempre acolhia, oferecendo água, comida e repouso. E assim foi ao longo de muitos e muitos anos.

Jornada

Sheilla Martins

Sankofa era o nome da comunidade onde vivia uma anciã chamada Sakile, que tinha uma pele preta retinta como as noites de Luanda. Havia nascido com uma responsabilidade: a de preservar a essência da negra-palavra fazendo com que as memórias coletivas ecoassem. Era uma preta-velha com uma característica encantadora pouco vista antes: transmitia o saber ancestral pelo movimentar de suas mãos. Movimento-sinais. A comunicação fluía por meio de códigos que os habitantes compreendiam fluentemente - como uma dança no silêncio. Era a maneira de todos se conectarem com sua ancestralidade num ritual de cura d'alma. As palavra-sinais da griote faziam ressonar segredos; era um portal ancestral entre o passado e o presente. E, assim, em meio ao bálsamo de quietude que percorria com o soprar dos ventos dos sinais silenciosos, o equilíbrio permanecia mantido. Todos compreendiam a importância da jornada de retornar ao passado, ressignificando o presente para construir um potente futuro. Salve, Sakile!

Nós, macuxi, somos viajantes

Julie Dorrico

Minha primeira wîtn to', viagem, foi quando eu nasci. Aos sete meses fiz birra e quis sair logo do rio da barriga da mãe. Ela disse que cheguei sem força, mas mesmo assim espezinava para conhecer o mundo. Deve ter sido por isso que sobrevivi. Eu não tinha como saber, mas eu sentia que não ia ficar perto da mãe, por isso mesmo, quando a mãe tava do meu lado, a saudade revolvia no meu estômago; quando ela estava longe era muito pior, e eu, criança, chorava querendo a mãe. Ela não tinha como entender meu exaspero, nem eu - só mais tarde saberíamos a insustentável leveza de estarmos longe até hoje.

Minha segunda wîtn to' foi aos nove anos, quando dona Juliette, minha mãe, hoje de nome Júlia, ordenou que encaixotássemos roupas, ursos, sonhos e levássemos tudo conosco para a cidade do vô. Não tinha como levar minhas amigas árvores, nem as cobras, nem as frutas, nem a terra. Talvez eu devesse ter colocado um pouquinho daquela terra, da minha infância, num potinho para ter sempre comigo os anos que mais vivi com minha mãe. Nessa viagem conheci estradas, rios, BRs, placas, linhas imaginárias. Eu conheci alguns mundos. E também conheci tios e tias e primos, aos montes, e vô e vó e também beju e caxiri. O beju eu provei porque minha ko'ko', minha amada vó, que já fez a travessia, fazia toda manhã para tomarmos com café preto. O caxiri só conheci de ver de longe e de nome porque caxiri é para gente grande e eu era uma menina muito pequena.

Minha terceira wîtn to' foi de volta para onde saímos, mas já não tava todo mundo junto e, de certa forma, foi um pouco triste estar só eu e a mãe, sem os manos. Talvez eu quisesse todos juntos. Minha quarta wîtn to' foi a Montevidéu, onde aprendi que podia viver até os noventa anos se não fossem os agrotóxicos e a qualidade de vida no meu país.

Minha wîtn to' mais importante e mais bonita foi quando tinha vinte e sete anos. Não foi e não será a última. Mas foi a mais bonita. Foi a que me permitiu nunca esquecer todos os lugares pelos quais já andei: a do pertencimento. Ser macuxi tem sido uma viagem de ida e de volta, a única que gostaria de ter feito desde o nascimento.

A viagem do pertencimento é como despertar do sono profundo, do coma colonial. É enxergar o que está ali na sua frente, sair do casulo e virar borboleta. Enxergar o óbvio. Estar em tantas cidades e conhecer costumes, comidas só me fizeram perceber quão violento foi o apagamento da minha história, da história da minha família, da cegueira cultural e social imposta pelos governos de leis brancas que não me permitiam ver a identidade indígena inscrita em mim, no meu corpo, no meu rosto, no meu cabelo e no meu jeito de ser.

Foram inúmeros desenhos animados, livros didáticos e muita literatura me dizendo que eu nunca deveria me identificar com os indígenas. Iracema me dizia que meu sonho deveria ser o de encontrar um amor no homem branco, que sua beleza me seria suficiente, que sua obstinação seria admirável, que qualquer tradição que não a cristã e europeia (ou dela descendente) não tinha valor, afinal, *Iracema* tão logo conhece Martim e abandona seu posto sagrado no seu povo Tabajara e o segue até a morte, mas só ela morre. E ele? Ele segue para seu país, para sua religião, mas retorna para a terra brasilis com mais padres para colonizar o restante do povo de Iracema. A equação desonesta é lançada. E ela chegou em mim como uma lança afiada e envenenada. Me matando aos pouquinhos, afinal, eu era Iracema. Eu me identificava com ela, era só com ela que eu podia me identificar. Violentamente fui conduzida a acreditar nas linhas publicadas. Na força da palavra impressa. Na maior tecnologia de todos os tempos: o livro.

Essa foi uma wîtn to' ruim que tive de fazer durante muitos anos. E fiz outras mais por muito tempo: em *O Guarani*, em *Y-Juca Pirama*, em *Macunaíma*, em *Nove noites*. São tantas as viagens que fiz... Quantas mais ainda farei? Outro dia encontrei um parente macuxi que é advogado e ele me disse:

– É. É isso mesmo. Os macuxi são viajantes. Desde minha autoafirmação, fiz umas viagens bem legais na memória de meus parentes. Sonhei com Roni Wasiry Guará, Tiago Hakiy, Zélia Puri, Márcia Kambeba, Auritha Tabajara, Ytanajé Coelho Cardoso, Ely Macuxi, Edson Krenak, Daniel Munduruku, Kaká Werá, Eliane Potiguara, Olívio Jekupé, Denízia Kawany Fulkaxó, Lucia Maria Takua, Aline e Edson Kayapó e muitos outros e outras mais. São as viagens de pertencimento, de orgulho, de memória, de ancestralidade, de reconhecimento. São viagens que eu indico para os vários brazis que existe nesse nosso Brasil.

Certo dia também fiz uma wítin to' com a minha contadora de histórias preferida. Eu estava me embalando na minha atta, uma grande e velha rede, quando viajei com minha mãe ao território de sua memória.

Ela me contou que certo dia foi mandada pelo vô para o sítio, mas que deveriam ir na frente. Por dentro da mata virgem pegaram a picada aberta pelo vô e se puseram a ir em direção ao monte. Tia Lauren, que hoje é Laura, nessa época tinha em torno de quinze anos, e a mãe, doze.

Sáiram mais ou menos cinco horas da tarde. Era tarde, mas obedece quem tem juízo, disse a mãe. Partiram de Curricock com um jumento na frente, um cavalo atrás e uma cadelinha chamada Reksy. Passaram por Karasabai, Wichabai, em direção ao destino, no sítio para lá de Youroro Head (Cabeceira do Rio). A mãe conta que, quando entraram na mata, o sol se foi e a escuridão era tamanha que a mãe teve de fechar os olhos para não vê-la.

Chegaram em torno de dez horas da noite na casa da tia Isabella, tia da mãe da minha mãe, e foram dormir, não sem antes a mãe da tia Isabella esculhambar o vovô para elas. No outro dia, seguindo jornada, logo na subida do monte, viram uma manada de queixada, com seus dentes ferozes, a uma distância razoável. A tia Laura já havia preparado a mãe. Subiriam na pedra se fosse preciso, mas elas foram embora atrás de alguma caça ou continuar suas tarefas, acho.

Em seguida, encontraram macacos barrigudos insatisfeitos com a presença das viajantes. Para mostrar que eram indesejáveis ali quebravam ferozmente gravetos e lançavam nelas, mas crianças quando são crianças não se intimidam frente às dificuldades e sim ao castigo prometido pelo pai. No meio da montanha a mãe morreu de sede, uma sede incontrollável, quando viu um igarapé com uma água muito cristalina. Prontamente correu e se debruçou sobre a água limpinha e bebeu, bebeu, bebeu. A tia ficou desconfiada e bebeu só um pouquinho. Ao se saciar da sede a mãe levantou e seguiu viagem, mas a menos de dez passos viram que uma anta que estava por ali tinha cagado na água:

– Meu deus do céu, mas fazer o quê? Eu já tinha bebido e matado a sede mesmo... – disse a mãe, lamentando e rindo da situação.

O segundo dia de viagem já quase tinha levado o sol embora. O sol se recolhe muito cedo na floresta, pois lá pelas três da tarde sua luz já vai dando

lugar para a luz da noite. Então, quando era aproximadamente quatro horas da tarde, já em Youroro Head, a mãe e a tia já sentiam a angústia de passar mais uma noite na floresta. Elas esperavam o vovô, que havia prometido seguir viagem com elas, mas não havia nenhum sinal dele. Prepararam comida esperando o vovô. De repente, a mãe ouviu um grito de gente, que parecia estar procurando e chamando alguém, igualzinho igualzinho mesmo. A mãe se prontificou a responder, mas a tia impediu:

– Não, mana, não responde. É um bicho.

A mãe imaginou um monte de monstro e ficou caladinha caladinha. O bicho fez o mesmo chamado; procurava alguém. A tia foi firme:

– Se tu responder ele vai vir e comer a gente.

O bicho era o Mapinguari. O Mapinguari é um encantado que protege a floresta. Ele vaga procurando algum inimigo - que, nos dias de hoje, são os madeireiros e os garimpeiros que matam toda a floresta, inclusive pondo em extinção os Mapinguaris. Sem floresta não há encantado que sobreviva. Segundo a mãe, ele também é conhecido como Corujão ou Curupira lá na região. Mas a mãe também emendou dizendo que o grito podia ser do tamanduá-bandeira no cio. De certeza certeza ela não falou, só que o grito era como de gente.

Anoiteceu. A tia fez fogueirinha do lado dela, do lado da mãe. Amarraram a rede bem pertinho e ficaram contando histórias para não pegar no sono. A mãe bem que quis dormir, mas a tia não deixou:

– A onça vai comer a gente.

E teve contação de histórias até a estrela da manhã aparecer. Já era quase hora de levantar quando a mãe chamou a tia, mas a tia disse:

– Vamos esperar amanhecer um pouco mais. Eu tô só com um olho fechado, o outro tá aberto, e eu tô te ouvindo. Vamos esperar mais um pouco.

A mãe desconfiou que a tia tava dormindo. Como tava muito cansada, dormiu também. Depois seguiram viagem para o sítio. Ao chegarem no seu destino, que era a roça do vô e da vó, ficaram esperando por eles durante o restante do dia na cabana de palha. Terminada a história de sua aventura com a tia na floresta, a mãe me assegurou que me conta essa história, assim como a tia conta aos meus primos.

Em outro dia viajei no rio da minha memória com meu yungkung, meu pai, e os manos, Maycahl e Steve. É isso mesmo: são assim mesmo seus nomes, ainda hoje. Meu yungkung tomou a canoa e nos levou para pescar do outro lado do Madeira. A mãe ficou em casa. Os manos pescavam enquanto o pai tirou um gongo da árvore e comeu. Eu olhei com meus olhos de menina e achei que comer gongo de dentro da árvore, de dentro da floresta, era tão normal. O gongo era normal no meu mundo, no mundo de gentes-árvores e das muitas folhas secas laranjadas no chão. Era tão bonito estar ali dentro da minha mãe-primeira. Voltamos tarde da noite com o pai errando o caminho das águas de volta para casa. Por sorte, naquele dia tinha a uci, a lua, com a gente, senão, a gente não teria chegado naquela noite, só teria chegado no outro dia, porque uma hora a gente sempre chega. Quando pergunto da tia Laura sobre meus outros tios e vós e vós e primos, ela me diz que tem um monte, mas que eles estão espalhados em várias cidades ou como eu, em outro estado. Meu parente estava certo, nós, os macuxi, somos viajantes.



Gatilho

Djeine Patricia

Memória ou lembrança? Divago o que lembrança é para mim, e peço, caro leitor, que NÃO me julgue, mas me ajude e tire suas conclusões. Memórias são de alguém que não está vivo. Lembranças são momentos revisitados pelo cérebro. Lembrança é a própria memória, momento de epifania em que por um gatilho seja de imagens, sons, cheiros, pessoas, locais, o cérebro se lembra. Tempo! Se NÃO me perguntarem saberei, já se me questionarem NÃO saberei. NÃO tenho controle sobre ele. De nada serve meu relógio no pulso. Viva ou morta os dias têm a mesma quantidade de horas. A cada instante eu envelheço, a cada dia é menos um. E a noite, antes de dormir, antes de morrer, meu cérebro revisita o que viu durante o dia, quando estava acordado, quando estava vivo, com os olhos abertos. Quando os olhos se fecharem, a única coisa que restará são as memórias no subconsciente, que apodrecerá dentro do meu crânio. Você sumirá composta por suas memórias, enterradas num breve espaço de tempo.



Formas milimétricas de não respirar

Letícia Cruz

Um dia eu acordei e ela estava ali. Não como se antes não estivesse, mas como se naquele dia estivesse mais. Dançava com as mãos diante dos meus olhos. Eu, distraidamente, seguia seus dedos finos, suaves, numa cadência milimétrica. Fui ficando lenta e repetida por dentro como um círculo. Meus olhos, pesados, embaçaram o foco.

Clap.

Ela estalou o médio contra o polegar. Vi os contornos ficarem mais afiados no quarto escuro. De joelhos ela estendia sua mão na altura do meu peito. Sobre meus pés, não me senti bamba, nem zozna, nem cansada, nem frágil. Se é que senti coisa alguma, foi uma tração sutil na direção dela. Pousei minha palma sobre a sua, fria e fosca. Não me arrepiei, não acendi, não vi cores, não falei em línguas. Seus dedos gelados me tomaram a vibração dos elétrons. Desacelerei no nível da matéria. Na minha velocidade nova, saí de casa e vivi. Joguei bola na quadra no intervalo. Não hesitei quando me vi no espelho. Rezei. Dormi bem.

Ela me acordava alguns dias sim, alguns dias não, sempre com uma gentileza fria. Me segurava na cama, me segurava no banheiro, me segurava no meio fio e me atrasava em tarefas banais, como atravessar a rua, tomar o ônibus, escovar os dentes e fechar os olhos para dormir. Na primeira vez em que ela me segurou conforme eu arrumava a escrivaninha, insisti. Portacopo, papéis, lápis, a mão dela ao redor do meu pulso apertando firme. Liguei o computador, abri duas abas, bebi um gole d'água.

Ela tocou meu pescoço. Dedos gelados e quase sem peso, tomados por uma destreza precisa. Eu adiei meus gestos. Ela alisou meus cabelos recém lavados. Tocou com os polegares meus lóbulos das orelhas. Puxou a cadeira. Me olhou nos olhos enquanto embalava nas palmas a minha mandíbula. Eu pedi por favor e então ela apertou, bem lentamente. Não gritei, não senti pressa, tampouco desespero. Sequer ativei a faculdade de sentir. Encarando, por cima dos ombros dela, a tela vazia, digitei vagarosamente no campo de busca. No mesmo ritmo, ela fechava as mãos e quase sorria.

Eu examinava os resultados. Uma palavra de cada vez, o ar foi ficando escasso. Terminei a primeira página. Na segunda, pulei o meio de cada

parágrafo. Na terceira, não conseguia mais distinguir quantas letras tinha cada palavra. Na quarta, a tela era uma mancha cinza. Deixei as lágrimas escorrerem. Lenta e carinhosamente, ela se enroscou em meu colo, como quem pede carinho, e eu dei, como quem cede a um destino imprevisto. Fomos juntas para o sofá. Ela se sentou na curva do meu pescoço, sobre minha traqueia. Pareceu satisfeita. Eu fiquei estirada, torcendo por uma brecha que não viria tão cedo. Foi assim que nos conhecemos.

Hoje, só que anos atrás, uma camada de lodo cobre a terra. Só pode ser um milhão de mãos que pertencem a ela, desacelerando a fibra do universo. Os carros e elevadores e todos os outros corpos que seguem em movimento são uma teimosia que a minha ciência religiosa não consegue explicar. Deitada de bruços tenho certeza de que dormiria por mais seis dias, mas quando ela me acorda é definitivo até que decida que as cinco ou vinte e sete horas acordada foram suficientes. De olhos fechados, ainda rezo, mas não porque ainda acredite.

Sei que ainda é hoje quando ela me segue na cozinha e amarra minhas mãos nas costas conforme me curvo para pegar a frigideira. E ainda é hoje quando, diante da minha tentativa de abrir a geladeira, ela se pendura em meu pescoço. Hoje se estica quando ela me vinda diante do óleo quente queimando na panela. Hoje, decido apenas encher um copo d'água e me deitar. O corredor mede quilômetros. Passo dias arrastando os pés cansados de nada, as pernas finas de nada e os quadris ósseos de nada. Passam-se três dias enquanto caminho e me jogo inerte sobre a cama. E ainda é hoje, de alguma forma, conforme ela apaga as luzes e se deita por cima de mim.

Não vejo sequer uma fresta. O chão gira lento no sentido horário. As paredes resistem estáticas. O teto parece um peão apressado no sentido contrário. A vertigem me toma pelos órgãos internos. Balbucio palavras que um dia julguei bonitas. Ela engata num monólogo sobre outras coisas, outros tempos que não alcanço com as pontas dos dedos. Num ciclo hermético na boca dela dançam todas as negações que já me seguraram pelos pés. Meu corpo pesa tantos quilômetros que o ar fica distante e eu me perco das palavras de compor orações.

Se perguntam por mim, ela me cobre gentilmente a boca, muito embora, na maioria das vezes, eu sequer saiba a resposta. Se entra um fio de luz, me cega na mesma medida que o escuro, fazendo pior, porque ainda

queima. A essa altura rodopio por dentro conforme o cômodo e me deixo apertar bem miúda. Quando sentamos defronte a mesa larga de uma sala cheia de livros e papéis, ela me espreme entre as perguntas da médica.

Tento respirar com ela me tampando as narinas. Procuo palavras com ela bloqueando meus caminhos. Balançar a cabeça é tudo para que ouso liberdade. Mais tarde nas minhas papilas se dissolve uma substância que promete fazer o tempo voltar a passar, embora me avisem que não é capaz de milagre. Não acredito porque acreditar requer fé e fé requer energia. Tampouco duvido, porque duvidar requer controvérsia e essa é uma das palavras que simplesmente tem letras demais.

Fecho os olhos, mas não durmo. Espero.

O degelo do tempo é, de início, linear como suor pingando contínuo:

Uma gota por tomar banho. Uma gota por devorar um prato de comida. Duas gotas: uma para cada janela aberta no quarto. Escorrendo, às vezes, com um intervalo de dias entre me levantar e dar o primeiro respiro. Depois, com a erosão da insistência, as calotas começam a desgrudar do continente. Blocos enormes de progresso caindo no oceano, seguidos pelo profundo silêncio em que o suor voltava, mais uma vez, a pingar vagarosamente. Esse era o compasso que nos embalava, inseparáveis, dia e noite.

Quando enfim eu tivesse músculos para conduzi-la numa dança extra muros, acreditando piamente ter entendido através de vias empíricas a física por trás do nosso equilíbrio, eu colocaria seus pés sobre os meus, e lá fora, embora a luz fosse muita, não cegaria. Mas o cachorro da vizinha teria ficado grisalho e os caminhos da rua seriam muito mais difíceis de se fazer com a carga dupla e os músculos atrofiados. Fato é que entre o primeiro toque de sua mão gelada e aquele dia de luz e escala adequadas estavam verbos que eu nunca teria de volta, ainda que não houvesse, de fato, perdido o poder da palavra. Como se os verbos engolidos de repente pesassem no estômago dela, eu cederia sob o peso aumentado e viveria um ontem depois do outro esperando um dia em que já não acordasse manchada na pele.

Eu nunca mais voltaria a rezar, mas inventaria rituais meus, pagãos, e chamaria a vontade de estar viva de fé. Contaria: mil, novecentos e noventa e nove, novecentos e noventa e oito, passaria com ela pela catraca do ônibus. Trezentos e vinte e dois quando pisasse o asfalto outra vez. Perderia a

conta ao enfiar as moedas na máquina de café. Mil, sejam bem-vindos à universidade, novecentos e noventa e nove, as paredes brancas encardidas e marcadas por fita crepe, tinta fosca e cola de sapateiro, novecentos e noventa e oito, as maquetes na vitrine do lado de fora que era para onde eu queria ir conforme ela enroscava os pulsos sob meu diafragma e apertava toda vez que eu tinha medo de que alguém percebesse, novecentos e noventa e sete, as margens metálicas do quadro branco reluzindo, novecentos e noventa e seis, suas unhas frias cravando a pele exposta do meu antebraço, novecentos e noventa e cinco, a turma sorrindo em unísono por uma piada que eu perdi distraída, novecentos e noventa e quatro, respirando fundo, novecentos e noventa e três, no fundo da sala, novecentos e noventa e dois, do lado esquerdo, novecentos e noventa e um, perto da saída, caso parecesse por um segundo que eu ia desmaiar por falta de oxigenação, novecentos e noventa, mas ela afrouxava sempre no último segundo.

Na volta, eu não perderia a conta sequer uma vez. Trinta e dois, digo quando viro a chave na porta e paro de contar. Sento-me no tapete e choro. Levo 40 minutos num banho que me esturrica a pele e choro. Me enroscos nos lençóis e soluço o ar entrando nos pulmões secos, depois de um dia que levou anos demais para se pôr. Ela se deita ao meu lado e instantaneamente dorme. O quarto não se move. Estou cansada e frágil, transgredindo a precisão milimétrica com a qual costumava não respirar. Sinto um milhão de coisas e nenhuma delas é sobre ela. Pouso minha palma sobre sua coluna fria e fosca. Não me arrepio, não acendo, não vejo cores, não falo em línguas. Viro-me de lado e fecho os olhos.

Amanhã, quando eu acordar, ela estará lá. Não como se antes não estivesse, mas como se a partir de hoje, eu é quem estivesse mais.

Turmalina Negra

Júlia Mota

Era um dia muito especial na aldeia, dia de Lua Cheia em Escorpião. Mamãe havia me explicado que, nesse dia, o portal entre o nosso mundo e o dos espíritos ficava aberto. Com isso, os portais do passado e do futuro também se abriam. Essa abertura dava a nós, mulheres, a energia espiritual necessária para visualizar qualquer desejo que gostaríamos de concretizar. Por isso, nesse dia, todas as mulheres da aldeia se reuniam para visualizarem, juntas, os desejos que tinham para a aldeia como um todo. Esse ritual se chamava Lunahe.

Para mim esse dia era ainda mais especial. Hoje eu faria a minha primeira oferenda para a Lua. Nakini, nossa guia espiritual, havia me dito que minha menarca chegaria nessa lua e que eu devia estar preparada para oferecer o sangue para os ancestrais no festival Lunahe. “Já pensou que desejo fará, Turmalina?”, Nakini me perguntou. Tomei um susto e derrubei as cebolas que havia acabado de colher. “Não...”. A verdade é que eu havia pensado sim, mas não queria revelar a ninguém antes do ritual. Estava com medo de que alguém me contrariasse. Nakini sorriu, como se soubesse de algo: “As cebolas devem estar boas ainda... Sabe, pequena, sabemos mais sobre seu estado investigando cada uma de suas camadas do que olhando para a casca”, disse ela, enquanto aos poucos se afastava. Fiquei intrigada com sua fala, mas deixei pra lá. Nakini era sempre misteriosa.

À medida que entardecia, a aldeia ia se enchendo de beleza. As mulheres decoravam o espaço do ritual fazendo roupas e amuletos e conversavam e riam. Era um dia de muita alegria e conexão entre todas nós. Os homens ajudavam, protegiam as redondezas e caçavam animais para serem servidos durante a noite. As crianças brincavam com os recém-nascidos, que eram muito importantes nesse ritual já que representavam a fonte criadora do futuro. Ouvindo os desejos das mais velhas, elas seriam guiadas a desejos similares. Se fosse há alguns anos atrás, eu pertenceria a esse grupo, mas como minha Menarca chegaria hoje, eu já estava sendo introduzida ao grupo das mulheres adultas. Além disso, como hoje a oferenda de sangue seria minha, eu tinha o dever de passar parte do dia me conectando com minha Yoni, por onde sairia meu sangue.

Nakini havia me dado uma turmalina negra recentemente, me orientando que todos os dias, ao entardecer, meditasse um pouco para descobrir o que eu precisava pedir. “A turmalina negra não é apenas uma detentora do seu nome. Ela é um poderoso cristal que nos guia para as profundezas do nosso ser. Só assim sabemos o que realmente desejamos”, disse ela.

Já era noite e as mulheres desciam o caminho pela mata para chegar até o local de ritual, que se chamava Tabuli. Lá, em dias de Lua Cheia, ele ficava completamente iluminado. Fazíamos o caminho no escuro. Mas, para evitar que nossas crianças tivessem medo, cantávamos uma canção que contava a história de um rio escuro, o rio Kainahai. Na história, uma menina se afogava no rio, mas, ao invés de morrer, era acalentada pela Grande Mãe. No fim da canção, a criança era encontrada dormindo nas margens, em segurança. A canção dizia que a Grande Mãe protege a todos, nos pondo para dormir e nos levando de volta para nossa casa sempre.

Mas eu não conseguia me concentrar na canção naquele dia. Quanto mais nos aproximávamos do Tabuli, mais nervosa eu ficava em revelar meu desejo. O que as mulheres pensariam de mim? Minhas mãos tremiam e meus pés chacoalhavam de nervoso enquanto eu caminhava, tropeçando diversas vezes nas pedras do caminho até que finalmente chegamos.

O Tabuli estava lindo. Flores vermelhas decoravam todo o círculo. Dentro dele, turmalinas negras, obsidianas, cianitas e ônix eram iluminadas pela potente luz da lua. No centro, um círculo de terra se formava. Lá dentro, uma das cebolas que eu havia colhido havia sido plantada pelas mais velhas. Era ali que eu iria derramar o meu sangue em oferta aos meus ancestrais e, assim, fazer meu desejo. As mulheres da aldeia me entregaram minha roupa e amuletos individuais e me levaram até o centro do círculo. Enquanto andava eu procurava pelo olhar de Nakini. Seus olhos negros como a noite sempre me acalentavam e sabia que olhando-a ficaria mais calma. Mas, por algum motivo, não a encontrava em lugar algum.

As mulheres da aldeia vestiam belos vestidos, com as cores fortes de Escorpião. O vermelho, simbolizando o sangue e a fertilidade, e o preto simbolizando a ancestralidade e as profundezas. Meu vestido era branco, pois eu ainda carregava em mim os véus da infância. Assim que eu finalizasse meu pedido, receberia um lenço vermelho e preto de cada mulher da aldeia, significando minha entrada em uma nova etapa da vida.

As mulheres dançavam ao redor do círculo. Suas peles negras chegavam a ficar azuladas pela luz da lua em seus corpos. Enquanto isso, eu me posicionava no círculo central, aguardando o meu chamado. De acordo com Nakini, assim que eu evocasse meu desejo, meu sangue desceria, pois minha Yoni escutaria minhas preces. As mulheres pararam seu canto e Anahê, a anciã da aldeia, se pronunciou.

“Mulheres, hoje é um dia muito especial. O véu que separa passado, presente e futuro está aberto. Já não há mais o Tempo. Tudo é uma só linha em nossas vidas. Damos graças aos nossos ancestrais por nos acompanharem nesse ritual e saudamos a Lua Cheia em Escorpião, que nos ilumina nessa noite. Hoje a pequena Turmalina acordará o sangue de sua Yoni. Saudamos a nova etapa da vida dela e a energia desse momento para nos permitir a realização de nossos desejos. Turmalina, que desejo você evoca essa noite aos nossos ancestrais?”

Minhas pernas tremiam enquanto eu tentava me sustentar. O suor escorria e minha barriga doía com o nervosismo. Declarei meu desejo como quem lança uma flecha no coração da aldeia: “Desejo deixar a aldeia, quero correr o mundo”. As mulheres ficaram em espanto, cochichando em reprovação umas com as outras. Entretanto, nenhum desejo podia ser negado, então o ritual teve que seguir.

Na verdade, devia seguir, mas algo aconteceu. Minha Yoni doía como se tentasse desesperadamente sair de mim. Anahê perguntou se meu sangue havia descido. Então, ao me tocar, levei um susto. O sangue não havia chegado. Será que Nakini havia mentido? Aquela velha teria me enganado só para que todas soubessem meu desejo tenebroso e me corrigissem? Enraivecida, levantei-me do círculo e corri para longe. As mulheres gritavam meu nome, mas eu corria rápido e sem parar, só queria me afastar de tudo e de todos. Estava escuro e minha visão se ofuscava cada vez mais pela intensidade do meu choro. Eu já não sabia para onde corria. Batia-me nas árvores, tropeçava nas pedras, até que, de repente, caí.

Quando me dei conta de onde estava, quase perdi a respiração. Ao meu redor, tudo era escuro e nada conseguia ver. Enquanto isso a correnteza me puxava cada vez mais para baixo, com tanta força que eu não conseguia me mover. Eu havia caído no rio Kainahai. Tentava gritar por socorro, mas a água abafava o som dos meus gritos e a cada segundo eu me afundava mais.

Então, de alguma forma, eu já não estava mais no rio. Ao meu redor, pessoas com roupas estranhas, todas de branco, usavam máscaras e corriam assustadas. Outras eram carregadas em uma espécie de suporte e usavam tubos em suas faces. Pareciam doentes. Eu caminhava até um local que tinha uma superfície negra, como a turmalina, mas que refletia minha imagem. Porém, eu parecia muito mais velha e usava as mesmas roupas e máscaras que todos usavam. Memórias corriam em minha mente, de coisas que eu nunca havia vivido, mas parecia conhecer. Pessoas morrendo, notícias de uma doença que se alastrava e uma voz que me dizia que esse era o ano de 2020. Não é possível! Como eu havia parado no futuro? Aos poucos as imagens desapareciam e algo me dizia “Você tem a cura”.

A imagem mudava e eu me encontrava em um local parecido com uma aldeia. Acontecia ali uma guerra. Homens de uma cor pálida carregavam armamentos estranhos. Eram fedidos e tinham rostos raivosos. Pareciam monstros. Lembro que minha mãe havia falado sobre esse momento em nossa história. Alguns de nossos ancestrais haviam conseguido escapar e formado a aldeia que morávamos hoje, mas havíamos perdido muito no caminho.

As pessoas da aldeia tentavam lutar, mas as armas dos pálidos tinham fogo e matavam com rapidez. Eu estava escondida perto de uma cabana. Eu entrava nela e lá havia vários papéis, mas eu me atraía por um que tinha em sua frente o desenho de uma turmalina negra. Dentro dele havia uma receita de um remédio milagroso. Algo me dizia “Leve-a”. Eu pegava o papel e saía correndo da cabana. Assim que eu saía os pálidos tocavam fogo no local, queimando todos os papéis que estavam ali. Havíamos perdido nossos registros.

As imagens desapareciam e eu ia caindo no sono, enquanto meu corpo adentrava cada vez mais na escuridão do rio. Quando abria meus olhos, avistava o rosto preocupado de Nakini. Minha visão ficava mais clara e eu me avistava novamente no centro do círculo, rodeada das mulheres da aldeia. Nakini dizia que havia me encontrado nas margens do rio Kainahai. Todas as lembranças recentes voltavam e eu levantava ansiosa.

“Mulheres, me perdoem! Eu não fiz o desejo certo! Ancestrais, me deem licença, agora sim tenho algo a pedir!”

Nakini se afastava de mim, pedindo para que as mulheres voltassem para suas posições. Então, ela mandou que eu continuasse.

“Mulheres, nosso povo perdeu um conhecimento que será muito útil para todas nós daqui a alguns anos, quando uma grande doença assolará todo o planeta! Mas nós sabemos a cura, e ela está aqui, abaixo de mim!”

Então, eu expliquei a todas elas a receita do remédio que eu havia encontrado na cabana, que era feito do insumo da cebola.

“Podemos passar a fabricá-lo. Será um conhecimento que passará de geração a geração. No futuro, nossas descendentes saberão como se curar. Podemos ajudar nossas irmãs!”

As mulheres me olhavam em confusão, mas Nakini sorria. E, então, ela começou a cantar novamente a canção do rio Kainahai. De repente, um líquido começou a escorrer de mim, como se fosse um rio. Meu sangue havia chegado e era abundante, colorindo todas as turmalinas negras do círculo em um tom avermelhado vibrante. Todas as mulheres começaram a cantar junto com Nakini. E, enfim, eu entendia que esse era meu desejo: curar.

“Eu desejo curar o futuro”, eu gritava.

E assim a luz da lua nos iluminava em nossas danças e cantos.

Pela manhã, Nakini foi até minha cabana e sentou-se ao meu lado.

“Soube que você havia desejado sair da aldeia... Sinto muito que não tenha se realizado”.

Eu me lembrava daquele momento e sentia vergonha do que havia dito, mas logo meu coração se iluminava como se tudo fizesse sentido.

“Não, Nakini, ele se realizará! Nosso remédio sairá da aldeia e correrá o mundo!”

Nakini então me mostrou a minha turmalina negra novamente.

“Olhe atentamente”.

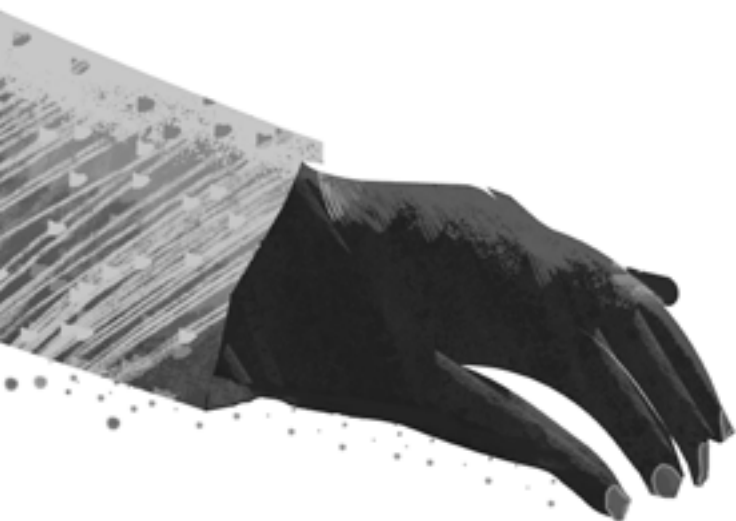
Dentro da pedra, uma imagem se formava. O mundo todo parecia com a nossa aldeia, embora as pessoas fossem muito diferentes, algumas eram pálidas, outras mais rosadas, outras eram negras e pretas como nós e outras mais claras, com cor de âmbar. Usavam roupas diferentes, moravam em locais diferentes, mas eram saudáveis e pareciam-se conosco pela forma como viviam alegremente. De repente, uma mulher idêntica a mim aparecia e começava a falar sobre a cura pelo insumo da cebola, sobre como era um

remédio ancestral e como havia finalmente nos curado da doença. Ela dizia que era o ano de 2050.

“Então dará certo, Nakini?!”.

Ela me olhou paciente e disse:

“Sabe, Turmalina, realmente sabemos mais sobre a cebola investigando cada uma de suas camadas do que olhando somente para a casca”.



Coragem, Antônia

Vitória Maria Matos

“Estou morrendo”. Era o que Yami dizia todos os dias. Aquilo me perturbava. Eu conseguia ouvi-la através da parede que dividia os nossos quartos. Nunca consegui ver o rosto dela. É sabido que os dias se demonstram aos seres em tempos e espaços diferentes. Mas eu queira saber dela. Dividíamos a mesma parede. Queria saber porque ela estava morrendo. Tinha dias que eu vivia só para reparar nos movimentos dela. Por trás daquela parede eu imaginava a menina que sempre dançava aos risos, como uma panela soberba derrama o leite como se risse da parte que perdia, depois que dizia a tão melódica frase: “estou morrendo”.

Eu conheci brevemente a voz dela. Sabia seu nome porque um dia a chamaram da rua. Eu vi esse chamamento em letras garrafais: YAMI. Eu me felicitei com aquele momento. Nos apresentaram assim. Ela a mim, por melhor dizer. Querer saber de Yami virou parte do meu cotidiano e era o que ainda, da vida, me surpreendia. Eu nada sei sobre o entendimento das coisas. Foi parido comigo esse desejo de desentender todas elas. Yami ria e morria todos os dias. E eu desentendia o meu medo, já entendido, da morte. Às terças ela saía antes de mim e eu ouvia, enquanto coava o café, o trinco da porta, a chave encaixando na fechadura. Parecia que nem havia uma parede entre nós. Tinha voz de mulher menina e, quando eu não mais ouvia os passos dela descendo a escada, a cidade morria para mim. Era o seu súbito fim. E eu, mesmo assim, saía em meio ao abandono dessa velhice cretina.

Já era noite quando se acendeu a cidade e o mar cintilava a um quarteirão de distância da minha solidão. Estávamos tão perto, mas não podia tocá-lo, muito menos me possuir daquela imensidão. O mar é o único lugar que nunca estará só. E mar, não posso ser. Do mar só carrego a sua mesma velhice que principia o mundo. E eu escureci feito o céu, e nessa noite Yami não voltou. Tive medo de perder a única surpresa jovem que me mantinha de pé. A juventude tinha de ser perene no peito da gente.

Aquele dia já despertei em abundância. Havia uma movimentação diferente em cada passo que eu dava. Foi o dia em que Yami saiu do quarto, numa quinta-feira, e reparou por um instante, antes do avançar no meio do mundo, nos raios de sol que despencavam do céu feito um rebento

escorregando do útero. O silêncio pairou na cidade inteira (Já não era mais tão cedo para caber tanto silêncio na cidade, visto que ali ela estava). Mas era mais uma descoberta do mundo para ela, que não era o mesmo que vira a semana inteira. E eu nunca tinha reparado no instante que Yami entregava a sua presença pulsante à vida. Ao dia. Ela sabia, com destreza, estar fora e dentro ao mesmo tempo e pulsava no mesmo compasso suave em qualquer dos lugares.

Eu vi Yami. Naquela hora eu reparava no dia que acabava de se apresentar tão sereno. Tinha cheiro de mundo juvenil. Eu me sentia feliz. Ingenuamente feliz. A voz dela soou feito um sussurro: “Antônia?”. Eu fiquei estarrecida, não sabia que havíamos construído uma travessia por entre as paredes que cortavam os nossos lugares de vivência silenciosa. Cada qual no seu tempo destinado para viver o agora. A verdade é que a gente nunca sabe ao certo a hora que despenca do peito o afeto. Eu ouvia todas as manhãs, antes de abrir as janelas, a tua voz rouca dizendo a si mesma: “Coragem, Antônia”. A tua voz era o meu primeiro momento do dia. Eu desaprendi tudo sobre Yami nesse momento. Ela era maior do que a menina que eu ousava dizer conhecer. Yami era, assim como eu, uma mulher muito maior do que todas as expectativas.

Foi de repente que a menina que morava ao lado se deslocou para dentro do peito meu, quando me ensinou que ela já dançava contente a sua morte porque era tudo que ela tinha. E não se enganava porque todo o resto é aquilo que sobra e nos tem. E eu, com tanta idade, me enganava constantemente sobre a infinidade da vida.

“Deixa, Antônia, estou morrendo, estou morrendo!”. E eu, sem muita demora, dancei sobre a epifania de Yami. Eu vivo mulher porque estou morrendo, estou morrendo.

A saga dos nove beijos interpolar das águas

Zeferina

Na calada da noite as estrelas brilhavam, a lua comia o céu. Era abril, mês dos caminhos. Os olhares castanhos cruzados no destino traçado, os papéis dados no semblante do espelho marcado de batom e os lábios desnudos em carne. Duas mãos pretas juntas em corpas difundidas nas potencialidades distintas, porém unicelulares.

Foi no sentir dos afagos que a admiração fundamentava o toque lapidado em chamas que diluía a pele na saliva do primeiro beijo de nove. Queria eu não me entregar aos teus encantos ao vento e você desejava apenas mergulhar nas minhas águas doces sem se afogar. Mas já era tarde lá fora, o tempo comandava a gira, e aqui dentro nós duas conduziámos a frequência dele sem relógio.

Lingeries rendadas ao chão, ela percorria minha corpa em descoberta de si mesma e os líquidos transitavam de suor, seiva, sabores e lágrimas no gozar das cascatas sem pudor. Conduzia, assim, a saga no segundo beijo, seguido pela sequência em reticências na degustação o terceiro. No quarto, de quatro perdíamos a coerência da razão, recambiando a essência nas águas frutíferas de feras adormecidas em ciclos aguçados na sagacidade animal, enquanto o quinto transmutava a libido embevecida no contorno das formas explícitas ao buscar em sexto o beijo. De sete, entre as coxas, o apego arquejava na exploração dos desconhecidos e similares espécimes expostos.

No oitavo beijo eu me desvendava ao pulsar da silhueta que movia no encaixe perfeito das partes mais íntimas à vista, deveras puro deleite e demasia na maciez da pele que sentia a impulsividade impetuosa e eloquente na feitiçaria expelida das duas divinas amantes. Era pele preta minha, era pele preta nossa, lábios adocicados na boca nua, em que os odores fundiam no fluir interpolar das águas derramadas das pretas mulheres, degustação na saciedade entre os pequenos e grandes lábios friccionados que vão e que vem, desfrute de frente ao matar toda sede que fora sugada durante anos por falos heteronormativos.

(R)evolução selada em nove beijos e a cada um revelava a ambas a conexão nas posições do “quebra-cabaças”. Sim, somos duas cabaças na

feminilidade mútua. Cabelos emaranhados em cachos e dedos, nariz largo, em que as mordidas sutis à espreita se davam levemente no pescoço, saboneteiras emergidas na transpiração direcionavam o caminho da boca aos seios, as áureas auréolas escuras, a saliência transparecida na troca, bacias nutridas anunciavam o ventre em ebulição, a chegada ao portal umedecido sem vestes, com a profundidade à mostra, dançantes as ancas grandes disparavam o âmago da alma a florada, labirintos a perder a íris que enxergava no tato a unhas curtas. Corríamos a densidade do caminhar na masturbação, escorregando delicadamente a volúpia ardente formada no elo de mais um beijo. Éramos douradas que brilhavam a luz do luar refletido na janela do quarto.

Ao longe quem passasse ouviria o tilintar dos idés que regiam a íntima serenata orquestrada nos prazeres naturais, molhadas em cima, enroscadas embaixo, onde sentíamos os pelos finos penteados ao dente. Os poros abertos gotejavam os líquidos escancaradamente, em ondas jogando-nos a-mar em cadência rítmica no coração. No gemido do nono beijo soava o som da plenitude, os bicudos rosavam no dedilhar das mãos, cada sensação sem sensatez descabida perante a entrega.

Arrepiados os pelos se sobressaíam e, na ponta da língua, sentir o enrijecer do clitóris era descobrir o princípio do mundo. Os sabores frutíferos de maçã e manga nas duas metades de mamão com mel explodiam no céu boca a dentro.

O gozo escorria no linguajar embucetado dos paladares dispostos, sem demagogia o amor nosso derrubava as muralhas sociais das classes, raças e gêneros. Mães solas, inclusive, independentes em quilombos periféricos à margem. As deusas da diáspora sorriam e alimentavam em afeto a nova era de mulheres pretas rainhas na saga dos nove beijos e selavam o pacto nominal do laço em afeto presente que surgia. Em quimbundo, Kiadi.

Marcaram-se os passos na saga latente e seguiam as rotinas diárias presentes. Uma decisão tomada pelo desejo de viver essa história, mas, como sempre, o enfrentamento necessário perpetuava as dificuldades e às escondidas o encontro se dava.

A preocupação com o alheio foi perdendo força e o cuidado com a família ponderava a relação. A quebra em tempo foi decorrente de lágrimas que não derramaram os feitos de trezentos e sessenta e cinco instantes do nascer do sol e seu ocaso ao lado de Kiadi.

Ampulheta em equilíbrio híbrido de razão e oração, faziam os sentidos a flor desabrochar. Saudade era lamparina acesa.

Mais um dia sem afeto e do pacto despertavam as horas que demoram a passar. Balançadas na gangorra da situação momentaneamente ocasional, foi necessário o distanciamento de ambas em partes.

Os caminhos nos bambuzais do cais da vida à beira de rios, lágrimas e alegrias. Eu atormentada pela lembrança dos sorrisos que não caem na força dos ventos, ventarolas e ventanias. Ela procurava as mensagens antigas no celular para revisitar o que permanecia vivo no espelho de dentro, assim tínhamos o reflexo uma da outra marcado no próprio peito.

A vida envaidecida na beleza do encontro desenhava na mente as duas rainhas, cada qual em seus reinos, porém escutavam simultaneamente o chamado presente que se anuncia.

Era na falta do afago que batia o frio nos pés gelados e, no franzir da noite, a cama ausente. Era o flagelo depor de sussurros enlouquecedores das lembranças em claro e a lua se completava em sol ao céu novamente.

Ao fechar os olhos sua imagem se despe na íris e desenha a face da nossa conexão. O travesseiro recordava o toque da pele macia. O medo da solidão consumia.

Vencemos o medo no decorrer dos instantes que passamos separadas. Perder já não é um obstáculo existente. Pensamos em nós e temíamos pela distância árdua, e as perguntas do certo e errado não faziam mais sentido por hora.

As mágoas presentes nas águas, a purificação e renovação em nossos corações, reavivavam as chamas que nos uniram nessa lida. O risco não tem valia em minuetos disléxicos da mente sã.

Por fim, escolhemos marcar essa história em reconhecimento e reconexão no toque e na troca dos beijos.

A saga dos nove continuava na trinca pulsante a perder na frequência cardíaca, pautada nos olhos castanhos cruzados novamente no reencontro das corpas, que falavam mais da metade do que viam.

Fazia parte do tempo que ganhei comigo mesma e corroía o tempo nosso. Ver para quem gosta é uma necessidade insanável; viver para quem ama é uma necessidade milenar. Nos entregamos ao amor do beijo e

escolhemos a quebra dos valores que não nos representavam mais. Amar não tem gênero. Amar é ser mar na intensidade interpolar das águas.

O fluir das águas sempre será além, mas há pessoas que só sabem amar o que lhes é plausível. Não se pode afogar uma borboleta ao céu, mas se pode ensinar uma lagarta a nadar antes que crie asas.

Não se pode segurar um rio inteiro nas mãos, aprender a sentir e seguir o percurso dele é necessário ao se jogar nas águas sem medo. Há várias formas diferentes de amar e todas elas valem à sua maneira. Ninguém dá o que não tem. Ambas amamos muito nas nossas intensidades e entendemos que não se ama mais ou menos, simplesmente se ama ou não. A prova do elo é o aprendizado. Não seguimos o certo ou errado, pois há olhares diversos perante um mesmo assunto e nada muda o ontem vivido, mas no hoje podemos mudar o amanhã.

E o amanhã para as Kiadis só existe se chegarmos vivas no fim do dia para selar os nove beijos à noite. Ser Kiadi significa afeto, carinho, cumplicidade e lealdade na resignificação dos valores herdados de África. Somos descendentes de mulheres pretas que pregam pela liberdade na resistência e re-existência na escolha de amar.



Pássaro Negro

Marina Farias

Encontrava-me mais uma vez na encruzilhada dos saberes. Quando me deparava com o reflexo nos espelhos pendurados pela casa, reconhecia o desafiador enigma no meu próprio olhar. Passei a enxergar maus agouros nas rachaduras do teto, nos padrões bordados nas cortinas e no pinga-pinga infundável da torneira da cozinha. Entre aquelas paredes desbotadas, aprendi que ali possivelmente moravam fantasmas, criaturas noturnas e desejos secretos que me perseguiram pelos cômodos vazios.

No ano em que a tragédia aconteceu, a solidão era uma dor mais pontiaguda do que a morte, e acho que foi por isso que tantas pessoas pararam de respirar ao mesmo tempo. Se estivéssemos seguros, mas sozinhos, seríamos obrigados a preencher o silêncio com o som dos pequenos estalos no teto e com o zumbido insistente dos mosquitos; infiltraríamos o silêncio com aquela velha paranoia que se ocupa dos ruídos misteriosos na casa e dos sonhos cheios de significados que temos à noite. Por minha vez, eu perturbava a solitária quietude com diálogos imaginários e, antes que eu me desse conta de que estava enlouquecendo, recebi a visita da Bruxa de Vermelho. Com cabelos longos e uma navalha entre os seios, a Diaba me trouxe um presente: pousou sobre o assentamento de Exu um finado pássaro negro. “Essa é a minha mensagem do futuro”, ela disse e, quando levantei da cama e fui até a varanda, lá estava o corpo murcho do bicho.

“Loucura!”, pensei. “A solidão dessa casa sugou o melhor de mim! Fantasiei que uma Peste de Mulher me deixou um Pássaro Negro como anúncio do porvir e, agora, encontro o cadáver imóvel e desalmado no local exato do meu devaneio. Então é assim que descubro na insanidade uma nova maneira de me comunicar com os espíritos do além? Ou será que sempre possuí o dom da premonição?”

À luz do dia, perguntava-me como o pássaro morreu. Decerto despencara da árvore grande que sombreia a casa nos dias quentes de verão e que, no outono, enche de folhas secas as calhas do telhado. Acredito que a ave não suportou o peso da chuva constante, mas posso estar equivocada quanto a isso. Quem sabe o acidente fatal tenha se desenrolado porque o Pássaro Negro, altivo e corajoso, voou diretamente de encontro ao tridente espetado de Exu e cravou no próprio peito três dentes enferrujados?

Animal estúpido, fez da varanda de minha casa o seu local de eterno descanso. Peguei uma vassoura e uma pá quebrada – as únicas que tenho – e varri o corpo de pulmões vazios e coração ferido para dentro de uma sacola plástica de supermercado. Se a pendurasse nas grades do portão, o caminhão da coleta de lixo levaria o cadáver ao anoitecer.

Provavelmente, o Pássaro Negro partiu sem deixar descendentes. Se os deixou, eu não os reconheceria de qualquer maneira. Gosto de imaginar que sua única missão na terra foi a de me alertar para o perigo letal que é estar vivo, encarnar nesse mundo e se tornar uma vítima indefesa do karma. Vou acender uma vela para o meu amado Arcanjo Miguel, contaminar a casa com os perfumes adocicados dos incensos de arruda e sálvia branca, tomar banho de alfazema, me benzer...

“Encontrar um defunto de plumagem preta na porta de entrada”, compreendi, “é um mau presságio”.

A partir daquele evento fatídico, eu rezava um Ave Maria e já o emendava a 108 om namah shivayas. Recorri à fé em todos Eles: no céu, nas estrelas, nos pedidos infantis a cometas de cauda... Fechava os olhos ainda assombrada pela recordação do pássaro negro e, na TV, notícias sobre a pandemia eram disseminadas durante os intervalos comerciais da novela. 636 mortos, milhares de infectados e nenhum telejornal se importava com a minha tragédia: temia reencontrar, repentinamente e sem explicação, o morto na varanda.

Por achar que a voz dela me distrairia de tamanha aflição, passei a telefonar para Joana durante as madrugadas. No início, eu ouvia apenas o primeiro ‘bip’ da conexão e cancelava a chamada me sentindo profundamente traída pelas minhas escolhas. Após alguns dias, Joana achou prudente retomar o hábito de desligar o celular antes de ir para cama, mas, por fim, cedeu às minhas tentativas de entrar em contato e enviou-me mensagem em uma manhã nublada de segunda-feira perguntando se eu gostaria de conversar.

“Me desculpe por não ter entrado em contato antes, Maria”, começou, receosa. “Tem sido difícil me adaptar à nova rotina. Como tem passado?”

Inventei uma dor de cabeça qualquer, um mal-estar interessante, algo que desviasse a minha narrativa das três xícaras de café esquecidas sobre a pia e do corpo inerte daquele maldito pássaro na semana anterior. Listei também cada coisa sem importância entre nós.

“Terminei de ler o livro que você me indicou e os seus óculos-de-sol estão guardados na gaveta do meu armário. Choveu o dia todo. Está chovendo aí também? Preciso temperar o feijão, tirar a poeira dos móveis” - e falando nisso... - “Quando você volta pra casa?”.

Ouvi a hesitação do outro lado da linha, uma sensação incômoda. A verdade é que eu gostaria que Joana sorrisse daquele jeito charmoso, meio brincalhão, e me dissesse “logo, baby, muito em breve”. Porém, hoje eu assumo que Joana buscou, por muito tempo, as palavras adequadas que me ferissem menos.

“Maria... Eu sinto muito” - e pude sentir sua franqueza oscilante - “Mas eu não voltarei mais. E mesmo que nada disso estivesse acontecendo, eu não voltaria”.

“Claro, eu compreendo” - falei simplesmente - “Isso não nos impede de conversar, impede? Ainda podemos ser amigas?”

Joana respirou fundo, rendida.

“Sim, com certeza. Podemos ser amigas” - e acrescentou, sem maldade - “Posso lhe ajudar em algo, Maria?”

Então, contei a ela sobre as minhas superstições, sobre o Pássaro Negro e, pensando cuidadosamente, resolvi contar também sobre a Bruxa.

“Sabe” - eu tecia - “passei tanto tempo me perguntando o significado da ave morta que acabei não me questionando por que aquela Sedutora escolheria justo a mim para receber sua mensagem do além”.

Joana quis saber se eu costumava refletir sobre aquele episódio com muita frequência, se a recordação mórbida do pássaro era o que me tirava o sono. Mal acreditou no meu bocejo cínico e na minha farsante falta de interesse ao dizer “Ah, não, foi só uma coincidência curiosa da qual me lembrei enquanto conversávamos...”. Se Joana sentiu vontade de apontar as minhas contradições, ela não demonstrou.

O acontecimento me consumia. Eu o percebia como o prenúncio de todo sofrimento que estava por vir e, ao mesmo tempo, sentia em tudo aquilo uma certa confiança, uma inexplicável força espiritual que levara a Bruxa de Vermelho a me envolver em sua sombria história de ninar. Teria sido tudo aquilo apenas um sonho, um velho truque da minha consciência? Ou eu havia ultrapassado o véu e transitado entre dois mundos envoltos por penumbra e nevoeiro?

Joana aconselhou que eu descansasse um pouco e diminuísse o meu consumo de álcool e cigarros. De certa forma, ela tinha razão. Eu comecei a dormir menos após o meu encontro com o Pássaro Negro. Rastejava-me cansada e de ressaca pela casa, sentindo um receio constante de esquecer o gás de cozinha aberto, de não trancar os portões com cadeado, de não firmar bem as velas pros santos – “E se uma delas tombar e puser fogo na casa?”. Por essa razão, tinha insônia.

Na noite daquela mesma segunda-feira, pisei mansamente na tronqueira pedindo, acima de tudo, que Exu fosse piedoso. Agradei-o pela vida e pela saúde concedidas e rezei para que eu continuasse desfrutando das mesmas dádivas. Um pouco mais incerta, voltei-me para a imagem da Pomba Gira vestida de vermelho e silenciosamente desejei pelo retorno saudoso e pela companhia confortável de Joana.

Lembro-me de quando éramos mais jovens e ela me dizia “Casa comigo, Maria, vem morar comigo”. Fazíamos de tudo para estar perto uma da outra: tomávamos trens, bicicletas e aviões e usávamos os celulares com suas mensagens instantâneas para nos materializar juntas. Contudo, quando o inverno chegou e tentamos nos unir ao calor uma da outra, parecia que já não queríamos nos ter. Começamos a trabalhar mais e a fumar mais; encontrávamos prazer nos sorrisos de estranhos, mas não víamos o mesmo nos sorrisos que oferecíamos entre os nossos lençóis. Por alguma razão desejávamos estar sozinhas agora que, enfim, formávamos uma família.

Joana me ligou na manhã seguinte para checar se estava tudo em ordem. Espirituosamente, perguntou se eu havia reencontrado o pássaro e me recomendou a página de uma terapeuta famosíssima que com certeza me ajudaria a atravessar momentos difíceis sem dar vazão à irracionalidade. Não pude deixar de ouvir em sua voz o tom condescendente e penalizado de quem se vê de mãos atadas diante de um caso perdido. Por um momento, questionei-me se de fato existiu amor entre nós, mas sozinha na quietude da casa que um dia dividimos, compreendi que talvez o amor não fosse o suficiente para acolher as sombras de outra pessoa.

Àquela altura do campeonato, o Pássaro Negro, a Bruxa e os maus agouros me levavam a uma jornada muito mais profunda do que a simples percepção da finitude e da morte. Ao partilhar com Joana todas as minhas crendices sobre Exus e aves de plumagem preta, eu lidava também com o medo visceral de me descobrir desamparada em meus últimos dias na Terra.

“Não tenho certeza se tenho medo de morrer sem ter você ao meu lado ou se apenas não quero morrer em silêncio, Jô”, expliquei em nossa última conversa. “Às vezes, o silêncio é enlouquecedor, então eu o ocupo com um soluço e mais um gole de você, embriagando-me pela noite a fim de ouvir vozes. Faço serenata para os cães da vizinhança, cantando-lhes em detalhes a história desse meu amor sem futuro. Conecto-me à melodia das ruas, ao barulho dos carros e fumo mais um cigarro. Descubro o seu rosto nas sombras das pessoas que caminham pela calçada, é inevitável... E quando me recordo do pássaro que anunciou o fim do mundo, penso que ele o fez tarde demais. O fim do mundo começou em nossos silêncios, e o tempo parou quando você se foi”.



O voo de Onnab

Suéllen Raquel

Compreendo que o medo habite os seres humanos. Nosso vazio interno é um esconderijo propício para abrigá-lo; contudo, a acrofobia de Lubna é indecifrável e conveniente, pois morando no trecentésimo vigésimo andar da torre de Dedun, ela tem a audácia de me dizer que não gosta de voar em um Ruppell autoguiado. Conheço-a há mais de vinte e dois anos e ainda lembro com clareza daqueles olhos amendoados timidamente me convidando para brincar nos hologramas de Napata. O medo de Lubna não tem nenhuma relação com altura; ela teme conhecer meus planos e sentir-se obrigada a me dar conselhos que provavelmente não seguirei.

As cabras que pastam às margens do Nilo Azul permaneceram indiferentes a minha aproximação, que paio silenciosamente perto do rebanho. Desde que ābati morreu nunca mais havia sobrevoado a região de Tis Abay. Ele gostava de me trazer aqui para ver os primeiros raios de sol na alvorada. Sua voz, mesmo cansada, mantinha o timbre de trovão:

- Onnab, conversei com os Deuses e Eles me segredaram que a inspiração para esculpir o seu rosto veio deste lugar.

Ser uma descendente de Kandake foi a maior privilégio que os Deuses me concederam, mas por nunca o ter desejado se tornou também a minha maior maldição. Por mais que não quisesse pensar dessa maneira, foi a morte de ābati que libertou meus desejos da última amarra que os prendiam. Lubna sempre me advertiu: “Procurar caminhos que não estão escritos no nosso destino é apenas escolher a parte mais íngreme da montanha para desfrutar do mesmo cume”. A sensatez de suas palavras por vezes me enfadava.

- Entrar no sistema integrado.

[Autenticando comando de voz. Aguarde. Bem-vinda, Onnab]

- Olá, Onnab, pensei que havia se esquecido de mim. No que posso te ajudar?

- Menhit, direcione o Ruppell para a torre de Dedun e envie uma mensagem para Lubna indicando o tempo estimado da minha chegada. Abra o controle de transporte da encomenda que fiz ontem e verifique a rota de entrega.

– Deseja escutar música no trajeto?

– Não, mas coloque no holograma o jogo de seega na dificuldade oito.

Ābati só aceitava jogar no tabuleiro de madeira. Concentrava-se ao máximo e franzia o cenho de uma forma muito engraçada. Suas jogadas eram muito previsíveis, mas eu fingia bem e, por vezes, o deixava ganhar. Ele conduzia propositalmente o jogo para uma virada da qual se gabava por semanas.

– Lubna recebeu a mensagem e respondeu: “Espero que venha me trazer boas notícias” – ela sempre consegue empregar um dúbio tom de censura e acolhimento na mesma sentença – A encomenda foi retida no vale de Mapungubwe. A nota do sistema de controle informa que a circulação do produto é proibida no Reino de Núbia e que o valor integral do pagamento foi estornado.

– Que absurdo! Por que não me informaram isso quando executei a compra? Menhit, redija um comentário de reclamação e atribua a pior nota no aplicativo.

A torre de Dedun é um belíssimo monumento arquitetônico piramidal. Lubna não se cansa de falar das maravilhas do apartamento e da gigantesca piscina que imita as paisagens do Nilo.

[Pare o veículo no local indicado. Iniciando checagem de segurança. Liberação confirmada, ocupar vaga RB-018 no setor de visitantes]

No elevador panorâmico ensaio as palavras que usarei com Lubna. Tento prever suas respostas e elaboro bem as minhas trélicas. Gostaria apenas de abraçá-la com força, escolher um filme com uma boa experiência interativa, preparar uns Chechebsas com sabor de infância e passar uma tarde despreocupada com risos bobos e ideias extravagantes. Tudo se passou tão rápido que, por vezes, me perco no tempo. Minha amiga, como sempre, se saiu bem melhor do que eu.

Lubna é uma verdadeira Kandake. Mesmo quando sua marca não está visível ela transparece na aura a alma de guerreira. Em contrapartida sempre tratei o meu futuro com pouco interesse. Ābati me repreendia constantemente e dizia que: “Somente as crianças podem se perder imaginando aquilo que não são”. Tenho uma saudade devastadora da minha infância, uma época na qual cultivava a ideia de imortalidade dos meus pais e desembaraço da vida.

– Gastou uma fortuna nesse Ruppell e ele não consegue programar a rota para a casa da sua melhor amiga? – ela estava com belas tranças rastafaris e me esperava encostada no umbral da porta de passagem.

– Nem foi tanto assim – abro os braços e Lubna se acolhe com afeto e preocupação. Sinto exalar do seu corpo um cheiro agradável de mel e prótea
– Adorei as tranças. Você está linda.

– Estou com elas há mais de cinco meses – era uma forma de queixar-se da minha ausência.

– Precisava desse tempo, Lubna. Entendo sua preocupação e agradeço por tudo que fez enquanto estive fora...

Ela me interrompeu com um gesto de advertência e com um olhar de cautela mirou os dois lados do corredor.

– Vamos conversar lá dentro.

Não era apenas o cabelo de Lubna que estava diferente, pois seu apartamento também parecia outro: as poltronas flutuantes foram substituídas por longos quadrados estofados, o novo painel interativo tinha cinco vezes o tamanho do antigo e um pequeno labirinto dinâmico se movia, provavelmente um brinquedinho novo de Nefasta, e lá estava ela, se espreguiçando com as costas erguidas na sua indiferença felina.

– Sente-se. Mudei algumas coisas por aqui, mas a hospitalidade é a mesma.

Quando fiz o movimento de abaixar o assento se levantou automaticamente. Dei um pequeno saltito. Minha amiga sacudiu a cabeça e caiu em uma gargalhada atrevida.

– É sensorial. Vai se ajustar à sua altura e peso.

Quando o ar risonho se dissipou, Lubna me fitou com um olhar que me deixou desconsertada e inquieta. A conversa ensaiada no elevador havia se perdido nas sensações paralisantes que dominavam meu corpo - sentia frio e calor ao mesmo tempo, empolgação e retração, euforia e medo.

– Não vai me perguntar como foi a viagem?

– Não! Só espero que tenha deixado por lá aquelas ideias absurdas.

– Como poderia, Lubna? Elas não estão dentro de mim. Elas são parte de quem sou.

– Pelos Deuses! Você é uma Kandake da mais alta dinastia. Isso é tudo quem você é.

– Durante toda a minha vida acreditei nisso.

– E deixou de acreditar no destino que os Deuses te presentearam por causa de um Zulu?

– Não seja injusta! – não me lembro de ter usado um tom tão severo com Lubna antes – Estou cansada de ouvir que meu destino é um presente, uma dádiva, o desejo dos Deuses para a minha vida. Isso sempre me consumiu, muito antes de ele aparecer – Ābati sabia das minhas fraquezas e dizia que eu gostava do céu porque meus pensamentos tinham asas.

– E aonde você acha que esses voos te levarão? O destino dos povos que moram para além dos oceanos pertence aos homens e é por isso que eles são castigados constantemente. Nossa ancestralidade é o escudo que nos protege todos os dias, Onnab. Cada um de nós deve assumir a responsabilidade com o nosso povo.

– Acha realmente que a Nação Zulu não é nosso povo também?

– Eles escolheram abrir as portas para o perigo, comprometeram nossas fronteiras, amaram mais o ouro do que os ensinamentos, olham mais para o futuro do que para o passado.

Com seu ar severamente bondoso, Lubna se sentou ao chão, próxima aos meus pés, e repousou a cabeça no meu colo. Com a voz mais suave, prosseguiu:

– E mesmo que ele fosse um núbio, isso não mudaria nada, você é uma Kandake. A guerra é nosso único amor possível.

– Lubna, por favor! Qual guerra? Estamos condenando nossas vidas por causa de uma realidade que nunca acontecerá. A minha escolha é tão irrelevante. Que poder tenho para destruir nosso Reino ou ofender nossos Deuses? Todos os dias uma solidão devastadora me devora, você não faz ideia.

– Acha mesmo que não faço ideia? Que não tenho desejos, inclinações próprias, curiosidades, sonhos? Nossa dinastia se manteve impenetrável porque cada núbio sabe a importância de se sacrificar pelo todo. Se sua escolha é tão irrelevante como diz por que não a abandona? Essa fantasia de

insignificância não veste bem uma Kandake. Assuma pelo menos a grandeza do seu egoísmo.

Enterrou seu rosto nas minhas pernas e chorou desesperadamente. Acariciei sua nuca com o toque mais gentil que meus dedos podiam produzir, enquanto Lubna inflava repetidamente os pulmões para não se afogar nas próprias lágrimas. Não chorei. Era uma despedida de alguém em vida, pois sabia que nunca mais a veria novamente; entretanto, fora da sombra da morte o “nunca mais” tem um peso suportável. Cerrei os olhos e deixei que todo o mistério daquele momento me envolvesse. Estava construindo uma memória eterna.

– O que eu farei sem você aqui, Onnab?

– Tudo aquilo que seu coração desejar, minha linda guerreira – ergui seu rosto e o segurei entre as minhas mãos – Lubna, agradeço aos Deuses por terem cruzado nossos caminhos quando Eles escreveram o destino dos Homens.

Abracei-a com força e ternura. Nefasta percebeu o calor da cena que se passava e veio se aconchegar entre nós duas. Seu pelo felpudo e a sua necessidade de prioridade fez com que ríssemos de forma sincronizada. Decidi não revelar à Lubna que meu ventre gera e nutre o peso determinante da minha decisão. Ela ficaria feliz em saber que darei à minha filha o seu nome; contudo, não depositarei mais essa preocupação em sua alma. Ela me acompanha até a passagem, e aqui é a bifurcação de nossos caminhos, onde não cabe mais nenhum abraço, onde tudo já foi dito e sentido. Do elevador até o Ruppell o tempo transcorreu em uma velocidade retrógrada.

– Entrar no sistema integrado.

[Autenticando comando de voz. Aguarde. Bem-vinda, Onnab]

– Olá, Onnab. Você tem cinco novas mensagens de Takatifu. Deseja respondê-las agora?

– Não, Menhit, responderei depois. Programe a rota do Ruppell para a tumba de ābati.

Lubna havia me abençoado com sua compreensão, mas isso não me absolvía de buscar, na presença espiritual de ābati, a condenação dos meus erros.

A cor do filho

Anna Cristina Almeida

Mãos postas sobre o ventre. Embora ainda pouco bojuda, a negra já abraça seu rebento.

– De que cor será meu filho? – suspira e reflete. – Será preto como a mãe, vermelho como o pai. Será da cor da noite que chegou agorinha. Terá a cor do chão de Santa Justina, barro batido de Mangaratiba. Cor da terra quilombola. Terá a cor das águas do igarapé Eware, cor de urucum colhido em Umariacu. Cor da gleba Tikuna...

Nunca, nunca queria um filho cinza como a cidade! Pensa que ele pode ouvir seus pensamentos, tamanho o silêncio. Sente o pulsar no abdômen. O filho quer ser da cor do vento que corre léguas, que curva a encruzilhada, que beija seus olhos marejados. Ela roga:

– Que mãezinha lhe ajude: o proteja do roxo do medo, o livre do amarelo da fome!

Dedos percorrem passos em volta do umbigo, em volta do seu mundo todinho. O filho vai ser da cor do sol que acaba de acordar um novo dia. O filho será da cor da chama que ninguém consegue conter. Coragem é a cor que o filho vai ter.

Herança Ancestral

Joyce Viana

Quando me lembro de minha vó - “A bença, vó!”, “Que meu Pai abençoe a bença, minha filha”. Lembro de seu andar devagarzinho, suas mãos escuras a tatear as paredes de nossa casa. Buscava claridade em meio à escuridão que lhe cercava. Tomava seu banho, sentava em seu banquinho e ali ficava por horas, o dia inteiro de cabeça curvada. Datava da morte de Seu Aduauto aquela curvatura, a voz baixa...

- Ô, véia! Levanta a cabeça, véia! Uma mulher de Xangô de cabeça baixa! Levanta a cabeça véia!

Afogada em suas saudades, vovó quase não ouvia a gente, ou fingia não ouvir, o que é próprio da sabedoria dessa idade... Eu mesma não sei dizer se vovó nos escutava...

- Ô, Juraci... Minha mãe, nem mesmo depois de Deus tirar a visão dela, abandonou a fé! E você aí reclamando pelos cantos... Já dizia minha mãe: “Eu não sei... Não consigo entender por que Deus fez isso comigo, Jane! Que tirasse tudo de mim, mas tirar minha visão? Me sentenciar a essa escuridão?”.

Minha tia continua:

- Com chuva ou sem chuva, Juraci, quando dava a hora dela ir lá pra cima, pro Barracão, minha filha, não tinha quem a convencesse do contrário!

Quando mandavam a gente limpar os cômodos da casa de vovó, meus olhos de erê brilhavam de excitação! Eu poderia folhear todos aqueles livros antigos, bisbilhotar os armários, inventar as histórias por detrás daquelas bebidas empoeiradas da sala, aquelas bebidas... Eu não entendia o porquê de minha vó ter tanta garrafa de cachaça se ela mesma não bebia, eu não entendia... Até ver a Casa de Exu. “Meu Deus! Pensar que eu já fazia isso desde menina...”. Fora que vovó tinha duas estantes enormes cheias de mini Budas e eram Budas de todas as cores: amarelos, azuis, verdes... Eu nunca entendi o porquê daqueles Budas todos, eu nunca entendi até entrar na Casa de Preto Velho. “Minha filha, eu também não sei... Eu acho que sua vó achava bonito. Ela fazia disso aqui a casa dela...”

Era um empurra-empurra! “Carol! Eu que vou limpar o quarto dela!”. Tudo isso pra ver quem iria limpar a cabeceira. Tantos perfumes coloridos para usar, tantas maquiagens, tantas perucas e um mistério que eu não ousava tocar... Era no canto esquerdo da cabeceira que jazia o mistério: uma garrafa plástica com uma cobra amarela dentro de um líquido esbranquiçado. Eu nunca entendi o porquê existia uma garrafa com uma cobra amarela no quarto de minha vó. Eu nunca entendi e, na realidade, esse mistério não me foi passado até hoje.

- Ah! Sua vó passava isso no corpo quando... Eh... Ela passava e pronto!

E eu continuo perguntando:

- Mas a senhora usa, tia?

- Eu?! Eu mesma, não!”

Aqueles perfumes de vovó... Um dia eu acho que passei demais...

- Olha, filha, o que sua vó comprou pra você! Um perfume... Verde?

Nesse momento desejei andar nas pontas dos pés e sair dali. Ela descobriu o meu segredo, pensei de olhos fechados. Respirei fundo e devagarzinho fui buscando seu olhar. Quando os encontrei, ela me devolveu uma piscadinha (Ufa!), e respirei aliviada. Minha vó não me botava tanto medo quanto botava nos mais velhos. Ela não era brava comigo, mas um dia tive medo! Foi quando passei que nem ventania pela sala e meu pé enganchou no emaranhado de fios que corriam por trás daquelas duas grandes estantes cheias de mini Budas! Eu vi aquela queda em câmera lenta, com o grito alucinado: “Corre! Corre que é hoje que a gente apanha!”. Grito transmitido pelas batidas do meu coração! Nesse momento escuto: “Gabriela, venha aqui agora. Gabriela!”. Finalmente o grito que eu já esperava... Nesse dia, dormi ardida, mas foi da mão de meu pai.

Hoje é estranho entrar no quarto de minha vó. Não tem mais a cabeceira nem aqueles perfumes... A única coisa que ficou daquela época foi o mistério.

Pé de Vento

Oyá Denan

Anos atrás, quando eu ainda batia na cintura da minha avó, Dona Conceição, ela me contava histórias enquanto tentava trançar meus cabelos.

— Você é feita de ventania, menina! Parece um pé de vento!

Ela me dizia que eu saía correndo portão a fora e não olhava para trás. Pisava no chão firme como se soubesse que o mundo é mundo e qual é o meu lugar. Naquele tempo eu não sabia o que ser feita de ventania significava, mas desde então eu sentava na janela da casa dela no final de tarde e ficava olhando como o vento dançava com as árvores e como a brisa acariciava meu rosto. Um dia, em tom convidativo, questionei:

— Minha vó, se a senhora diz que sou feita de ventania, posso sair por aí ventando pelo mundo afora?

Ela riu. Negou com a cabeça e me mandou aquietar. Dona Conceição sabia que eu tinha entendido o recado.

Deitei a cabeça no travesseiro, suspirei baixinho e clamei:

— Ventania, seja quem for a senhora, me deixa conhecer o mundo?

Fechei os olhos e adormeci. Naquela noite eu conheci Oyá.

Fitilho

Marli Aguiar

Sou um ser estranho e vivo enrolado fio a fio, sempre quieto no meu canto. Sou feito de um material flexível, liso e brilhante. Me derreto quando me dão amor, principalmente quando ele vem em alta temperatura, e aí me dissolve todo. Posso ter várias aparências: branco, preto, verde, cinza. Alguns me desejam mais fino, outros mais grosso, isso vai de acordo com o freguês e a função que irei exercer. Alguns gostam de me chamar de fita, outros de cordão, e há aqueles que me chamam de barbante, mas isso não sou. Sou diferente, e quem convive comigo a diário sabe quem sou. Normalmente, entrelaço corpos grandes, recém-saídos da máquina. Ela faz todo o trabalho de compactar, deixar o objeto bem juntinho, e depois eu venho com meus braços longos e sedosos. E entrelaço aquele corpo grande, expeço.

Olho para a máquina e a vejo se alimentar, se deliciar com o que está dentro dela. Ela controla tais objetos com prazer, com fome e, com toda a força e, ao mesmo tempo ternura, ela os envolve, e de várias partículas tornam-se uma, uma única peça, grossa, grande e pesada, na maioria das vezes pesando mais do que um corpo humano. Depois que ela – a máquina – se alimenta, amassa, abraça e dobra, eu entro em ação e faço a minha parte. Me envolvo todo naquele corpo para dar segurança e firmeza. Me retiram do casulo e pouco a pouco vou me esticando e me entregando. Eles – os homens – precisam de minhas cerdas, de minhas mãos. Pensando bem, é um belo trabalho coletivo, mas é certo que precisam de mim, é certo que sou indispensável. E, para carregar o fardo, são necessários vários braços de mulheres e homens fortes, e dar equilíbrio certo para a coluna ficar ereta. Para que eu seja eu, preciso também da união de muitos, fio a fio para ser forte e aguentar tanto peso. Quase nunca quebro, sou bom no que faço. Posso

aguentar uma mesa, um fardo, uma árvore, um homem... Ah, os homens?! Às vezes eles utilizam de minha força para várias coisas. É curioso como precisam de mim, e sempre estou à disposição, mesmo às vezes não entendendo ou sabendo o motivo, ou qual a função que irei cumprir no momento.

Um dia desses estava eu no meu canto, quieto e encolhido, descansando e me escondendo do frio, e vi que um jovem estava inquieto há dias. Torcia para que ele não precisasse de meus serviços ou de minha ajuda. Andava de um lado para o outro, ronronando sei lá eu o quê. Sem que eu me desse conta tirou-me do casulo, melhor, tirou uma parte de mim, uns metros. Ele esticou e se certificou de que eu aguentaria um fardo, ou seja, um corpo mais pesado que de um homem. Olhou, testou e devolveu-me para o mesmo lugar. Passaram-se alguns dias. Chuva, frio, dias cinzentos e mais tristes, e me esqueci daquelas cenas, mas logo ele retornou, pegou-me novamente com força e raiva, juntou-me em suas mãos e colocou-me em seu peito. Sua ansiedade era tão forte que dava para sentir e ouvir as batidas de seu coração quase que saindo pela boca.

O jovem, em silêncio me olhava como se eu fosse seu grande amor, ou a solução de todos os seus problemas. Não imaginei tamanha coragem. Eu tive medo, mas não pude recuar e segui o imaginário daquele garoto – tão jovem, tão bonito, tão trabalhador, tão homem, tão negro e tão só. Queria eu gritar alto para dizer que eu estaria com ele, dizer que ele não estaria sozinho em última instância, naquela noite escura, fria e chuvosa. Aquele estado também dificultou um pouco as coisas, pois tudo poderia ter sido mais rápido – mais rápido?! Acabar com aquela tristeza de um menino-homem, que via seu destino nublado, talvez mais que o céu cinza da cidade naqueles dias.

Em um dado momento eu dançava em suas mãos trêmulas, em seu suor misturado a lágrimas, ao desespero. Eu escorregava entre seus dedos pelo chão molhado, mas ele me tomava com força, misturada à água e lama. Eu não

queria competir, mas ele queria mostrar quem mandava naquele momento. E eu, humilde e obediente, deixei que tudo fluísse. Ele precisava de meus serviços e de minha ajuda, então, mesmo contrariado, aceitei o desafio. O pequeno grande homem parecia mais forte do que eu e, quando estávamos intimamente entrelaçados, eu envolvido em seu corpo, ele contara parte de sua vida ou do pouco que dela restava. Falava de seus pais, em especial de sua mãe. Falava do abandono, das alegrias, das tristezas e dos amores mal vividos. Contou-me das suas poucas alegrias e de suas lutas do dia-a-dia, de sua infância, da sua vida de criança, dos abandonos e de como esse era o fardo mais pesado do que aqueles que carregava e guardava todos os dias no galpão. Eu só ouvia. Ele seguia me envolvendo em seu corpo e em suas histórias, e eu pensava comigo: “Há outra saída”. Mas já era tarde! Eu estava mais envolvido do que se podia imaginar, já fazia parte de seu corpo, de suas histórias, de sua pele. Já estava em seu dorso, em seus braços, até o pescoço. Aquela luta no enrolar do corpo, roupas, pele que ora afrouxava, ora apertava, e a ânsia do jovem em concluir aquela grande tarefa do dia. Tentei evitar, aliviar, mas ele estava decidido. Ele disse que eu seria seu último recurso, pois as várias outras tentativas não deram certo e nenhuma das gotas amargas, ardentes e mortíferas tragadas durante semanas o haviam recebido com tanta desenvoltura – e olha que foram muitas vezes e grandiosíssimas doses. Então, percebi que realmente ele era forte e corajoso e, apesar de tudo que contou de sua trajetória, eu teria que mostrar compostura e respeito. Porque, para mim, uma simples “fita”, como muitos me chamam, foi difícil ouvir tudo aquilo. Por outro lado, eu não queria carregar a culpa de tal ato.

Como já disse, tentei evitar, mas os finos tecidos que compõem meu corpo foram entrando em sua pele negra, cortando outros tecidos que não os meus. De repente, traço... Um silêncio ensurdecedor. Apenas senti todo o peso de seu corpo tendo que sustentá-lo, uma parte na pilastra

e a outra sobre um fardo de papelão. Aquele corpo Preto, como um boneco de tecido, pendurado e marcado com 179 nas costas. Logo, um zum, zum, zum, o olhar triste e inconsolável do amigo, as vozes dos vizinhos, os latidos dos cães, as sirenes da polícia. Os peritos. Esses não estavam tão preocupados, mas querendo se livrar logo daquela situação. O amigo ouviu: *Esse não dá ibope. Um Preto a menos. Investigar? O quê? Um Preto, jovem catador? A que valor?* Logo, outro silêncio e indignação. Eu, como não tive nada a ver com aquilo, apenas tentei ajudar o jovem. Após algumas horas em suspenso, soltaram meus braços finos e fortes, mas cansados de estar naquele corpo, naquela pele, no pescoço do pobre rapaz. Descansei quando seu corpo de boneco de tecido ficou nos braços de seus companheiros de trabalho e estirado no chão, sem sopro de vida. Agora onde se ganhava o pão descansa o corpo e a mente do menino-homem, no chão de água, lama e papelão onde se ganhava o pão.



O começo do mundo

Tatiana Dias Gomes

(Em homenagem a Ludgero Prestes)

Benedito Prestes vestiu-se com mais vagar do que de costume. Pôs calça, camisa, colete, paletó e arrematou com um nó a gravata. Lustrou os sapatos, ainda que fosse a primeira vez que os calçava. Lembrou-se das abotoaduras que ganhou do jornalista, na oportunidade de sua formatura como professor primário, dois anos antes. Conhecia-o desde menino, desde aquele outubro de 1897.

O jornal Estado de São Paulo o enviara como correspondente para relatar os extraordinários acontecimentos iniciados em outubro do ano anterior, no coração do Brasil, que assombravam o coração da República. Uma aliança negro-originária, um amálgama de vários cantos do Nordeste, vivendo num arraial às margens do Vaza-Barris, derrotara três expedições bélicas do Exército Brasileiro.

Benedito estava acorado no chão junto às outras crianças e mulheres sobreviventes. Seus olhos enleados, seus braços e mãos apertados contra as pernas fubazentas, seu pequeno corpinho encaramujado, tudo nele denunciava o pavor, a desolação e a incerteza que tomavam conta daquela multidão trazida por Beatinho ao encontro do General Artur Oscar, comandante da quarta expedição enviada para aniquilá-los(as).

Beatinho, cuidador dos santos e santas da igreja do arraial, foi degolado ali, diante de todos(as), traído pelo militar que lhe deu garantia de vida. Benedito soltou as pernas e escondeu o rosto com mãos, num ato abrupto e involuntário, o que chamou sobre si a atenção do general. “Jaguncinho, levante-se!”, ordenou-lhe. Era a primeira vez que um branco fixava os olhos sobre ele e lhe dirigia a palavra.

O menino fitou a multidão desmantelada em busca de alguma orientação para agir, mas sabia-se só, profundamente só. Seu pai e sua mãe tombaram na última expedição. Temia ser o próximo a ter a sina de Beatinho. Ergueu-se com dificuldade, tentando vencer a paralisia que lhe tomava.

O general emitiu nova ordem: “Vá com o jornalista!”, apontando-lhe um homem que anotava incessantemente em uma caderneta. Ao jornalista disse, com satisfação: “Receba-o como uma viva recordação do nosso fabuloso êxito sobre essa subraça!”. O jornalista titubeou por alguns instantes, mas logo se convenceu da utilidade da oferta. Teria sob sua tutela uma testemunha fundamental do que vinha anotando há dias, a quem sempre poderia recorrer quando lhe escapasse algum fato ou nome.

Seguiram em marcha rumo a Monte Santo no dia seguinte, enquanto o horror genocida se estendia sobre os(as) Outros(as) que ficaram. A degola era friamente aplicada aos demais homens sobreviventes. Mais mulheres e crianças eram distribuídas como se espólios de guerra fossem. De Monte Santo, nova marcha até Queimadas para tomar o trem com destino a Salvador. De Salvador, embarcaram em um navio até o Rio de Janeiro. Do Rio, mais um trecho de trem até São Paulo. Durante a jornada, o jornalista mantinha o hábito de anotar em sua caderneta.

O menino considerava aquilo curioso - conhecia aqueles instrumentos por vê-los nas mãos de poetas e comerciantes do seu lugar -, mas a curiosidade era suplantada pela profunda compreensão do que vivia e, por mais que quisesse saber o que o jornalista escrevia, não dizia uma palavra. Para não se deixar trair por nenhum impulso, imaginava naquelas páginas desenhos de carcarás, preás, xique-xiques, mandacarus, faveleiras, umbuzeiros, caraximbós, cambriaçus e carapebas.

O último ano, em que vivenciou os horrores dos ataques patrocinados por aqueles homens que ele não sabia de onde vinham, debilitou em muito a sua saúde e tenacidade de menino. Tinha acessos de febre. Estava sem seus pais, na companhia de um estranho, que lhe dizia:

“Jaguncinho, livre-te das mãos dos bárbaros. O que faço, na verdade, é muito bom. Conduzirei-te a São Paulo.”

A princípio, desejou reagir. Não sabia exatamente o que significavam aquelas palavras, mas reconhecia o tom triunfalista na voz do homem. Por fim, elegeu, como forma de resistir, resignar-se com a viagem em silêncio. Em São Paulo, o jornalista, amuado com a mudez do menino, entregou-o a um amigo, Gabriel Prestes, diretor da Escola Caetano de Campos. Benedito nela foi matriculado e recebeu o sobrenome Prestes nos registros. No campo destinada à filiação, arrancaram-lhe a original: “ignorada”. Seu local de nascimento foi anotado como Bahia, sem qualquer referência à cidade natal.

Invadido por essas lembranças, Benedito Prestes sentia raiva. Toda a sua vida após deixar seu arraial à beira do Vaza-Barris parecia-lhe uma mentira. Uma mentira que lhe devorou seus desejos de rio e de passarinho. Sentia ódio do general, do jornalista, de seu tutor.

Ao se alfabetizar, pôde ler o que escreviam em livros e jornais sobre os seus. Não sucumbiu às representações distorcidas; todavia, sentia ódio de si mesmo, desesperava-se por ter se calado diante dos insultos. Sentia raiva de si mesmo por considerar-se privilegiado em meio a toda a catástrofe de seu arraial. Para a maioria das crianças como ele, tornar-se professor primário era algo improvável.

Benedito hesitou. Por um instante, cogitou desistir do casamento, mas a humilhação que seria para Antônia o conteve. Ela não merecia, ele não merecia mais uma experiência rarefeita de amor. Desfez-se das abotoaduras, arremessando-as com força pela janela em direção à rua que, àquela altura, já estava apinhada de gente. Rapidamente, foram recolhidas por um transeunte que foi atraído pelo brilho do ouro ao sol. Sorriu com o achado e guardou-o no bolso da camisa. Benedito assistiu à cena e agradeceu, murmurando, ao desconhecido.

Livrava-se de um objeto que o devolvera ao seu labirinto de auto-ódio. Benedito saiu de casa e tomou o bonde em direção à casa das audiências. Casaram-se diante de algumas poucas testemunhas, parentes de Antônia. Ao proceder à lavratura do Livro de Registro de Casamentos, o Oficial do Cartório, no assento, fez constar:

“Aos dois de maio de mil novecentos e onze, às dez horas da manhã, em casa das audiências, o juiz Anacleto Moraes, presentes o mesmo juiz comigo oficial efetivo e as testemunhas Francisco da Cunha Lima e Cecília Soares da Cunha Lima, receberam-se em matrimônio Benedito Luiz (filho de João Luiz e Maria Luiz), com 21 anos de idade, natural de Canudos - Bahia, residente na Rua Coimbra, 13, Brás, São Paulo - São Paulo, e Antônia da Cunha Lima (filha de Francisco da Cunha Lima e Cecília Santos da Cunha Lima), com 21 anos de idade, natural de São Paulo, residente na Rua Visconde de Inhomirim, 32, Mooca, São Paulo - São Paulo. Em firmeza do que eu, Vicente Sapucaia, lavrei este ato, que vai por todos assinados”.

Estava vingado. Benedito Prestes deixara de existir.

A coroação

Sonhadora

De repente é maio de novo. Mês de Maria. Ainda se fala assim? Tenho minhas dúvidas nesses tempos tão estranhos de incerteza, de falta de fé e de sonhos.

Quando penso em todos os maios que já vivi, as lembranças me invadem sem pedir licença e eu, sem graça de dispensá-las, permito que elas me envolvam, fortalecendo os sentimentos que me tornaram a pessoa que sou hoje.

Os maios fazem-me com que eu me veja pequena, cabelo dividido em quatro partes - que eram trançadas firmemente por minha mãe e finalizadas com um laço de fita -, brincando muito de panelinha, pique-esconde, pulando corda, soltando pipa e entrando em casa somente quando a contragosto entendia, pelo tom de voz da minha mãe, que não tinha outro jeito.

Ia para a escola a pé e sozinha, num tempo em que isso não era perigoso.

A escola era pública. Isso significava que era frequentada por alunos que não tinham tudo que queriam. Eu, por exemplo, não tinha um sapato chamado “boneca”, que tinha uma tirinha atravessada no pé e era a minha paixão

Às vezes eu levava pão com açúcar de merenda, na falta de um recheio mais criativo. Lembro que uma vez não comi tudo e, não sei como, a sobra ficou nas coisas de uma colega. No dia seguinte ela levou para mim um inesquecível pão com mortadela e me deu sem dizer uma palavra. Nem precisava.

Eu era uma aluna sem destaque nenhum. Lembro que tinha horror à Matemática. Não acertava de jeito nenhum as benditas contas que tinha que fazer no quadro e que valiam nota. A professora pacientemente mandava que eu sentasse no fundo da sala e aguardasse todos fazerem para me chamar novamente. E... nada! E eu chorava e chorava. Mas em compensação só tirava dez em caligrafia, o que fazia com que eu desenhasse cada vez mais as letras, coisa que faço até hoje.

Lembranças quando vêm não se organizam por assuntos e locais. Vêm misturadas. Por isso, no meio disso tudo, lembro que eu não ganhava de presente bonecas ou outros brinquedos. Como faço aniversário em março os meus presentes eram os livros, os cadernos, os lápis. Passei muito tempo odiando esses presentes. Nem me lembro quando me dei conta de que foram os melhores presentes que ganhei. Mas eu senti tanta falta de não ter ganhado bonecas e outros brinquedos. Falava tanto com minha mãe que lá por volta dos meus vinte anos, burra e velha, como ela dizia, tive o tardio prazer de ganhar de presente de natal uma boneca.

Mas e a escola? Dela eu voltava feliz quase todos os dias. Quando estava chovendo, vinha caminhando rente ao meio fio da rua só para molhar inteiramente os sapatos e os pés. Bom também era dar uma passadinha na casa onde minha mãe trabalhava como doméstica para ficar sentadinha num banco da cozinha, vendo-a trabalhar e ouvir sua patroa dizendo: “dá alguma coisa para ela comer”. Ah! Eram ótimos programas.

Mas existiam coisas mais sérias. A coroação de Nossa Senhora. Era o acontecimento do ano. Os anjos eram escolhidos a dedo entre as alunas. Não sei qual era o critério. Só sei que eu nunca era escolhida. Como tinha anjos de todos os tamanhos, eu não perdia a esperança.

Todo ano, quando se aproximava o mês de maio, eu me preparava para ser escolhida. Sonhava em ficar na fila junto com os outros anjos esperando a hora de fazer o cortejo que cercaria o altar onde estaria Nossa Senhora, esperando para ser coroada. Nós a protegeríamos e, antes de sairmos, cantaríamos a música que eu sabia de cor, porque ano após ano eu assistia a coroação não do lugar que queria, mas longe, junto dos espectadores que assistiam àquele momento que, para mim, era mágico.

Ó Virgem Santa, com que pesar
Daqui a pouco deixaremos teu altar
Mas antes da partida ó mãe querida
Vimos pedir o teu doce olhar
O teu olhar
O teu doce olhar.

E ela não olhava para mim. Me ignorava.

Poxa. Eu ia à missa todos os domingos - se bem que éramos obrigados. A escola era dirigida por freiras. Tínhamos que levar a caderneta para carimbar “missa”. Agora, distante disso tudo, tenho certeza que a fé não pode ser quantificada, registrada em cadernetas. Ela tem que ser carimbada dentro de você. Mas tudo tem o seu tempo. Eu ia, olhava para Nossa Senhora e esperava.

Será que é por que sou preta? Só pode ser. Me dei conta disso porque todos os anjos sempre eram brancos.

Queria ser audaciosa. Pedir para me escolherem ou perguntar porque não me escolhiam. Mas não fazia nada disso. Eu era preta e muito tímida, resultado de uma educação que não me permitia abrir a boca para questionar nada. Era acostumada a ficar isolada em festas de aniversários para as quais era convidada, mas onde não conseguia me sentir bem nem me inserir nas brincadeiras. Eu era diferente. Era preta, mesmo com o capricho com que minha mãe me arrumava para que eu não fizesse feio nos lugares aonde ia.

Passava as férias na casa dos meus avós. Queria brincar na rua, fazer novas amizades, me divertir para ter o que contar quando voltasse para casa. Mas era rejeitada. Se alguém quisesse brincar comigo logo era criticado e eu ficava sozinha. Voltava para casa e não contava para ninguém, porque essas coisas são muito difíceis de contar e de escrever também.

Acho que desisti de ser anjo. Era melhor não ser nada, ser insignificante. O tempo foi passando até que se aproximou de novo o mês de maio. Nem me interessei. Sabia de cor e salteado as regras: só brancas. Mas não é que aconteceu uma coisa diferente? Me chamaram! Nunca soube o porquê, mas me chamaram.

Incorporei literalmente um anjo porque voltei para casa voando para contar a notícia que já não fazia parte do meu imaginário. Os ensaios passaram a ser o momento mais esperado do dia. Quando experimentei a roupa, coloquei as asas e a coroa ornamentada de flores pequenas. Me senti plenamente feliz. Uma felicidade que estava bem longe no meu horizonte de criança de repente chegou bem pertinho e encostou no meu coração.

Nas vésperas da coroação, tínhamos que levar tudo para casa para fazer algum retoque que fosse necessário. Tudo pronto e colocado em cima da cama. Fiquei de sentinela como um cão feroz, mas apaixonado pelo que

estava guardando.

Chgou o dia! O dia! O dia!

Fomos andando a pé, eu e minha mãe.

Um anjo preto na rua? Sim. Um anjo preto na rua.

Durou pouco a coroação? Nem lembro. O tempo para o organizadíssimo cortejo se colocar ao lado de Nossa Senhora e coroá-la. Protegendo-a, mesmo que ela não precisasse disso. O tempo para que dessa vez ela me olhasse e eu cantasse como nunca tinha cantado na minha vida.

Ó Virgem Santa, com que pesar
Daqui a pouco deixaremos teu altar
Mas antes da partida ó mãe querida
Vimos pedir o teu doce olhar
O teu olhar
O teu olhar.

Fizemos as pazes.

Cresci. Não fiquei branca e, por isso, continuei por muito tempo invisível, passando por situações que me faziam aceitar não entrar em elevador social ou em lojas em que desejava apenas saber o preço da mercadoria ou ouvir alguém dizer que as argolas que eu tanto desejava não eram para minhas orelhas porque eram de ouro.

Sentar no fundo da sala de aula, esperar todo mundo falar e, só quando não tivesse jeito mesmo, emitir minha opinião, sempre com medo de não ser aprovada ou não ser permitida. Tudo isso fazia parte da minha rotina.

Absolutamente fora do tempo comecei a engatinhar discretamente para a vida. Por que eu tinha que continuar escondida? Passei a desconsertar as pessoas com a minha educação e postura na hora de responder que não. Não, eu não era a babá da menina loura que eu acompanhava. Era a avó.

Que sim. Sim, eu era a diretora da escola. É comigo mesmo que você tem que falar. A desmanchar grossuras colocando um sorriso no rosto e

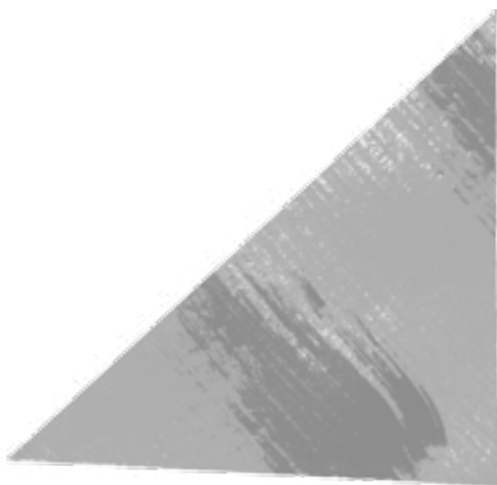
uma calma na voz para mostrar que não é bem assim, mesmo que o meu coração não estivesse sorrindo nem calmo.

Isso tudo vou montando devagarinho, como se fosse um quebra-cabeça. Cada peça que é encaixada me fortalece, me dá prazer, me faz sonhar.

E é sonhando que revisito o local onde acontecia a coroação. Estamos de novo todas lá. Crianças felizes e angelicais. Vejo Nossa Senhora e ela me vê. Sorrimos uma para a outra e eu me reapresento fazendo uma reverência. É um sonho musical. Ouço de novo a música que, na verdade, nunca esqueci. Ela me parece mais linda do que nunca.

De repente é maio de novo e sempre faz muito frio na minha cidade.

Ajeito a gola do meu casaco para que ela aqueça melhor meu rosto, mas ela fica presa na minha argola de ouro. Solto-a delicadamente. Sim, eu também consegui a argola de ouro.



Passarinha

Oluwa Seyi

Quando saí, com idade de flor-botão, da casa da tiavó que me criou, eu sabia que morreria porque minha tiavó assim me disse: “Você morre!”.

Era tanta certeza que parecia esperança, praguejo, presságio. Como se a morte, viva, me esperasse no meio de alguma faixa de pedestre, na soleira de algum prédio, em muitas esquinas. Nas mãos pálidas, uma folha de papel com meu nome escrito garranchoso, quase errado, mas meu: ansiosa por mim como um parente em rodoviária de cidade pequena para qual ninguém vai sem meia dúzia de motivos.

A liberdade, ao contrário, me fazia lindas promessas. Hoje, já mais velha, percebo que eram irrealizáveis. Mas, naqueles dias rosados, a rua era de onde meu coração não sabia voltar. Era a própria felicidade, com semáforos, jingles de loja e tanta, tanta gente. Em suas possibilidades, cintilava. Me enfeitei pelas ruas porque elas tinham o tremor, o alarido e a temperatura das coisas indubitavelmente vivas.

Ainda que sob o constante som do rádio e de varrição, a casa da minha tiavó era silenciosa de vozes de gente durante quase todas as horas do dia. Muito católica, paredes de verde claríssimo, ambientes sem marcas de digitais e muito secos, quintal sem flor e sem vento: vivi essa casa por 16 anos cronometrados. Tudo se assemelhava a um luto. Somente durante as três refeições diárias, minha tiavó conversava comigo. Me dizia da previsão do tempo, comentava sobre o aumento da conta de água, criticava minha postura à mesa, pedia-me o sal. E só. Raríssimas vezes minha tiavó falou sem talheres nas mãos. Uma delas foi quando eu a comuniquei de que iria embora de sua casa.

Enquanto eu me preparava para partir, juntando minhas roupas e outras pequenezas, minha tiavó me olhava muito, parada à porta do quarto. O pequeno quarto que me abrigou desde que aquela já velha mulher resolveu acolher minha fome, minha necessidade de sono regular, meu frio esporádico, meu corpo que crescia, minhas perguntas tantas, os gastos modestos, mas recorrentes que eu demandava. Nesses breves minutos, eu evitei encará-la. Pelo canto do olho, eu sabia que ela me fitava, mastigava meu silêncio e minha partida. Gostaria de ouvir seus pensamentos.

Julgo que nessas quase duas décadas que estive ali, ela nunca me olhou por tanto tempo. Talvez, naqueles pares de minutos, ela tenha percebido o formato-mulher que meu corpo já tinha então; talvez tenha visto pela primeira vez uma pinta no meu ombro esquerdo; talvez pensasse, arrependida, sobre nunca ter sido mais próxima, mais afável; ou talvez só planejasse um espaço para sua costura naquele quarto depois que eu e minha malinha fôssemos embora.

Por todo o tempo que ali estive, ela pouquíssimas vezes passou tempo no meu quarto: entrava e saía muitíssimas vezes, mas não se deixava permanecer. Desencostava a porta religiosamente às 6h, atravessava o quarto e abria a janela: “É hora de acordar, menina” e saía rapidamente. Se eu adoecia, ela deixava o xarope e uma colher na minha cabeceira. Nunca me deu o remédio nas mãos ou mesmo na boca desde que aprendi a me alimentar sozinha. Deixava que eu e meu incômodo decidíssemos a hora e os intervalos da automedicação, do xarope de sempre, seja qual fosse a doença. Quando, aos quatro anos, eu quebrei um braço, jurava que minha tiavó me daria xarope. Por várias vezes ela entrava no meu quarto sem motivo, silenciosa. Ia até a janela, olhava o quintal por ela, me contemplava rapidamente, como que me adivinhando as atividades e planos, e depois saía, ainda mergulhada em silêncio.

Creio que o caminho da porta à janela seja profundamente marcado pelos passos de minha tiavó. Aquela peregrinação de 13, 14 vezes por dia da porta à janela parecia o jeito dela de me dizer que eu não era confiável e que precisava de constante vigilância. Era estranhíssimo vê-la à porta sem entrar e ir até a janela, me fitar rapidamente e sair. Tive medo de olhá-la e então ter medo também da minha escolha de partir.

Já no portão de casa, dia ensolarado, tentei abraçar minha tiavó, me despedir, dizer que era grata. Ela me afastou com uma das mãos, com o rosto bastante sério e voltado para cima, e renunciou que eu morreria se eu fosse embora. Sem porquê, sem comos, sem ondes. Só o dado da morte, cru e afiado. No entanto, essa maneira quase única de dizer “não vai” da minha tiavó, que deveria ter me roubado a coragem, fazia a rua parecer um pedaço perdido de mim mesma que eu precisava recuperar. Vim em busca dele e posso dizer que amei o asfalto fervente, os postes e o céu à noite como jamais amaria aquela casa onde vivi por compaixão.

Eu nunca soube dizer se eu tinha medo da tal previsão da minha tiavó. Dúvida, não tinha. Talvez a impossibilidade de duvidar que a rua, a fonte de felicidade tão verdadeira, seria o palco da minha morte, que tenha me atraído mais para fora, para o sob-o-céu. Encarei o vaticínio da minha tiavó porque considerei até razoável a vida em troca da brisa, de andar sem precisar pisar duas vezes no mesmo lugar, de não ter medo de transbordar os lugares.

É que eu morreria mais se estivesse cativa. Eu morreria mais naquele quarto. Morreria em mim o que eu creio que não morre nem em quem deixa de viver. Eu morreria a maior das mortes se nem experimentasse a vida sensorial do mundo.

Trabalhar por um mês em um mercadinho, dormir numa pensão, juntar dinheiro e ir para outra cidade; depois, trabalhar por um mês em uma farmácia, acampar na praia, juntar mais dinheiro e ir para outra cidade. Tem jeito mais leve de esperar a morte?

Descobri, não muito tempos depois, que era minha tiavó que morreria sem mim. E assim o fez. Morreu quase que de propósito, de castigo, de vingança. Morreu como quem diz: “Agora nem adianta voltar pra essas paredes, esses metros quadrados, porque sua casa era eu”. De fato, a casa tão conhecida por mim já não era a mesma sem o constante cheiro de feijão fervido, sem o lençol branco-branco no varal, sem qualquer música chiada do Roberto Carlos na FM: minha casa era sim a existência da minha tiavó, a única mãe que eu tive depois do parto. E a existência dela todinha era eu existindo sob o teto dela. Muito mais guardada que segura. Mas segura também.

De volta à rua da casa da minha tiavó, quis me despedir da casa, que era uma extensão da mulher que viveu e morreu nela. Minha tiavó não quis abraços, mas talvez a casa aceitasse esse último adeus-afago. Olhei a casa por poucos minutos, quando então a vizinha apareceu. Veio até mim, sorriu, estendeu a mão direita e fez um breve carinho em meu ombro. Ela gostava da minha tiavó. Por vezes, eu a via esperá-la no portão para irem juntas até a feira. Do bolso da calça, a mulher tirou um envelope dobrado. Me entregou e foi embora, sem me dizer uma palavra.

Ao desdobrar o papel, reconheci a letra. Era a letra das listas de compra, dos recados presos à geladeira: meu nome escrito com a letra da minha tiavó. Era uma carta para mim. O que podia escrever para mim a mulher

que tão pouco me falava? Era esquisito saber que meu nome saía da caneta dela. Para ela, eu era só “menina”, sempre. Sentei no pequeno degrau em frente ao portão para finalmente descobrir os motivos de não ser mais só menina. Eram muitas linhas de motivos.

“Olá. Se você está lendo esses escritos é porque eu morri. Agora, enquanto escrevo, me sinto bem de saúde, mas duvido que o arrependimento me deixe viva por muito mais.

Eu fiquei triste quando você foi embora. Não tanto por você, mas pelo mau gosto do destino. Sua partida já tinha acontecido antes, há mais de 20 anos. Não era bem você, mas se parecia muito. Sua mãe morou comigo por 16 anos também. Foi embora, como ela disse, ‘porque o lugar dela era lá fora’. Também a peguei pra criar recém-nascida. Minha irmã, mãe da sua mãe, não quis ser mãe dela porque ela era a cara do falecido marido que morrera de acidente. Ver o rosto dele no dela parecia muito doloroso. Então eu disse que criava. Criei. Amei. Ela era a filha que meu útero não quis me dar. Nós éramos próximas, amigas. Quando ela decidiu ir embora, eu não entendi. Eu era má pra ela? Meu amor não a sustentava? Impedi-la de viver em orfanato, nas ruas, não era suficiente? Eram essas mesmas ruas que ela buscava, desejava. E foi procurar. Assim como você.

Por vezes aparecia aqui. Passava o dia, almoçava, trazia um presentinho. Parecia bem. Do nada, ela desapareceu por muitos meses. Fiquei só preocupação, ia todo dia procurar por ela. Não a achei. Também do nada, ela reapareceu. Grávida. De você. Estava fraca, desnutrida, marcas de surra. Ela nunca me disse quem a engravidara ou a agredira, nem se era a mesma pessoa. Eu cuidei dela por quase um mês até você decidir nascer. Oitavo mês de gestação, o pior pra parir. Você veio ao mundo e sua mãe partiu dele. Decidi cuidar de você também. Como minha irmã, vivi a dificuldade de encarar alguém que se parece muito com quem está morto, mas ainda se ama. Mas o que eu faria? Te dar pra alguém criar nunca foi uma opção. Você era um pouco minha também.

Eu juro que tentei te amar. Tentei transferir o tanto amor que sua mãe me despertava, mas eu tive medo. Medo de te amar e te perder. Eu te olhava e via os mesmos cabelos, os mesmos olhos, até a mesma pinta no ombro esquerdo de sua mãe. Como amar duas vezes a mesma pessoa? Peço perdão por não ter podido. Te tratei com distâncias, me protegi de você. Pelo receio de te perder, te expulsei. E não te culpo. Nem a chance de se despedir de mim

eu dei. Ao contrário, te agourei. Te disse, sem explicar, que a morte da sua mãe seria a sua, igual. E isso será o motivo do meu óbito: o remorso. Espero, muitíssimo, que você não morra. Só mais velha que eu, confortável, amada. Não viva o destino que praguejei. Você pode ser mais do que isso.

Se quiser voltar, saiba que deixei essa casa pra você. Entenderei se não quiser. Foi dor demais, não é, menina?”

Não entrei na casa. Não pude. Achei que teria sido vã toda a luta pra encontrar algo que me dava alegria se, pelo baque, eu voltasse para o quintal que tanto desejei longe. Percebi, no fim das contas, que a troca não foi tão razoável quanto imaginara. Junto com a minha tiavó morreram muitas possibilidades. Histórias que eu jamais saberia, mesmo as minhas. Resolvi, então, ser livre para sempre. Seguir encantada pelo que me custou tanto.

Quando me lembro da minha tiavó, gosto de imaginá-la bravíssima, como era de costume. Baixa estatura, o cabelo escondido num lenço de cetim, a pele marrom envelhecendo, com muitas pintas. Ralhava comigo, ralhava com os pombos, ralhava com o meu desejo de dividir as suadas frutas com os pombos, ralhava com a fome dos pombos que tentavam comer as frutas que ela comprava para mim: “A maçã é só pra você! Eu não crio pombo!”

Pena foi que criou passarinha. Aparou as asas, comediou o canto e condenou o voo. Domesticou. Pena foi que a passarinha voou mesmo assim: eu voei pra cá pra rua.

À margem

Layane Almeida

Choveu. E quando chovia eu já catava as panelas feias para segurar a água forte que avançava no telhado. Há dias a chuva não dava trégua e minha janela era uma triste pintura úmida. A água subia rápido e parecia querer inundar dentro e fora de mim. E era ainda mais solitário quando a água, feito grade, me trancava em casa sem ninguém para eu cuidar. Tia Via já tinha partido há tantos meses que eu nem lembrava mais de contar, e Beto nunca mais encostou seu carro na calçada. Eu já bem sabia como cuidar da casa nas tempestades, mas nossas casas não pareciam ser feitas para durar.

Já diziam há um tempo que era hora de ir. A vila já não suportava mais os ninhos improvisados que chamávamos de lar. Tinha gente ali, mas a tempestade não escolhia. Ou escolhia: aqueles esquecidos na beirada dos outros, no canto da cidade, à margem do rio. Cecília, a velha da esquina, gritava com os quatro netos para se apressarem que a água haveria de engolir a todos. Os netos, magricelas, corriam com trouxas de roupa e alguns mantimentos. Dona Cecília carregava alguns móveis pela chuva afora, enfiando tudo num carro pequeno que parecia não saber para onde ir. Eu olhei para minha casa molhada, pensando que não me custaria muito retirar tudo o que eu tinha. Tia Via ensinava que nós, do lado de cá, não deveríamos nos apegar tanto às coisas, que nada era muito nosso nessa vida.

Eu nunca tinha considerado sair dali. A vila foi o primeiro lar que eu conheci, e mesmo que alguns dissessem que logo seria nossa partida, eu pensava que não deveria haver no mundo outro lugar para nós. Lembrava-me dos meninos de canela empoeirada jogando com uma bola velha no chão batido, das donas velhas que cantavam de alegria e de tristeza, da horta que a gente cuidava no terreiro de Guizé e de quando sentávamos, eu e todos, à margem do rio, escutando histórias que nos pertenciam.

Beto dizia que nosso povo era isso: donos dos cantos. Dizia que o povo de lá engolia toda a cidade e, por isso, não podíamos ser donos de mais nada. Beto falava como uma tempestade. Discursava com inteligência e força, apontando para um futuro que fazia todo mundo sonhar. E todos sonhavam com ele, mas a ninguém nunca acontecia nada. Ainda na inocência dos desconhecimentos, eu não sabia quem era o povo que habitava o lado de lá,

mas entendia quem era o meu povo.

Beto era homem de lá, mas transitava entre os dois lados. Quando aqui, morava de favor com tia Via e falava muito. Prometia com perseverança que falaria por nós do outro lado, mas Beto não parecia muito gente nossa. Estava sempre com uma gravata carmim que casava perfeitamente com seu sorriso largo, que nunca parecia querer sorrir de verdade. Vinha e passava dias de favor na casa de tia Via, sempre com o dinheiro contado do aluguel, tentando pechinchar o quarto. Apertava a mão de todo mundo e parecia saber seus desejos de cor. Eu não sabia bem o que ele fazia do lado de lá, mas diziam que Beto venceria e voltaria, assim como o menino Jesus. Passou-se um tempo e ele não veio mais. Seus discípulos desamparados o chamavam de aproveitador barato e loroteiro que tinha pressa em se juntar ao lado de lá.

Sei que Beto e nenhum deus olhava por nós agora. Enquanto a natureza desaguava no telhado na ânsia de encontrar o rio que tomava seu lugar na terra, eu considerava ficar, não sei se para desaparecer com a vila ou se para chamar a atenção de qualquer deus que talvez olhasse por nós. Do lado de cá, pensava se o povo de lá também tinha um deus que olhasse por eles. Haveriam de fugir, como nós? A quem eles pertenciam, e a quem pertencíamos nós? Seu Zé bateu forte na janela, com aqueles olhos de desespero que eu sabia reconhecer bem. Pareciam os olhos de todo o meu povo. Suas mãos sujas de barro apontavam para fora, mandando eu sair depressa. Seu Zé, que passava a maior parte dos seus dias pitando em uma cadeira bamba e pouco falava, parecia gritar todas as angústias do mundo naquele instante. Quanto mais eu ficava, mais entendia que permanecer seria a forma mais branda de desaparecer.

Eu busquei no fundo de um baú aquilo que deveria ir comigo. Não havia tempo para catar tesouros. No fundo dele, um papel amarelado dizia quem eu era. Aquele documento amassado era o que me fazia ser gente. Meu nome ali provava que eu era alguém, nada mais. Não importavam as lembranças, meu lar desabando ou o coração apertado: eu só era gente quando alguém escreveu que eu era. De resto, estava sendo invadida pouco a pouco e via meu lugar desabar. Nem a casa, nem as memórias ou dignidade alguma poderiam fazer algo por mim. Nada faria algum deus me olhar.

Da janela, ainda vi Guizé, que tirava aos baldes a água que preenchia o barraco. Aos prantos e com os braços fracos, parecia desaguar a esperança

de todos nós. Guizé era a filha mais moça da velha que costumava contar histórias. Ela cuidava da mãe cega e trabalhava do lado de lá, todo dia atravessando a ponte para lá e para cá. Guizé lavava, passava, cozinhava e cuidava de crias que não eram dela, sem reclamar. Por vezes, deixava suas panelas sujas, “mas as da patroa estavam sempre limpas e areadas, feito espelho”. Tinha orgulho do ofício porque dizia ser um lugar bom para se trabalhar. A patroa dizia que ela era quase da família: nem sempre fazia Guizé dormir no serviço e, vez ou outra, até mandava umas sobras da torta de bacalhau que a própria Guizé preparava. Ela agradecia a deus pela patroa piedosa que tinha e encarava determinada os três ônibus antes da sete da manhã. Mas a caridade da patroa não estava ali, no barraco. No barraco só havia água.

Chorei. E enquanto eu chorava, éramos pura água, eu, a casa e a vila. O rio tinha cada vez mais pressa e quase batia à porta. “Deus não habita o lado de cá”, tia Via dizia. Eu suspeitava que sim, mas estava escondido. Deus estava na poeira do chão batido e na gargalhada dos meninos. Ele estava na harmonia do canto das velhas e no ritmo das histórias. Deus estava carregando as trouxas de dona Cecília e também estava refletido nos olhos de seu Zé. Ele estava nas promessas de Beto e ao lado de tia Via. Deus estava em cada lágrima minha, e talvez até chorasse comigo.

Na rua, a lua demorou a despertar a gente. Eu fui e me juntei a eles, porque era necessário ir. Lá fora de mim estavam vários corações quebrados que não realizavam sonho algum, mas continuavam existindo e doendo, seguindo e vivendo, como se fosse normal viver assim. Eu, sempre doída e pegando as dores do mundo, apaguei as luzes de dentro para não ver que a miséria estava comendo a vila. Eu já sabia que tudo continuaria assim, cinza, mas ninguém jamais reclamaria, afinal de contas, cinza também era uma cor. Eu também sabia que o mundo comeria a gente vivo mesmo tomando cuidado, mas viver era isso e isso era viver. E ninguém, vivo ou morto, havia achado solução nem resposta para esse caos que habitava o mundo e a gente. Ninguém veio nos salvar, eu só via que a gente ia, e todo mundo fingia um tanto que sabia existir.

Vi aquele que era meu povo sair da margem do rio pelos cantos. Todos com os olhos de seu Zé, com a pressa da velha Cecília, com o coração de tia Via e pranteando como Guizé. Decidi que eu não desapareceria, mas seguiria permanecendo. Contudo, permanecer era um jeito doloroso de dizer ao

mundo que estávamos lá. A chuva não dissolvia ninguém, mas dissolveu a gente. Tudo o que éramos estava agora debaixo d'água, como fizeram tantas vezes e de tantos jeitos. Mas enquanto ainda estivéssemos do mesmo lado, seríamos e teríamos lar. Ainda andávamos pelas beiradas molhadas, à margem do rio, sem nunca chegar ao lado de lá. Buscaríamos qualquer outro lar que recebesse a gente e, por enquanto, seria assim: sempre buscando.



A menina do batom vermelho

Jaque Souza

Eu estudei numa escola onde meus colegas, na maioria, tinham a mesma etnia e todos a mesma sina: contrariar as estatísticas e matar um preconceito por dia.

Havia chegado há pouco tempo na porta da escola. Uma desconhecida me nota com seu inesperado bom dia:

– O que é isso na sua boca, menina? Acho que com vermelho você não combina, você é preta! De batom vermelho? Nunca se olhou no espelho?”

Ela ria, ria, ria. E eu?

Corria, corria, corria...

O corredor extenso que conduzia até a sala de aula ficou ainda mais longo e, quando cheguei ao final, não quis entrar. Desviei e no espelho do banheiro comigo eu me deparei, só para me olhar, para me perceber, para me enxergar. Naquela manhã eu não compreendi tudo que por ela ficou não dito, mas eu percebi tudo que o meu silêncio quis dizer, tudo que ele deixou explícito.

Ah, o meu silêncio... Dentro de mim ecoava um seco grito, que correu pelos olhos

pelos pêlos

pelos poros

pelos peitos.

E morreu na minha boca, sufocando uma voz rouca, que me fez refletir que nela eu pude apagar dos lábios o batom, mas ninguém mais apagaria a minha cor, porque essa era muito mais forte. A mulher preta carrega muito mais dor.

No ensino médio eu deixei o batom no espelho, mas

Eu me graduei de batom vermelho.

Tornei-me mestra de batom vermelho.

Hoje sou doutoranda e, no meu primeiro dia de aula, eu estava de batom vermelho. Quando eu concluir o doutorado, a tese poderá ser algo importante, mas independentemente dos títulos, o que vou continuar levando adiante é que todas nós podemos usar um lindo batom vermelho.

Sobre ser pássaro e voar

Lilian Almeida

Você diz que a partir de certo ponto não há mais retorno. Pergunto-me: onde? Onde é o ponto em que o caminho se torna sem volta? Olho sua foto no smartphone. O olhar baixo, concentrado no que fazia quando a imagem foi capturada. Hesito. Há mais cérebro do que coração no meu corpo. Do lado de cá me pergunto se terei coragem de avançar além do sem retorno. Minha cabeça diz não. Meu corpo queria. Meu sentir quer. Ainda não tracei as rotas desse encontro, meticulosa que sou. Fiquei do lado vazio, onde ausência não é falta de presença. Você marca ponto no meu dia, mesmo distante.

A lembrança do seu olhar me diz siga, acho. Duvido das indicações. Quero um mapa, longitude e latitude do seu querer. Talvez ainda assim hesite. Porque medo é controle do sofrimento que já sei, já vivi e guardei. Onde é o ponto em que não retorno mais para a cabeça? Onde me perco dos medos?

Depus as armas porque já lutei contra ti e me perdi. Hoje não luto mais. Só comigo, insistentemente, sem vitória ou derrota. Invulnerável. Parada. Retida por minhas próprias forças, entre ir e ficar. Entre o que penso que sou e o que leio em ti. Meus esquadros estão partidos. As curvas me bailam e tenho medo de cair do giro. Vulnerabilidade. Como esse traço que escorreu da letra e virou risco. O lápis risca o risco sobre o papel e eu vejo.

O risco. Só dá para saber se acontecer, invade a canção no rádio. Grifa meus ouvidos cegos. Tanto amor guardado tanto tempo. Eu queria as coordenadas do seu peito. O meu já sei perdido, amarelo de medo. Ninguém joga as chaves ou as tranças de Rapunzel para eu escalar a torre e libertar-me. Por que fui tão alto, tão fundo no abismo onde amar é perigoso? As chaves sou eu. Viver é um risco. Não há garantias. Repito. Um mantra. Abracadabra. Somente eu posso dar garantias à vida.

Rasuro as grades da minha prisão. O salto pode ser queda ou voo. A partir de certo ponto não há mais retorno. Só se sabe depois. Depois de um minuto ou dez, talvez só amanhã, eu saberei. Entrego-me no salto para fora, desde dentro de mim, em direção a você. As palavras descortinando o meu sentir tocarão a tela do seu smartphone no instante já. Eu ficarei quieta, tremendo de medo de não voar, sonhando com o céu.

Chovia. Era forte a intensidade da água atingindo a minha pele. Não demorou para ter roupas e sapatos ensopados. Meu cabelo fazia-se rio, transportando desde a cabeça as águas que afundavam meu peito.

Procurei pretexto para saber o que seria, dias depois da mensagem marcada como lida. Deixei áudio no Whatsapp. A distância é um através, por ela passou tudo o que o senti, o que disse e o que não. Você ligou em seguida. Busquei tangências para me aproximar e ultrapassar meus limites. Li no céu azul tempo bom para se mostrar, sentir a pele no agradável da temperatura amena, do sol roçando os sentidos.

No entanto, choveu, choveu muito quando conversamos pela última vez. A água atravessava o telefone. Começou gotejando em minha orelha e em pouco tempo era enxurrada. Escorria pelas paredes da casa dissolvendo a pintura, acumulava-se acima dos meus pés. Estática, eu olhava a água abrir caminho e levar os papéis em que escrevi cartas para seu endereço, arrastar as canetas à mesa, derrubar a cadeira, desfazer a alvenaria do lugar. Tudo ia se transformando numa visão etérea, porém líquida, úmida. Minhas carnes iam ficando encharcadas. Desabrigada, o frio ocupava meus ossos em tremores incontrolláveis, invisíveis à superfície.

A tempestade me invadia, rasgava com fúria meus olhos. A casa não tinha sido uma casa, se não palavras, sentidos. Impalpável beleza e estrutura sólida. Construí com o que sou: ar. Recolhi de dentro água para a construção. Com palavras criei adobe para argamassar o meu intento de chegar onde a vontade faz morada. Assoprei e sequei tudo. Alvenaria de pureza. Fresta de coragem onde eu me expus para me entregar ao outro.

Ergui cada tijolo para arremessar-me ao voo. Fui aos poucos para fora de mim, palavra a palavra, em cada carta remetida. Agora não sei se você leu os meus escritos. Pode ser que eu tenha anotado o número errado da caixa postal, ou que o carteiro os tenha deixado em outra caixa. Pode ser que eu tenha lido além do que via, escrito hieróglifos e nada do que disse tenha sido entendido. Possibilidades. Gastei tempo para me desinventar e mostrar medos e anseios. Gastei tempo. Tempo é uma engrenagem que nunca para, nem quando eu pauso o mundo para ouvir o ritmo do meu peito.

Então choveu forte e me vi nua, mesmo vestida de medo, vergonha, tristeza. A casa desabou e fiquei sem sonho ou palavra que me abrigasse.

Apenas água. Eu ouvia a sua felicidade azul e via a minha fantasia descer corredeiras de ilusão. A enxurrada era cada vez mais intensa e já não conseguia prestar atenção ao que dizia. Só dava para me escutar, para tentar conter os meus adobes escorrendo. Onde eu me enganei no que vi dentro dos seus olhos? Entendi tudo errado. Demorei para ir ao ponto em que não há retorno porque não ando só, vou com medo. Por autocompaixão, verti rio. Pranto. Era muito tarde para falar de amor, quiçá de afeto. Era muito tarde para reter qualquer coisa em meio à tempestade. Restavam a umidade das penas e o peso da água.

Faz de conta que não houve diálogo entre nossas peles, que não ouvi a sua respiração, não senti o batimento cardíaco do teu peito. Foi tudo imaginação. Inclusive eu, pequena, encolhida na cama debaixo do cobertor, fechando os olhos para não ver passado nem futuro. Presente: a impossibilidade.

Recolho vestes pelo chão e limpo o cômodo como quem lava a si mesmo. Produzo líquidos para ajudar. Lágrimas. Deixo que venham, naturalmente, limpar a poeira dos dias enevoados de manhãs criados na cabeça. Devaneio. Depois da chuva a bruma passou e a claridade foi dolorida dentro do meu quarto escuro.

Faz de conta que não lemos o que as palavras não disseram, mas os olhos sabiam. Que afeto não toca nada e ninguém. Nem seu corpo nem o meu.

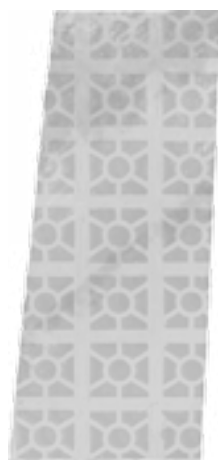
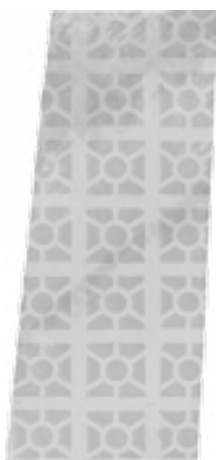
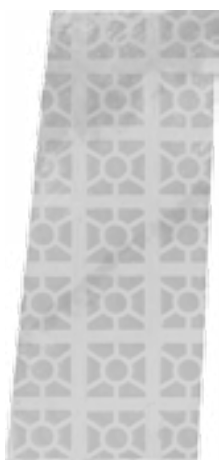
Faz de conta que O Terno que você enviou não foi uma declaração em forma de letra e melodia. Um não saber se posicionar num triângulo de gente. Atrás-além. Pode ser tudo o que você quiser dizer que é e o que você tenta conter ao não dizer, para fazer de conta que não sentiu.

Faz de conta que estou em brancas nuvens. Tudo bem. Façamos de conta. Depois, esquecerei que foi tudo imaginação. Então, será passado e seu rosto uma imagem esmaecida na retina, desgrudando das minhas asas.

Malogrados foram os meus gestos em direção a ti, desculpa. Não o fiz para te afastares, retirares em teus abrigos. Perdoa-me, enquanto também eu procuro confortar-me pelo gesto mais amado que aparta o amor de si mesmo. O encontro é uma escolha onde o coração pulsa, ri e fica só porque quer, enquanto quer.

Não poderia eu ajustar todos os descompassos do passado a partir do agora. Faltam-me braços para arregaçar e trabalhar. Em cada momento vivido procurei a harmonia como quem busca a precisão da navalha ao rasgar a carne para extrair de lá o espinho, a flecha, a bala. A justa medida do corte e da cura. A entrega necessária e suficiente para transformar o passado a partir do presente. Dei-te todo meu amor. Talvez, não tenhas chegado a ver. Ternuras são eternas onde nascem. Porque não morrem, estão dentro do meu ser, mesmo que não respondas às minhas felicitações pelo teu aniversário. Mesmo que desapareças de vez da minha rota, ficará no eterno tempo o que senti de cada momento vivido, desde a dor à alegria e de novo a dor e a tranquilidade de quem deu tudo o que podia.

Não pedirei que não me julgues, condenes ou libertes. Há paz em mim. Ficas livre para seguires como tens seguido. Creio que podes sentir a entrega que fiz de mim. E se não podes, não há problema. Está tudo certo e perfeito. Sabes que ajo por mim mesma, assim me liberto e livre posso estar inteira onde escolho, com quem escolho. Passarinho que também sou, reconheço, é tempo de voar para onde o amor seja ninho e asas.



Príncipe do Benin

Jaciara Mello

A luz do barzinho mal dava pra enxergar, e eu fiz essa constatação assim que meu cérebro começou a embaralhar. Não queria estar li por não gostar do tipo de música nem do lugar, mas minha amiga me convenceu dizendo que amigo é pau pra toda obra.

Entre uma bebiricada e outra, na tentativa de formular uma explicação plausível para ir embora, meu olhar foi paralisado por um homem indescritível.

Achei que ele era de Wakanda. Achei que ele nem existia. Que era fruto da minha mente fértil, atrapalhada pela bebida e pelo barulho. Achei que estava muito frio, mas só depois percebi que eu estava arrepiada. Ele não tinha vindo de Wakanda. Tinha vindo do Benim para estudar no Brasil.

Encarei aqueles olhos pretos por alguns instantes e percebi que ele me encarava também.

“Gostei de você”, disse o príncipe do Benim.

Eu que já era traquejada, de cantadas baratas, nem dei bola. Podia nem ter saído, só agora me dava conta. A grana tava curta, nem gosto dessas músicas. E meu Deus, tem esse homem no meu pé. Ainda praguejava mentalmente que não queria estar ali quando fui surpreendida por um beijo.

Até hoje não sei explicar porque não saí do barzinho com o tal Príncipe. Apenas trocamos telefone, e eu não acreditava que um cara como ele daria bola para uma mulher como eu.

Na verdade, esse pensamento foi formado pela quantidade de relacionamentos fracassados que tive ao longo dos anos.

A vida seguiu para nós dois em países diferentes, e eu que já julgava ter vivido todas as experiências amorosas possíveis, acabo que reencontro o tal Príncipe na internet. Foram 30 dias de conversa intensa, muitas ligações, confissões, promessas.

“Ninguém merece”, repeti para mim mesma, enfurecida. Como posso estar apaixonada? Justo por ele?! Será pelo físico, que é impressionante? Será pelo conteúdo?

Na época em que nos conhecemos eu não saí com ele no primeiro encontro. Hoje fico remoendo isso, tendo que ouvir ele rir da minha cara dizendo que eu o dispensei. Me sinto idiota.

Em 8 meses nos tornamos íntimos, confidentes, parceiros. Temos o melhor um do outro. Eu o incentivo nos planos dele. Ele nos meus. É leve. É perfeito, se não fosse a distância. Quando aperta muito, eu digo que queria ter o Dom. E ele já sabe do que falo. É o Dom de encurtar distâncias e trazer ele pro meu abraço.

Tínhamos feito ao menos uma dezena de planos juntos. Parece que até o Universo conspirou para esse reencontro. Mandou até uma pandemia para atrasá-lo.

Volta e meia me pego pensando em todos esses anos de solteira, todas essas relações passageiras. Parece que eu tinha que passar por tudo isso para poder encontrar o meu Príncipe.

Hoje a minha versão dos 30 e poucos anos agradece a todos os relacionamentos mais ou menos que tive. Nenhum presencial está perto de alcançar esse virtual.

Meu príncipe sempre faz uma brincadeira comigo: conversar como se estivéssemos próximos, na mesma cidade ou na mesma casa. E sempre me excito quando ele diz para eu ir deitar que ele já está me esperando. Que a porta está aberta. Quando ele diz: “Venha!”

ele liga e eu respondo com a voz melosa: “Estou indo!”

Ele, que sempre me chama de Babe, responde que está pronto e faz uma chamada de vídeo. Ficamos por minutos só nos olhando pela tela, com a respiração ofegante. Imaginando! Nos conectando.

Eu sempre vou dormir com cara de boba apaixonada.

Acordo às 9h30, perdida no cobertor. Estou sozinha na cama, mas escuto água caindo de alguma torneira.

“Você já quer o seu café?”

Meu príncipe aparece na porta sorrindo e pergunta com uma piscadela.

Não sabia se era a voz tímida dele ou era efeito da sonolência.

Por alguns minutos, fiquei ali delirando, apaixonada. Quando bebi um gole do café, cremoso e batido que ele aprendeu a fazer pra mim, me

dei conta de que o sonho se materializou. A pandemia passou. O passado encerrou. Meu príncipe chegou e ficou.

Saí aquele dia para o barzinho sem querer sair, mas era obra do Universo, que tinha um propósito maior.

Hoje eu sinto, sem querer entender, como que relacionamentos mornos desaparecem tão rápido quanto o meu gole de café.



Nós

Ananda Azevêdo

Com os braços já à exaustão, Caroena chegou em casa com as compras feitas de maneira asséptica e em clima de clandestinidade. Deixou as compras aos pés da cozinha, fechou a porta e teve o cuidado de alocar os sapatos à beira da porta. Num gesto de entrega e displicência, permitiu que seu corpo fosse acolhido pelo sofá da sala de seu pequeno apartamento alugado – postergando o novo hábito de lavar pacote por pacote os itens adquiridos no mercado da esquina – e, quase que instantaneamente, sentiu um incômodo nó na musculatura entre o pescoço e o ombro direito. Sentiu, mas ignorou brevemente ao ter que orientar sua filha, a pequena Ayana, a ir tomar um bom banho. Tudo se tornou muito estranho em um tempo muito curto.

Entre o pensamento das incertezas (será por quanto tempo ainda conseguiria manter as contas pagas?) e certezas imediatas (seu cansaço era proporcional às tarefas domésticas que haveria de desenvolver ao longo do dia), vagueou pela solidão. Não esta, que estava sendo vivida de maneira quase uníssona, provocada pelo descontentamento de mãe-Aiyê com seus sádicos filhos, mas aquela que já lhe acompanhava desde muito tempo. E, num gesto de tentar acolher o incômodo que aquele pequeno nó identificado sobre suas costas lhe causava, Caroena aos poucos foi tomada por lembranças-solidão.

Num lampejo de memória e numa fisgada do dito nó, viu-se dez anos mais jovem do que seus não aparentes trinta anos naquela que, talvez, tenha sido a sua experiência mais consciente e marcante de solidão. Sua pequena flor Ayana já estava a germinar em seu ventre, e decidiu levar adiante a decisão de juntar sua vida com Donato. Sua mãe não era muito afeita a essa decisão – não que não gostasse do genro, mas o passo a passo do futuro projetado por ela pulou etapas que não foi do seu agrado. Mas, geniosa que era, Caroena seguiu com sua decisão sem saber se de fato estava feliz. Casou-se sem as pompas sociais nem assinatura de papéis, decidida de que tinha que ser assim. Para o bem de Ayana e esquecendo de si, Caroena lançou-se a uma solidão que, ironicamente, tinha teto, companheiro e um ventre cheio de vida.

Certa de que tudo corria como deveria ser, mas sentida por não receber o afeto desejado que esperava de Donato – embora ele estivesse muito contente com a ideia de ser pai –, Caroeninha tinha a impressão de que ela não era gente. Era como se fosse um pedaço de carne que abrigava uma vida esperada, mas que a própria carne não carecia de vida para desempenhar tal papel. Caroeninha, que sempre foi considerada mulher autêntica e a última a ser cogitada pelos amigos e amigas da faculdade a ser mãe e se casar, que era engajada no movimento estudantil, que não tinha receio de verbalizar suas opiniões e argumentações críticas sobre o mundo... sucumbiu.

Entregou-se à condição internalizada inconscientemente de que deveria constituir uma família tradicional. Viveu esse episódio quase como espectadora da própria vida durante três anos. Seguiu enquanto boa mãe trabalhadora e, se desse tempo, uma mulher desejada. Mendigou afeto, mas negou também. Viveu delícias da descoberta da maternidade, mas teve seu corpo rejeitado. A força de Caroeninha em ser dona de si não suportou ficar represada como água por muito tempo e, ao final de um dia qualquer de trabalho, ao chegar em casa e lançar-se em um sofá outro (maior, que cabia uma família inteira), simplesmente decidiu que aquelas paredes e aquela vida nada tinham a ver com ela. Despediu-se de Donato, remanejou a própria vida e se reinventou.

Caroeninha... aquela que sempre foi geniosa, que experimentou a solidão-presença, resolveu experimentar a solidão-opção. E como foi feliz! As contas estavam sempre apertadas, claro. Vida de professora costumava ser assim. Mas como estava feliz! Soube se ver mulher além de mãe, aprendeu muitas ocupações novas, viveu flertes sem muitas expectativas, lançou-se em todos os planos que eram possíveis de ser retomados e que tinham sido engavetados em decorrência da maternidade inesperada. Ah, como Caroeninha estava feliz! E viveu intensamente essa felicidade, sem contabilizar as horas e os dias em que estava entregue a si mesma.

Até o dia em que, experimentando a liberdade de viver apenas como mulher naquela noite, pois na ocasião Ayana estava sob os cuidados de Donato, apaixonou-se pelos olhos intensos, pele caramelo e feição harmoniosa de Eliseu. O cruzamento de olhares entre Caroeninha e Eliseu foi o suficiente para se cumprimentarem como se a ligação entre os dois fosse ancestral. Os dois sentiram na pele essa ligação, pois conversaram a noite inteira e, numa dança mais propícia para a aproximação corporal, não demoraram a se beijar. Do beijo foram até a casa de Caroeninha, de lá para as

carícias mais intensas e a despedida na manhã seguinte. Ela sentiu-se mais viva do que antes, porque desejada ardentemente! Eliseu foi embora dando pistas de que faria contato e, naquele jogo já conhecido por Caroena, ela não criou muitas expectativas.

Mas Eliseu a procurou, e ela vibrou como uma adolescente recém descobrindo o amor, com uma euforia que talvez nem na adolescência tenha experimentado, afinal, ela não foi lá muito dada aos afetos e paqueras. Sempre que Eliseu a procurava, ela dava um jeito de segurar mais um pouco o desejo até que pudesse encontrá-lo tranquilamente enquanto Ayana estivesse ou com Donato, ou com a avó. Foram meses de intensas trocas, carícias, compartilhamento de desejos e ideias muito semelhantes. Achavam-se muito um no outro. E mesmo Eliseu morando e trabalhando em outra cidade, quando se achegava pelas bandas de Caroena, ele a procurava.

Até que um dia, entre conversas e carícias, Eliseu revelou um tal amor mal resolvido que ainda habitava seu coração. Não que ele estivesse mantendo duas relações, mas ele confessou que magoou muito “a mulher que mais amou na vida” e chorou no colo de Caroena. E assim, tal qual a euforia chega e muito rapidamente se esvai, Caroena foi tomada por profunda tristeza e raiva, as quais não soube expressar no momento. Tentou passar por cima do que já estava posto, procurou-o na tentativa de compreender o que estava acontecendo entre os dois, mas Eliseu não se permitiu viver essa história, silenciando Caroena. O ponto final da relação – que aconteceu de maneira tão inesperada – aconteceu por um telefonema. Caroena não se sentiu gente nem digna de ser amada, pois, poucos dias depois do término impessoal, viu Eliseu aos beijos e caminhando de mãos dadas com uma outra moça de cabelos longos e amarelos, enquanto os encontros entre os dois aconteciam na discrição de seu apartamento, longe dos olhos públicos.

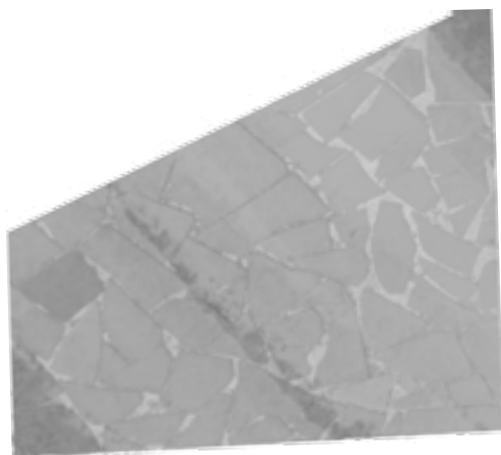
Caroena viu-se em pedaços e fragmentos e não mais como espectadora da própria vida. Catou-se e se recolheu à solidão-imposição enquanto refletia sobre os porquês de tudo aquilo ser como era para ela. Mas a vida não lhe deu muito tempo, afinal, era preciso estar inteira para seguir sua caminhada ao lado de Ayana. Era preciso estar inteira para pegar na mão de Ayana e ensiná-la o caminho.

Assim, Caroena também se endureceu, tal qual o nó que estava incomodando os movimentos de suas costas. Ensimesmada, viveu desacreditando que o amor era possível para mulheres como ela (e olha que

ela mal sabia o que queria dizer com “mulheres como ela”, e muito menos o que o amor de fato é). Sabida de sua força e qualidades, sabida de seus limites e possibilidades, viveu solidões múltiplas, mas nunca largou a mão de Ayana durante a caminhada.

No romper dos dias que estava vivendo, em que a solidão já era uma condição para milhares de pessoas, Caroena estava começando a viver uma história mais racional e cautelosa, na qual a expectativa e a ingenuidade já não eram norteadoras do seu querer. Agora a solidão-não-opção separava os corpos dela e do outro moço por puro capricho de mãe Aiyê. Esta solidão, Caroena procurou entender.

Ao acordar desse lampejo de memória consciente, Caroena se deu conta de que, além do nó que apalpava, havia outros que se manifestavam ao longo do lado direito e do lado esquerdo de suas costas. Não quis mais dar atenção a esse incômodo em seu corpo. Levantou, despiu-se, olhou-se profundamente diante do espelho e pensou: talvez um bom banho quente desate esses nós.



Depois do sim

Heme Costa

A coisa toda começou logo depois do “sim”. ainda na festa de casamento alguém notara:

- Nossa, como seu cabelo tá bonito! Mais brilhante, mais escorregadio...

E eu achei que tinha sido o penteado feito ou algo do tipo.

Festa modesta, moderna para a cidade pequena, mas tudo realizado com muito cuidado. Quase todo mundo veio ver. Havia doces, salgados e a famosa bebidinha quente do lugar.

Eu me casei com o Júlio, me casei porque o amava, me casei não inocente das nossas diferenças. Ele, louro, eu, preta. E isso basta para saber dele porque não quero torná-lo centro.

No dia seguinte à sensacional noite de núpcias, desci para tomar café no hotel da cidade e já me veio um alguém:

- Parabéns, querida, a festa foi lindíssima! É de se ver sua felicidade pela coloração das bochechas rosadas.

- Rosadas? - quase ri - Estão mais para arroxeadas, eu diria.

- Oh, não diga isso, seu semblante com certeza está mais sublime, coisas de lua de mel, e o cabelo até deu uma “abaixadinha” - e dá uma piscada por debaixo dos óculos.

- Efeitos da noite... - quis falar, ousada - Mais tarde armo meu encrespado que amo e tá tudo certo.

Fiquei encabulada com a reparação da mulher.

Os dias foram se passando e, aos poucos, outros vinham apontando aqui e ali mudanças sensíveis, primeiro no meu rosto, depois na minha pele, no meu cabelo. Apontavam mesmo sem eu pedir orientação alguma. Era como uma coisa trivial. E eu não sei, acho que fui deixando. Fazia cara de quem estava ouvindo, mas não estava. Raras vezes respondia, e nessas vezes respondia quase sempre indignada.

As pessoas reparavam. Aquelas que não vinham comentar eu dava por conta dos olhares atravessados, cochichos atrás das portas, risinhos, piadas,

olhares compassivos quase que queriam me dar um abraço. No açougue, na padaria, no serviço, estava lá a presença pesada da observação constante, e a coisa piorava se eu me postava a falar. Foi assim que comecei a me sentir estranha. Todos os dias pela manhã percebia-me frente ao espelho analisando-me meticulosamente.

Os outros afirmavam convictos que a minha boca estava um pouco menor, o nariz afilando, o cabelo derrubando-se pelos ombros, a pele um tanto mais clara. Achei que só podia ser uma impressão devido à falta de exercício, à falta de sol, e dei para correr todos os dias de manhã. Os primeiros raios solares eram meus.

Aquilo até então ora me angustiava, ora eu simplesmente esquecia.

Paulatinamente, algumas pessoas se afastaram, condenatórias, e eu sabia e fingia não saber que de alguma maneira a minha estada ou a minha imagem se tornou um problema.

Resolvi então que somente as corridas matinais não ajudavam, já que de súbito recebia cínicos elogios, sempre muito abrandados, julgando uma suposta mudança física. Passei a expor-me ao sol não só de manhã, mas também no fim da tarde, na hora do almoço, no intervalo do trabalho. Em vários momentos eu deixava de comer para aproveitar a queimadura forte do meio dia, convicta de que iria fazer cessar os comentários de uma melanina desbotada e enfraquecida. Quase caí de susto certo dia quando eu, num momento desse de batalha cotidiana, sentada no banco da praça, o sol estalando na cara, escuto me gritar uma criatura do outro lado da rua:

- Como te fez bem o casamento, hein?! Está alva como a Virgem Santa.

Acenei completamente confusa e continuei minha rotina cada vez mais retraída, cada vez mais infeliz e sempre muito abismada, até que uma outra colega do trabalho não aguentou, se colocou em minha frente, apontou o dedo em minha cara e, com a voz muito alta, disse:

- Mulher, você está ficando branca!

Dei para trás com tamanha impetuosidade. Ela continuou:

- É, tá ficando branca. Desde que negou sua raça e resolveu casar com um homem branco, você tem se tornado branca.

Meu coração realmente acelerou e aí sim empalideci.

- Isso é impossível, querida. Isso não existe.

- Existe sim, acontece demais. É que as pessoas não gostam de falar, mas olhe só como você tem clareado, olhe como você se expressa. Na sua expressão eu não sinto mais a verdade nem a firmeza de uma mulher preta.

Titubeei.

- Olhe, não vejo mais suas citações de negritude.

- É que...

- Não consigo perceber seu olhar altivo de ancestralidade preta matriarcal. Você está sumindo.

Engoli seco. O choro quase veio, e quis intimamente ajoelhar-me em redenção, mas apenas expressei:

- Você não sabe do que está falando - e dei de costas.

A partir daquele momento o desespero tomou-me e quis morrer. De volta em frente ao espelho enxergava a minha cara insegura e amedrontada e, juro, apertando os olhos quase dava para perceber alguma mudança de tom.

- Com tantos homens pretos, com tantos homens bons, logo um branco?

Vozes na minha cabeça começaram a soar alto.

- Logo eu? Tão inteligente e tão apropriada de um discurso, logo um branco?

Saí na rua em disparada, não tinha o que fazer, era real, estava acontecendo... Soluçava inconformada, arregalava os olhos mirando as mãos, os pés... Fui me despindo um tanto, passadas rápidas na calçada, trombando entre as pessoas que agora já não me diziam mais nada. Será que já não me enxergavam? Esse era o próximo passo então? E por mais que eu dilatasse a bolota do olhar eu mesma não conseguia comprovar aquilo que me afirmavam. Ia rezando pelo caminho, pedindo a Deus, aos Orixás, para devolver aquilo que era meu, acomodar a minha alma nessa carcaça que debatia.

Parei no bar, arrasada, incrédula dos caminhos perversos que a vida tinha reservado para mim. Tinha tão rapidamente me tornado uma traidora, uma infiel, uma frágil mulher sem moral, que negara sua raça, que negara seus princípios.

Pedi uma bebidinha quente do lugar e virei com vontade de ser engolida por ela, que desceu queimando-me inteira. Pedi outra, e mais outra, e mais outra... A confusão e o ódio foi tomando o meu pensamento.

Não era justo, não era justo que eu tivesse que me desfazer de mim, carregar um fardo tão grande e gozar agora de privilégios forjados. E ri comedida com a aliança no dedo e tão breve com filho nos braços fingindo que antes daquilo eu nunca existi.

Não era justo que, num estalar de dedos, me fizesse branca como a neve e não coubesse mais em lugar nenhum e evaporasse com o ar.

Comecei a gritar, a rir, a chorar. As pessoas iam se aproximando e eu não permitia que ninguém me tocasse. Vomitava às vezes também e depois levantava firme a cabeça, pedindo um pouco mais. Passei um tempo assim, até desmaiar. Um vexame, uma coisa triste de se ver.

Ao acordar, tinha guardanapos ao lado. Limpei a boca, levantei cambaleante e eu não quero descrever aqui o que senti. Primeiro, vi que não estava morta. Bobagem dizer que a cabeça latejava. A questão é que esses momentos de se rasgar inteira reservam lucidez. Pedi caneta ao dono do bar e escrevi. Esta é uma mania de infância: escrever deliberadamente o que se quer, o que se é, no momento agudo da dor, pois é como um pacto pessoal de expressar verdade. Coloquei o papel frágil no bolso e depois retornei.

Passaram os dias, meses, anos, o casamento vai bem, e ninguém mais ri ou olha, ou aponta piadas nunca mais, ajusto meu cabelo todos os dias pela manhã cada vez mais para cima e amarro firme. Converso, discurso na militância, sou referência para as meninas negrinhas que são de lá e quem me vê nunca vai dizer que aquilo aconteceu e ninguém jamais admitiu que enxergou a minha branquidão, me apontando ou se compadecendo.

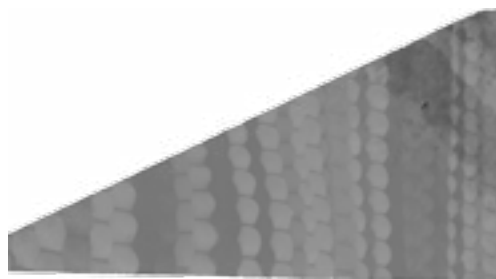
Eu segui forte, mas... Vez por outra, assim por um motivo qualquer... Dirijo-me muito secretamente àquele velho pedaço de guardanapo escondido onde escrevi “culpada”.

A Solidão da raça

Ariane Senna

De família materna branca e de família paterna preta eu vim, uma mulher negra de pele clara. Para alguns sou uma mulata, para outros, morena, e para o registro oficial (certidão de nascimento), parda. Por um lado, não sou vista como um corpo pertencente à representatividade negra, mas quando lhes convêm me utilizam enquanto estatística na inclusão de notificações sobre populações que são mais expostas a diversos tipos de violências. Por outro lado, pessoas brancas não têm dúvidas de que não compactuo com os papéis estabelecidos pela branquitude, mas quando lhes convêm me aceitar, passam a me fazer certos “elogios”, como “é uma bela mulata”, “uma morena sensacional”, “não é tão negra, é uma diva como a Beyoncé”.

Como se não bastasse a solidão do gênero, do desconhecimento enquanto mulher por ser trans, passo a ser novamente jogada à marginalidade, a um lugar de solidão em que sempre estive, mas nunca quis estar: a solidão da raça. A quem interessa isso?



Deusa do Ébano

Elaine Teixeira

Aos 26 anos eu já lutava para conquistar minha casa própria. Era professora de história e trabalhava 60 horas por semana, dando aula nos turnos matutino e vespertino do ensino fundamental em escolas municipais de Salvador e, no turno noturno, no ensino médio de uma escola estadual em Lauro de Freitas. Mas a jornada só acabava aos sábados, às 17h, por conta das aulas do curso da pós-graduação. Foi num desses deslocamentos que conheci Arthur, um contador franzino e bem-humorado, a quem dei uma chance para conhecer-me, caso não tivesse problemas com essa rotina.

Ele aceitou. Falávamos todos os dias por vídeo-chamada, mas só tínhamos tempo de nos encontrar aos domingos, em programas tipicamente caseiros como um jantar, um filminho no sofá e um encontro quente em minha cama.

Apesar de gostosa, essa rotina foi me cansando. Eu precisava sair, arejar a mente, mas Artur sempre conseguia me convencer a ficarmos em casa por ser mais confortável para ambos, pois já tínhamos rotinas bem cansativas e ele não queria perder tempo em engarrafamentos na orla da cidade ou em filas em casas de show.

Num belo dia de domingo, Artur ligou dizendo que não poderia me ver e justificou com um torneio de futebol com os amigos. Eu aproveitei a oportunidade e fui visitar a Débora, uma amiga que morava no bairro da Ribeira. Curti cada pedacinho do trajeto como se fosse uma libertação daquela rotina.

Quando nos encontramos, decidimos dar uma volta na orla e finalizar o percurso na Sorveteria da Ribeira. Enquanto tomávamos sorvete, eu apreciava a vista beira mar, e Débora, que estava com o celular, *stalkeava* outra amiga no Instagram, a Lívia. Por um instante ela se deu conta de que na semana anterior não tinha sido chamada para seu noivado. Débora ficou tão chateada que me mostrou as fotos como se eu fosse a testemunha da falsidade de Lívia. Foi nesse momento que eu percebi que o noivo de Lívia era Artur.

Já não escutava nada do que Débora falava. A sensação era que o mundo rodava e que eu cairia no buraco que tinha sido aberto sob meus

pés. Eu, de pele escura, tinha perdido a cor e já não tinha forças nem para segurar o sorvete, que acabou escorregando para meu vestido. Débora não compreendeu o mal súbito, mas diante da minha fraqueza, atravessou a cidade e acompanhou-me até em casa. Ao chegar lá aconselhou que eu descansasse um pouco. Não tinha escolha. Assim o fiz, e desliguei o celular.

No dia seguinte, quando Artur ligou, eu recusei a chamada de vídeo. Não queria que ele soubesse o quanto estava triste, mas conversei com ele por mensagem de texto.

Enquanto ele reclamava que meu celular na noite anterior estava na caixa de mensagens, falei que tive notícias do seu noivado e desejei felicidades.

Ele não tinha como negar esse segredo, pois eu sabia o nome da noiva e a data do noivado. Ele pediu desculpas e disse que se sentia tão encantado por mim que jamais desejaria terminar o relacionamento que construímos. Quando perguntei o motivo de sua escolha, ele disse que precisava assumir a relação com Lívia porque era moça de família. Após pronunciar isso, notei que Artur percebeu a grande bobagem que tinha dito. Tentou voltar atrás, disse que me amava, que sabia que também era amado, que me respeitava, que não queria ficar sem mim e perguntou se eu aceitaria continuar o relacionamento em segredo porque sabia que eu sou mais forte do que Lívia. A outra não aguentaria descobrir a traição.

A cada palavra pronunciada eu me sentia cada vez mais destruída. Eram apenas palavras! Artur não me valorizava, não respeitava meus sentimentos, não percebia minha fragilidade e só nesse momento percebi que, para ele, eu não passava de mais uma diversão.

Como toda filha de Oxum, eu sabia que tinha o poder de encantar as pessoas somente com o olhar. Mas nesses últimos dias meu olhar estava tão triste, tão apagado, pois refletia meu estado emocional puramente decepcionado. Os alunos que tanto amava notaram que tinha algo muito grave acontecendo comigo porque eu já não tinha mais tanto ânimo em sala de aula.

Os alunos do ensino médio, tão carinhosos, perceberam que eu precisava de um desafio e me inscreveram secretamente no concurso da Deusa do Ébano do Ilê Aiyê. Afinal de contas, para eles, eu era a candidata perfeita: contava diversas lendas africanas e dançava enquanto as contava. Eles diziam que eu tinha a força das guerreiras e que minha beleza transbordava a

aparência. Sempre diziam que eu era muito mais que simpatia, era empatia. Mas eu estava num abismo tão profundo que nada percebi.

Márcia, a professora de geografia, inventou, para ajudar os alunos, que tinha se inscrito no concurso da Deusa do Ébano e que precisava de mim como companhia para lhe dar mais segurança. Aceitei o convite e Márcia pediu que me embonecasse porque os acompanhantes também ficariam em lugar de destaque. No dia da seleção, quando entrei na Senzala do Barro Preto com Márcia, surpreendi-me ao perceber que todos os meus alunos já estavam na quadra e nem todos estudavam com Márcia, mas achei que fosse apenas mais uma coincidência.

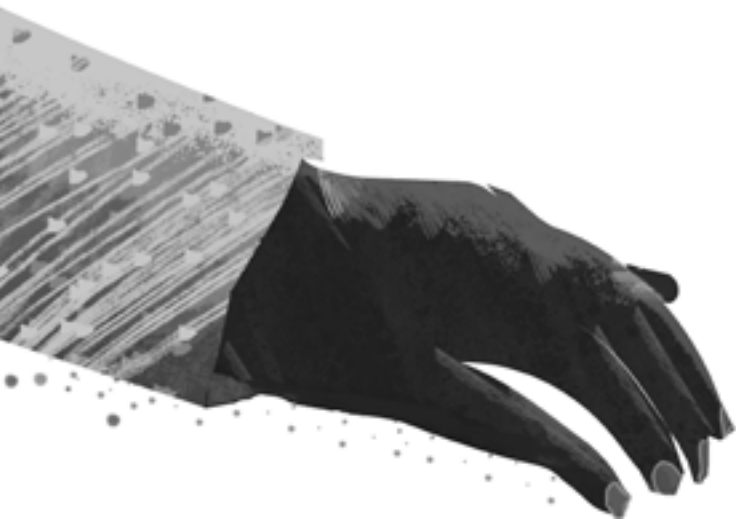
Só compreendi o que estava acontecendo quando ouvi meu nome ser chamado para subir ao palco. Olhei para Márcia e ela olhou para os alunos como se denunciasse os culpados. Olhei para os alunos e, como de costume, apertei os olhos para eles e sorri, em sinal de aprovação. Subi ao palco com o coração aos pulos. Era a primeira fase da seleção. Como esperado pelos meus alunos, fui aprovada.

Durante a preparação para o concurso, percebi que alguma coisa tinha mudado em mim. Iniciei um mergulho profundo na minha história, na ancestralidade e na religiosidade. Reconheci minha valorização como mulher e saudei as mulheres que vieram antes de mim. Fiquei muito orgulhosa de todas as atitudes que tomei diante das dificuldades que a vida apresenta. Sempre fui muito competitiva, mas esse concurso tinha um objetivo muito, muito maior. Serviu-me para mostrar que qualquer mulher tem o poder de tornar-se deusa; basta se tornar a personagem principal de sua história.

No evento em que se realizou o concurso chamado Noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê, que foi televisionado para todo Brasil através da TV Cultura, mandei um recado para os homens. Meu discurso foi sobre a solidão da mulher negra. Falei o quanto era injusto que elas fossem vistas exclusivamente como figuras erotizadas. Que a mulher negra reafirmava sua ancestralidade e identidade quando lutava todos os dias contra o racismo, o machismo, a misoginia e o apagamento de suas conquistas. Que ela sofre pelo amor negado, pelo desmerecimento unicamente por um tom de pele. Que o protagonismo da vida de cada mulher é de decisão delas. Que um relacionamento em que ela se sente oprimida e diminuída é sim um relacionamento abusivo. E que se tivessem coragem, optariam pela felicidade porque o livramento de um relacionamento abusivo é um alívio enorme.

Enquanto estava no palco, Artur enviou uma mensagem de desculpas dizendo que se sentia estupidamente envergonhado por ter empatado a vida de uma mulher maravilhosa por tanto tempo. Confesso a vocês que nem respondi.

Ganhei o concurso da Deusa do Ébano com a responsabilidade de representar o Bloco Ilê Aiyê no carnaval. Mas ganhei muito mais do que isso, pois utilizei minha fala para motivar outras mulheres a reavaliarem seus relacionamentos e, de cima do trio elétrico, ao desfilar com o Mais Belo dos Belos, percebi a potência e a repercussão daquele discurso em cada olhar feminino. Arejar a mente – distrair-se, entreter-se *stalker* –, bisbilhotar a vida alheia a partir das redes sociais, se dar conta - perceber perder a cor –, empalidecer moça de família – diz-se das moças que têm qualidades que os rapazes consideram importante para casar –, voltar atrás – retratar, corrigir embonecar – arrumar-se, produzir-se aos pulos – em ritmo acelerado desmerecer –, não merecer livramento – ação de evitar uma situação ruim empatar a vida – ocupar o tempo desnecessariamente.



(Re)Encontro

Lorena Ribeiro

No primeiro dia como professora titular, acordei inquieta. Encontrei, sentada na beirada da cama, uma garotinha no auge da infância: cabelo volumoso, preso em grossas tranças, bem magra e alta e muito tímida. Nos observamos por um tempo e, num ímpeto, peguei-lhe a mão. De imediato, ressurgiram as lembranças de ter o nome no topo da lista das “mais feias” da turma, os comentários sobre o cabelo e o corpo. O medo de não ser aceita. Desaguamos.

Abracei aquele esboço de mim com todo amor, sabendo exatamente como doía. E dói. Então, me vi aos quinze anos: cabelo alisado. A inaceitação. Mas sorri ao surgir aos vinte e um, descontraída, o crespo bem curto. E vieram como enxurrada: turbantes, transição, reconhecimento, potência, leituras... Enfim, a identificação.

Chegando na escola, avistei uma amorinha acuada, prendendo os cachos num coque apertado após um comentário do colega que vinha ao seu lado. Fortalecida pelo (re)encontro matinal, entendi e aceitei a missão.

Tran'Solidão

Thiffany Odara

O sufoco desse amor pessoal me levou a vários lugares lidos como marginais. Quando me percebi, quis compreender meu corpo. Desde a minha infância eu já partilhava do fascínio pelo feminino e vislumbrava-me nele. Mas o descompasso entre a minha realidade interna, o mundo externo e sua lógica, só me fazia entrar em choque comigo mesma e o meu desejo de que o chamado feminino pudesse invadir meu corpo, remodelando-me e, conseqüentemente, celebrando a minha existência. Porém, tive que experimentar a truculência de uma sociedade binária, em que os padrões constitutivos da cisnormatividade estabelecem o que é identidade de gênero.

Aprender a me amar se tornou um ato político e revolucionário, um desafio diário de transcender aquilo que agora nomeamos de cisnormatividade. Nossos corpos são monitorados por padrões hegemônicos ainda ligados a um modelo arquitetônico cristão eurocêntrico patriarcal machista e arcaico, modelos estes que impõem formas excludentes de existência.

Essas regras ou condutas construíram uma barreira de desamor, de negação do meu amor próprio e acabou por me condicionar a uma exclusão imensa. Por diversas vezes, os amigos e familiares me negaram afeto, acolhimento e força. O primeiro espaço em que quis compartilhar quem eu sou, desabafar sobre as dificuldades e problemas, foi negado a mim e, sem saber, me agrediu das piores maneiras que se pode imaginar. A trans'solidão foi o destino traçado por eu ter escolhido o corpo que as pessoas negam e desconhecem. Esse caminho teve custos de tensões e paixões. Viver numa ambigüidade por estar muito feliz por me encontrar, por ser eu mesma e, ao mesmo tempo, ter que lidar com essa grande solidão que a abjeção me determinou.

A minha reflexão, assim, permeia muitas vezes as palavras de bell hooks, que diz que “Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor”. Essa realidade, tão cruel, torna-se ainda mais complicada quando se é mulher negra e trans. Entretanto, minha intenção aqui não é medir sofrimentos e angústias, mas visualizar esses pontos de isolamento, essa pedagogia imposta do silenciar as nossas dores. É nessa proposta de me encarar enquanto negra e travesti que sou que vejo

a minha jornada atrelada à trans'olidão, em que a sociedade afirma que nós, mulheres trans/travestis, não merecemos amor nem o direito à vida. São nesses termos que ratifico o preço em assumir a minha identidade, que não é nada hegemônica.

A cada passo, a cada rolê nas ruas, a cada programa nas esquinas meus conflitos internos só cresciam e geraram em mim uma grande angústia, pois me deparava sozinha a todo momento. Pela mulher que havia me tornado, eu sentia que faltava algo e que eu não sabia... No sorriso forçado, um vazio aguçado de tantas outras inquietações, pois eu sentia que o fardo seria pesado, mas eu precisava superar essa dor. Enfrentar a trans'olidão me impunha desafios tão violentos, quando eu só queria gozar plenamente a minha existência e vetar esse submundo de tristezas e aflições. Foi pensando assim e, deixando em segredo com meu travesseiro, que fiz essa reviravolta.

A minha vida amorosa não deixou de ser marcada por esses jogos com o meu corpo e a minha subjetividade; entretanto, tive que me confrontar e me permitir. Estabelecer uma relação afetiva me levou a caminhos de pessoas que muitas vezes me trataram como objeto de prazer para práticas sexuais, nas quais, minimamente, eles acreditavam que eu era usada - ingênuos, pois aprendi a dar e a receber prazer encarando meus demônios. Prazer, violência e dor insistiam em invadir os meus sonhos por eu estar em busca do meu próprio bem. Mas eu me enganava: a vida, o destino, pregavam uma peça. Eu acreditava que estar bem era ter alguém ao meu lado, mostrar não a mim, mas à sociedade que eu era digna de um amor.

A minha primeira relação foi marcada pelo caos. Eu depus minha total confiança e, perdidamente, achei que o amei e fui amada. Ele brigava e me defendia das agressões das pessoas nas ruas, colocava-se ao meu lado na frente de todo mundo, mas era só chegar em casa que toda a violência que ele barrava ele despejava em mim. Fui me dando conta, aos poucos, da minha falta de amor próprio e aprendi com essa vivência que amor não foi feito para doer, mas para possibilitar uma troca que nos faz feliz. Porém, com ele eu só recebi dor. Tentei acreditar que essa dor fosse passageira e que, com o tempo, ele poderia ser o caminho salvador, mas ele continuava a me bater e a cada dia eu era mais humilhada.

Mergulhei em outra relação, pois invadia no peito aquela vontade de eliminar essa trans'olidão, de saciar as minhas inquietações de desamor que brotavam no meu peito. E foi nesse momento que encontrei alguém que

fingia me aceitar e me amar. O quão difícil foi acreditar que alguém tem que te aceitar... E, por um tempo, achei que era assim que funcionava. Eu acreditei em muitas coisas naquele momento: que estaria livre da trans'solidão e de qualquer outra opressão por ele me dar acesso a sua branquitude, que por mais que ele fosse usuário de crack e isso me trouxesse uma sensação de desespero eu teria conforto, porque eu queria estar com alguém. O que eu custei a perceber era que até os estigmas por ele ser usuário só aumentavam em minha vida e que eu não via: o príncipe encantado tornou-se um sapo. Foi esse homem que, no alto da sua masculinidade cisgênera, afirmou: "Pra você ser boa mesmo, você precisa de uma buceta". Vários sentimentos me atravessaram naquele momento. Senti que eu era boba e idiota por não compreender o desamor em que chorar e sofrer não fazem parte de ser amada. O meu clamor se resumia em dor e, cada vez mais, eu me perguntava se um dia eu teria um amor. Entretanto, eu não desisti de encontrar isso e continuei a me perguntar se haveria alguém que pudesse amenizar minha dor, findar o sentimento que me causava tamanha exclusão. Afinal, o que eu queria mesmo era alguém que fosse capaz de me dar a mão.

O fato para que eu não me atentava era que essa mão, que eu tanto esperava, estava em mim, na minha ancestralidade, através de uma energia cósmica, o que chamo de *asé*. Com essa energia vital e essencial para arrancar e transformar o sofrimento em engajamento político e ancestral quando em meio a tantas agonias me vi perdida, eu fui escolhida para suceder e direcionar todo o legado religioso deixado por minha avó. Eis que nesse momento surge um outro grande desafio. A paz, a confiança e o amor brotavam dentro de mim, pois as energias, os encantados e os orixás fizeram com que eu me visse e percebesse a natureza como extensão do que sou. Múltipla como ela é, com os mistérios que ela traz, a natureza me ensinou que tudo nessa vida tem um sentido. Olhando a minha trajetória, deparo-me com todo esse lamento, mas que me trouxe aprendizagens, possibilidades de me redescobrir não mais como um corpo contra hegemônico, não mais só mergulhado em muitas angústias, mas enxergando-me com tudo que me compõe e torna-me essa amada mulher que sou. E que isso só foi possível exatamente por tudo que eu me tornei.

Aos trancos e barrancos eu entendi que minha trans'solidão não estava atrelada às pessoas. Não seria um sonho ou uma mágica de um homem belo que viria me fazer feliz ou uma casa cheia de pessoas. Aprendi que a felicidade está em nós. O outro somente vai ajudar a transbordar

toda essa felicidade. Dessa maneira, com o meu processo de abandonar esse sentimento da trans`solidão, enaltecer o meu ser e entender que nessa vida tudo posso, desfruto do meu amor próprio.

Essa foi a minha jornada de redescoberta, onde os mais variados lugares me condicionaram à negação do afeto, mas foi nesse embalo e nessas buscas incansáveis que tive uma outra surpresa. Nunca pensei que um reencontro ancestral pudesse trazer tanto sentido a minha existência, pois reencontrar com minha ancestralidade foi simplesmente reencontrar comigo mesma e desencravar o amor próprio que o racismo e suas vertentes queriam apagar. Essa narrativa é minha, mas se parece com a de muitas e é contada por poucas. Por isso, é importante contar nossas histórias. Assim, amenizamos nossas dores e podemos afinal curar as nossas feridas.



Infanto-vida-grafia

Joice Souza

Tive uma infância de brincadeiras sozinhas, pois eu era os meus próprios amigos. A minha brincadeira favorita era reproduzir o cotidiano por meio de personagens, e o meu cotidiano era baseado nas novelas que assistia com minha família. As bonecas relatavam fatos que, em sua maioria, traziam questões de afetividade amorosa, casais que se amavam e que lutavam para ficar juntos, mas no meio do caminho encontravam alguns obstáculos, ora familiares, ora internos. Dentro das brincadeiras eu era a porta-voz de todos os personagens, a narradora onisciente. Todos os acontecimentos eram bem planejados, e a minha história tinha começo meio e fim. Estava no ápice de minha criatividade, transcrevendo tudo que eu via para as brincadeiras. Mas ninguém percebia. Ninguém perguntava sobre o que eu brincava. Os meus pais achavam bonitinho a filha que falava sozinha no quarto, pois estava em casa, segura e longe das brincadeiras de rua que envolviam a interatividade com colegas de mesma idade.

Entreí na creche ainda muito pequena, pois minha mãe precisava trabalhar e meu pai vivia pelas fazendas, passando a maior parte do mês longe de nós. Minha irmã precisava estudar, mas ficava comigo no período em que não estudava. Durante boa parte da minha infância a minha mãe foi o meu tormento, a pessoa que me punia dizendo que me amava e, desse modo, as surras me afastavam emocionalmente dela cada vez mais, criando uma barreira que eu só fui entender bem mais tarde. Ela acompanhou minhas etapas, viu-me vomitar por vontade de um picolé de chocolate com granulado da padaria que havia inaugurado há poucos dias. Ela se via sem dinheiro, contando os trocados para pagar as contas. Mas ganhei o picolé, do jeitinho que eu queria – minha mãe comprou pra mim.

Lembro-me de sentir terríveis dores de ouvido por volta dos meus 4, 5 anos de idade, e a única pessoa que estava do meu lado era minha mãe, posicionada exatamente do meu lado, pingando remédio e me deixando “quietinha pra dor passar”. Essa mulher reproduzia a sua criação, mas com toques de afetividade intermináveis, pois sentia o peso de ser mãe em uma sociedade que coloca a figura materna em um pedestal doloroso, cheio de cobranças, como se a sua existência fosse tirada com a chegada dos filhos.

Minha mãe abraçou a carapuça da sociedade machista e seguiu o papel maternal que sugava sua vitalidade.

Na maioria das vezes minha mãe me levava até a loja quando ia comprar algum presente para mim. Chegando lá, após escolher o presente ideal com os olhos cheios de encanto, eu pedia para que a atendente o embrulhasse com o papel de presente mais brilhoso. Quando chegava em casa abria o embrulho como se não soubesse o que havia dentro justamente para fazer o semblante de surpresa: “Uau, um presente! O que será?”

Tesoura

Meu pai era a pessoa que não acompanhava o meu desenvolvimento infantil, mas sempre trazia um recurso que nos favorecia. Eu não entendia muito bem essa dinâmica. A coisa que acompanhava meu pai podia comprar boneca e fazer compras no mercado, além de proporcionar também alguns dias de cremosine no mercadinho da esquina – ele trazia dinheiro. Ele não me batia, pois tinha pena e eu era a “princesa do papai”. Pude observar melhor essa relação mais tarde: o pai que surgia como Papai Noel com o necessário para ajudar a suprir a família era ovacionado a cada vinda, mas a mãe, mesmo extremamente presente, não recebia esse prestígio.

Minha mãe sempre foi muito prestativa e disposta a ajudar as pessoas, uma mulher que já sofreu demais e que encontrou apenas trabalhos exaustivos ao longo da vida, os quais lhe arrancavam o sangue e a devolvia míseros trocados. Ela cuidava das filhas como podia. A maior ingressou na faculdade e agora longe conseguia seu sustento sem o auxílio da família. Para a pequena, lançava-lhe alguns mimos.

A escola

Meu universo de brincadeiras solo se expandiu para algumas companhias, mas os amigos da escola eram amigos da escola. A relação mantida em sala nem sempre alcançava o recreio. Meus lanches eram recheados de um bom sanduíche, suco ou leite, e da minha própria companhia, que comia com tranquilidade, aproveitando todos os minutos do recreio para saborear meu lanche. Lembro-me da professora questionando minha mãe sobre eu passar muito tempo lanchando e perdendo a oportunidade de brincar com os colegas. Naquela época não víamos problemática alguma

em passar tanto tempo sozinha; porém, os colegas daquele colégio não compartilhavam da mesma realidade que a minha e possivelmente eu me sentia fora do lugar...

Eu era bolsista em uma escola particular porque minha mãe trabalhava na casa da diretora. Alguns anos mais tarde quis mudar para uma escola pública e, desde então, me permiti experienciar dentro do meu mundo o mundo que me cabia com colegas que dividiam a mesma realidade de vida.

O parâmetro que eu tinha sobre relacionamentos por volta de meus 8 anos de idade era o de relações heterossexuais, então, quase como uma necessidade de “gostar de alguém”, saí em busca da pessoa que pudesse se relacionar comigo. Dei início as minhas primeiras frustrações com essa temática. Selecionava um garoto, escolhia gostar dele e mecanicamente arquitetava o nosso futuro, ou seja, uma relação utópica. Nunca me senti entendida dentro desse “gostar de pessoas”, nunca funcionou muito bem pra mim... Sempre havia uma incompreensão por não sentir atração pelo físico das pessoas, o que era uma problemática dentro do grupo de amigas. Após alguns anos comecei a procurar imperfeições no meu corpo que poderiam me afastar dos relacionamentos, depois no meu intelecto e, ininterruptamente, segui com as acusações, culpando a minha existência até os meus 17 anos. Dos 9 aos 17 anos foram oito longos anos de distorção do que se era verdadeiramente. Meu sonho era prosperar, sair da realidade que me perseguia... Eu sofria, sofria, sem saber por quê. Traumas da vivência que me acompanharam e formaram aos empurrões quem sou hoje.

A escrita

Quando entrei no ensino fundamental, aos sete anos, descobri o mundo mágico da leitura e das figuras. Aquilo sim era existência! Viver para escrever e desenhar... E ganhar, ganhar dinheiro para fazer as compras do mês no mercado e cremosine no mercadinho da esquina. Eu sabia escrever e desenhar. Eu fazia isso e acreditava ser o meu destino, a “minha profissão”. Mas depois de um tempo deixei de lado, parei de escrever e desenhar, porque me esqueci de que esse era meu sonho. Estava preocupada demais em manter minhas poucas relações interpessoais.

Aos 13 anos

Líquen simples crônico. Isso fez com que eu me aproximasse novamente da escrita. Descrevi os dias da minha agonia apresentando todas as reações da doença de pele que eu tinha. O mundo parecia um lugar estranho, repleto de maldade e, nesse período, comecei a analisar o que o cotidiano mostrava, impulsionando-me a refletir sobre a vida por meio do viés da crua e intrigante existência humana. Escrevi um diário relatando tudo que me atormentava e transcrevendo também a forma como concluía cada etapa. Passei três anos da minha vida escrevendo períodos de grande alegria e de tormentos inimagináveis.

Amor

Eu tinha 18 anos quando aconteceu. Nem sabia ao certo onde estava me metendo, mas prossegui. Tudo ocorreu com muita naturalidade; no entanto, foi extremamente avassalador. O amor que tive queimou tudo dentro de mim, aguçou meus sentidos, me fez mudar de cidade e de vida. Estava em meu último ano do ensino médio. Estava mais próxima de uma amiga da escola que morava perto da minha casa, e íamos juntas para a aula todos os dias. Essa amiga tinha uma outra amiga que passou a ficar mais perto de mim por conta da amizade em comum. Confuso, né? Mas foi exatamente assim...

Flor fez eu me aproximar de Céu sem perceber. De repente eu e Céu estávamos criando nossa própria história sem notar o quão tomadas estávamos pela paixão. Um afeto que foi num crescendo delicado, fazendo parte da nossa rotina, nos motivando a mover céus e terras para se ver... Depois de um tempo a gente se deu conta que era amor, que a gente precisava continuar essa história, que precisávamos viver nossa vida juntas. Tínhamos 18 anos. Eu nunca havia beijado alguém e não tinha a menor noção de como tudo se desenvolveria. Céu se declarou via mensagem e eu fiquei em choque, embora soubesse exatamente o que estava acontecendo entre nós. Não medi palavras: respondi com a mesma intensidade de amor com que recebi a mensagem. A partir desse dia começamos a namorar, mas não muito oficialmente... Levou mais alguns dias para a gente escolher o momento certo de dizer que seria o nosso dia.

Nos encontramos no feriado de Dia dos Finados no ano de 2017. Minha casa estava em reforma, tudo estava fora do lugar, meu quarto estava sem porta e meu guarda roupa estava posicionado na diagonal para ocupar o lugar da porta vazia. Íamos assistir um filme juntas - e acho que meu pai estava em casa. O quarto estava inteiramente escuro, mas era um finalzinho de tarde. Nós nos aproximamos de uma maneira tímida. Estávamos cara a cara, olho no olho e, de repente, lábios com lábios. Meu primeiro beijo não poderia ter acontecido diferente. Foi perfeito para mim. E esse foi o dia que escolhemos para ser o nosso aniversário de namoro.

Após uns dois meses tomei coragem para contar aos meus pais e a minha irmã. O começo não foi muito fácil, mas conseguimos, e hoje eles se dão bem. Com oito meses de namoro resolvemos mudar de cidade para estudar. Mudamos de estado, saindo do interior do Mato Grosso dispostas a fazer morada em qualquer parte do país. E é em São Luís do Maranhão onde depositamos nossas esperanças até hoje. Cá estamos, às vezes tropeçando, mas ainda juntas e desejando demorar dentro desse amor.

Maturação

Ainda estou em processo de crescimento. Encontrando a maneira mais confortável para escrever, adequando-me a um estilo próprio, permitindo que a minha criatividade flua com sinceridade. Escrevo para alimentar minha existência e legítimo a minha escrita por ser limpa e minhA. Toda forma de expressão é válida, seja para mostrar o que há de bom em nós, seja para escancarar o abominável. Quem define o abominável? É relativo. É dependente de análise. E eu, particularmente, não me entrego a esse questionamento.

No tempo de dois dois: caruru, cocada, cuscuz, caldo de cana e água com açúcar

Jessica Nascimento

Ultrapassei o portão dez minutos antes da sirene marcar o início da aula. Na escola já não havia mais filas ou hino nacional. Durante os primeiros dias de aula a nova professora nos apresentou o caminho para a sala que, já maduros, deveríamos percorrer sozinhos na semana seguinte.

Conforme a orientação, não me perdi. Entrei e me sentei elegantemente na primeira fileira. Tirei da mochila com vaidade os cadernos que mamãe havia preparado para o meu aprendizado. Lembro-me como se fosse hoje: era uma brochura simples com desenhos infantis encapada com papel de pipa vermelho, e no centro havia uma etiqueta com o meu nome e a definição da minha turma: Vanderléia do Nascimento - 2º série E.

Quando a professora entrou na sala, diferente da figura simpática dos primeiros dias, fomos surpreendidos com uma mulher de olhos secos. Dona Helena deixou sua mala na mesa, respirou de maneira exagerada para se fazer ouvir e passou a caminhar pela classe batendo uma régua de madeira na mão. Estranhamos, mas ela serenou nosso coração:

– Calma, vocês são já são homenzinhos e mulherezinhas.

Sua palestra motivacional passava por temas da primeira infância, citava a mitologia do espermatozoide vencedor, nos lembrava sobre o desmame dos peitos de nossas mães, tomava como exemplo nossas inseguranças mais profundas e nos convidava a vislumbrar um futuro promissor em uma indústria de papel e celulose. Seu comportamento era militar. A força que Dona Helena jogava naqueles fundamentos era tamanha que nos excitava em silêncio. Sua capacidade como oradora era tal que, se nos pedisse dinheiro, entregaríamos confiantes nossos centavos e seguiríamos pobres e honrados para o recreio.

Foi assim que fui convidada a construir minhas primeiras frases:

– Sendo assim, vamos começar com um ditado.

Um ditado era um tipo de avaliação muito comum no E.E.P.G. A ditadora dizia as palavras e nós a repetíamos no caderno de acordo com a nossa educação. Era uma tarefa solitária que unia sistemas progressistas,

agilidade, precisão, foco e obediência. Quando a ordem implicava em flexões com “SS”, “X”, “J e G”, “M e N antes de P ou B”, eu me arriscava bem, mas quando o português pedia o plural, eu metia o artigo sem mexer no substantivo e não dava outra — meu currículo era recusado na grande indústria e eu passava a limpar as privadas de patrões.

Ao findar do primeiro exame estávamos exaustos. Levamos um a um o caderno para correção e ali mesmo fomos comunicados sobre a nova divisão da classe.

Quem tirou “Parabéns” sentaria à direita, quem foi “Ótimo” ficaria ao meio, e quem alcançou somente a nota “Regular” sentar-se-ia à esquerda. Eu passei a me sentar na última carteira da esquerda e permaneci na mesma posição por um bom tempo.

A professora também nos comunicou que a nossa primeira série não havia sido bem feita, que a nossa ex-professora deveria se envergonhar do mau serviço, que era um absurdo avançar os anos sem aprendizado, que no tempo dela a escola era boa, a dedicação era grande, e no nosso tudo era ruim. Me deu como exemplo insatisfatório para meus amigos de classe, e eu, como não sabia que aquela cena era demais, fiquei discreta.

Ouvi com pesar as ponderações da professora, que se repetiram durante alguns meses. Me senti infinitamente enganada com os esforços educacionais que empreendi em 7 anos ininterruptos de vida, questioneei minha comunidade, os elogios de mamãe sobre os desenhos da minha letra, as canções que vovó cantava metendo o artigo sem mexer no plural do substantivo:

— Vó, não é “As mozenza” que fala, é “As mozenzas”, com “s” no fim. Não é “Os grupo”, é “O grupo”. E para de falar “meninozinho”, é “jovem” que se diz — sinto dizer, mas coloquei defeito no dengo e no meu doce. Nervosa com a violência, vovó me metia o tapa na boca e eu chegava pra lá.

Um dia disse pessoalmente à Dona Helena que havia um prejuízo na minha experiência e que eu gostaria de avançar. Ela sorriu. Nada mudou. Permaneci lá atrás, sem ver nada e nem ninguém, em uma posição que me convidava a experimentar os prazeres da vadiagem.

Passei a esquecer com frequência os objetivos dos exercícios fundamentais. A professora, por sua vez, esquecia meu nome. Chamava-me

com frequência de Valquíria, Valdênia, Valdete, Valdereza, Valtina, menina malcriada do cabelo duro.

Quando dizia: “Ô menina malcriada do cabelo duro...” todos olhavam para trás e me viam, e a professora continuava a frase e me chamava de preguiçosa.

Com o tempo comecei a responder ao insulto e me tornei terrível. Minha mãe passou a ser chamada muitas vezes ao colégio. Meu caderno bem encapado continha mais bilhetes do que lição de casa.

Eu, no entanto, admirava lealmente a condição da professora. Sentia uma vontade infinita de segurar o giz e ser boa o suficiente para ser convidada, nas horas em que ela estivesse insatisfeita com a sua profissão, a copiar os textos na lousa.

Neusa era uma menina como eu, mas que tinha uma bela letra e era educada e inteligente. Neusa carregava os cadernos da professora Helena para o armário todos os dias. Neusa tirava “Parabéns” com letra azul no caderno, era caprichosa e doce. Uma menina certamente cristã, moralmente cristã – pelo que me lembro todos eram batizados, só eu mesmo que era o demônio.

Com tantas reclamações, concordei com minha mãe que deveria ser uma pessoa melhor. Mamãe, por sua vez, pegou uma folga na faxina e foi até à escola brigar por mim. Sei disso porque, apesar de não escutar a conversa, percebi que mamãe fazia gestos grandes, gestos imensos ao falar com Dona Helena, entortando a boca e arregalando o olho. Tremenda, mamãe era uma mulher tremenda.

Mas durante aquele fatídico ano decidi me retirar em mutismos e não tinha quem tirasse uma só palavra da minha boca. Chegava na classe, me sentava quieta e só me levantava na hora de ir embora. Era esplêndida. Ninguém me via, ninguém me percebia. Eu era ninguém e ninguém era muito bom para todos. Mas me faltava ar. Um dia bebi muita água para entrar na classe e precisei pedir para ir ao banheiro posteriormente, mas àquela altura já não tinha mais coragem de falar e, muda, molhei toda a minha roupa. Sentiram o cheiro ruim, olharam para trás e me viram novamente.

Com o rosto sereno e altivo, olhei um por um e roguei tudo quanto era praga na Dona Helena – que Deus a tenha.

Pedi a Exu que honrasse meu estudo e me desse caminho e, no auge dos meus sete anos, caminhei para o banheiro mijada e de coluna ereta. Rompi com a lamúria e me rasguei em verbo.

Foi então que conheci os gêmeos Maicon e Michel – eles chegaram na turma depois das férias de julho. Cosme e Damião, como eu os chamava, passaram a se sentar ao meu lado e a desenvolver comigo uma incompetência grupal escolar que tornava nosso desajuste cada vez mais divertido. Cosme gostava de copiar os desenhos do Pokémon, e Damião era muito catarrento – teve algum prejuízo na hora de nascer e ficou meia-boca perto do irmão. Damião, além de catarrento, asmático, pneumático, fraco, pequeno e magrelo, era um poeta em formação.

Quando a sineta do recreio tocava fugíamos juntos. Fugir é a primeira ideia de um corpo que se quer livre. Então corríamos desesperadamente, corríamos de pega-a-pega, corríamos de esconde-esconde, corríamos de cobra cega, corríamos da loira do banheiro e, durante a corrida, soltávamos os nossos cães guardados. Como Damião tinha problemas de saúde, antes que ele morresse, sentávamos no pátio e refletíamos sobre a vida:

– Damião, você aguenta correr mais um pouco?

– Tenho conseguido respirar entre as dores do meu peito.

Damião ficou um charme quando mais velho. Descobriu que uma certa melancolia tinha impacto sobre os corpos femininos e tirou onda.

Eu, quando precisei namorar, já tinha passado muito tempo nos fundos da sala. Me lembro de me interessar por um garoto magrelo e cabeçudo da sétima série. Era um tipo moderno, que gostava de samba e recitava Martinho da Vila. Um partido alto que chamava a atenção de muitas, e a minha também chamou, mas o homem não me via de jeito nenhum.

Na sala, me recuperei do sistema da última carteira assim que uma professora mais equilibrada desmanchou as filas e fez uma grande roda. Mas e na vida? Na vida a coisa ficou guardada e só muitos anos mais tarde, quando matriculei a filha do sambista no pré-escolar, é que voltei a me assustar com a história.

Voltei naquele colégio sorrindo e me peguei no colo. Eu estava quieta nos fundos da classe, fiz carinho em meu Ori e disse o quanto ela é preciosa:

Orí rere ee, Loo’rí í mí oò, Oorí í reere, È dá rere e, L’ẹ̀dà á mí mí oò, È dá á reere ee, Mo tii kẹ́kẹ́rẹ́ ẹ́ẹ́, Moṣ’ẹ́ẹ́ Orí í mí, Oorí í reere, Mo sì tun-un dàgbà, Ooríírere ee, A dá á máá gbá àgbẹ ee.

Preciso contar sobre o menino, o sambista. Quando vi que o rapaz não me percebia, armei um esquema com Cosme e Damião. Levei algumas bombinhas para o colégio e combinei com eles de passar lentamente em frente ao meninozinho na hora do intervalo. Durante a ação combinada, tirei as bombas do bolso e arremessei com força nos pés do malandro. Queria que nosso primeiro encontro tivesse fogos de artifício.

O tempo se suspendeu. O meninozinho lentamente ergueu a cabeça e, surpreso, me viu. Ele olhou nos meus olhos, e Cosme e Damião deram passagem para a cena. Eu respirei fundo e ouvi o pipocar fuleiro das bombinhas: poc-poc- poc.

As bombas fizeram um barulho mixo que não assustava nada nem ninguém: poc-poc-poc. O sambista soltou um vento da boca, um grunhido, uma espécie de vaia, e me ridicularizou pelo fato.

— Eeeeeeeeeerrrrrrrrrrrrrr

Eu, por minha vez, endureci a coluna e soltei minhas nádegas confiante. Agora, no auge da minha quinta série, já estava capacitada a entender meus fracassos e reconhecer minhas conquistas.

Depois de adulta, nos meus encontros com Cosme e Damião, ao som de um samba de primeira, vez ou outra rememorava a história:

— Vanderléia, aquilo foi tão ridículo, damãezinha!

E ríamos desesperadamente.

Memórias no Quilombo Kalunga

Ana Carolina Coutinho

Na minha viagem pelo Quilombo kalunga o corpo suava frio, as pernas tremulavam... Parecia que não o conhecia. Tudo muito estranho. O meu corpo sumia por segundos, e lá estava eu chegando. Pássaros cantavam pelos ares, ruídos, vento pelo rosto, as casas de adobe e palha, luz de candeia, chão de terra vermelha, a cor do kalunga. Vou contar um segredo: é muito aconchegante a simplicidade soprada pelo vento encantador.

Era tardezinha. O sol entrando, homens, mulheres e crianças chegando da roça depois de muita labuta, depois de plantar, colher, capinar e muito mais. Nesse momento o meu corpo paralisa e, de repente, já não sentia mais nada. Só a minha mente viaja, navega pelas histórias dos meus ancestrais, pela luta por liberdade e por território.

Depois de um tempo, anos, meses, dias, descobri minha raiz, minha descendência, meu corpo negro, e reconheci que sou negra. Lembrei-me da minha infância naquele lugar. Era maravilhosa: brincadeiras, os sonhos e a luta da família para a subsistência, mas logo depois tive que mudar para a cidade em busca dos estudos. Como não sabia a importância, não fazia muito esforço. Percorri nas lembranças da escola os colegas rejeitando-me pelo meu cabelo, minha cor. As “brincadeirinhas” virando para classe motivo de piada. Você, leitor(a), deve estar se perguntando o que eu fiz para me defender. Nada, absolutamente nada. O que você faria no meu lugar? Eu apenas sorria. Era o jeito fácil de lidar com a situação, pois não tinha ninguém ao meu lado, nem os professores, que eram vendados e apenas lecionavam suas aulas.

Minha mente viaja nas palavras que me inferiorizavam, nas portas fechadas, nos currículos negados, no trabalho duro de faxina com 15 anos de idade, no curso de informática e de operador de caixa que fiz que foi excelente, mas o que determinava não era o currículo. Não conseguia serviço na área e não compreendia a vida sendo cada vez mais dura comigo. Será que era culpa do destino ou da sociedade? Eu martelava na mente.

Aos 17 anos de idade entrei na universidade. Vi conceitos dos mais diversos assuntos, mas o que despertou mesmo foi a proposta da professora em pesquisar e escrever a minha própria história, me fazendo reconhecer

quem eu era, uma menina mulher negra. Confesso, leitor(a), que tudo começou a fazer sentido: as palavras negativas, racistas, não me definiam mais; meu cabelo, jeito, corpo, são, aos meus olhos, perfeitos.

Me reconheci negra kalunga pelas histórias dos meus ancestrais e aceitando as minhas origens, aprendendo a viver em um país fruto da escravidão e de contradições. Descobri que tenho vozes do meu lado para quebrar o silêncio, como as guerreiras/os Dandara dos Palmares, Zumbi dos Palmares, Rosa Parks, Carolina de Jesus, Marielle Franco, Abdias do Nascimento e outras(os) que não abaixaram a cabeça e, com os estudos teóricos, aprendi o conceito de raça, gênero e classe, identidade quilombola e território Kalunga, negando qualquer submissão.

Aos 19 anos de idade comecei a dar aula no quilombo Kalunga, onde eu trabalhava com a alma. Carreguei e recarreguei forças para estar ali como educadora, onde eu abordava o racismo e assuntos diversos. Os olhares dos estudantes me moviam como ser humano, e tudo o que eu mais queria era que eles não sofressem pela cor, pelo cabelo, que compreendessem desde a escola que não são “brincadeirinhas” as ofensas e que eu estava ali como professora para ajudar. Mas tudo não eram flores. Existiam espinhos: meu tamanho, meu jeito, minha cor, incomodavam os arredores, e tinha em mente que os estudantes iam voar e se deparar com espinhos no caminho. Meu coração estava apertado como o de mãe que não quer que seus filhos saiam das suas asas, mesmo não sendo mãe ainda. Um sentimento misterioso.

Em meios aos trajetos da vida aprendi a ser mais humana, a estender a mão, e vi a característica profunda do ser e de como ele age na sociedade. Por que praticar racismo? Por que humilhar o próximo - algo questionável -, em tantas loucuras, sentimentos de paixão, de ódio e amor? Por que tantos atos perversos? É, leitor(a), um caso a se pensar. Atrás das cortinas você já conseguiu se escutar? Debaixo do lençol, ou do chuveiro? E seu coração, como está? O chuveiro foi o meu consolo.

Fico me perguntando quantas travessias já passaram ou estão passando, mas o melhor de tudo é que nossas lutas são fantásticas. Nessa sociedade nada é fácil, pois existem pedras no caminho, dificultado pelos humanos “donos do poder” que querem nos exterminar. Parece um sonho mirabolante de muitas Anas, Marias e de muitas travessias, mas, infelizmente, não é um sonho, não é conto de fada. É um conto real, acontecido com uma menina, mulher negra, história parecida com outras.

De repente alguém toca meu corpo. É uma menina chamada Ana, que me pergunta: “O que está sonhando?”. Nesses instantes havia navegado por todo o quilombo e já estava escuro. Respondi para Ana: “Um dia eu lhe conto. Meus sonhos estarão escritos em um conto”. Seus olhos recordavam minha infância; neles podia sentir as pequenas travessias.

Fui para a casa dos meus pais, aconchegante, feita de adobe e palha, e a partir daí entendi a resistência do quilombo Kalunga e de ser negra: “Não somos exóticos. Temos cultura e modo de sobrevivência”.



Um solo sobre Mães

Carolina AZA

Travesseiros quentes, a cabeça já abençoada; um teto de concreto para guardar três erês; uma cabeça de concreto para cada cria. Com as idas diárias de minha mãe ao trabalho, nasci criança de face esperta e escuta ligeira. Meus pés anunciavam a perseguição: Tum, Tum, Tum. Eu corria todo dia atrás de minha mãe preta para impedi-la de cuidar de outra criança branca. Eu ouvia o choro das crianças que tinham mães pretinhas como as minhas: a rua inteira chorava pelas mães pretas.

Um lamento de bocas banguelas e pés cascudos. Fileiras de bebezinhos seguravam o portão com as bocas clamando pelas mães que pareciam não voltar nunca mais. Todo dia eu sentia que mamãe me abandonaria um pouco para não me abandonar por completo.

“E onde estava ele?”. Minha cabecinha batendo na parede pensava. Minha mãe saía de lá escondida, com nosso teto de concreto em sua coluna, sempre silenciosa.

Quando entrava no ônibus, colidia com outros tetos batendo contra o seu. Mais mães estavam se escondendo dos filhos bocudos. Quando se passaram anos, eu passei a visitar as crianças com teto de telha vermelha que minha mãe olhava e criava. Mamãe me levava e eu não a perseguia mais. Mamãe agora tinha dois tetos na coluna: o de concreto e o de telhas vermelhas, como as bochechas rosadas de Vitória e Luís. As crianças pulavam na coluna de minha mãe equilibrando seus pés macios nos tetos das casas, saltitando felizes. Com o passar dos anos, os números de tetos começaram a aumentar e ela teve de me colocar, em meio a suas idas, sob um segundo teto de concreto. Val me olhava com as costas mais inteiras do que as de minha mãe: ela tinha só de sustentar um teto por vez. Val me ensinou como desenhar casas de pedra, e eu me lembro de esconder seus cômodos com tetos de telha vermelha.

Com tantos tetos se multiplicando nas costas de mamãe, eu morei em todas as casas da minha rua e morei nas casas de outras ruas, bairros; mamei leite em duas mães, fui e voltei. Todos os dias, quando dormíamos, eu espiava as costas de mamãe com calos e marcas de mãos de crianças: “Será que as crianças brancas ainda escalam suas costas?”.

Com tantos anos, eu já tinha visitado e vivido em muitas casas - na espera de minha mãe ter só uma em seu dorso. A maioria era de concreto e teto de concreto, com mães de concreto que caminhavam com os filhos pendurados nas saias e o equilíbrio constante na coluna. Lembro de minha irmã escalando um teto da casa vizinha para desafiar a lei das colunas das mães pretinhas e dos tetos de telha vermelha: “Será que subindo ela me vê daqui?”. Ela mesma, sendo irmã, foi mãe com dez anos de uma criança que não saiu dela, carregando, assim, um teto sobre o seu, tão pequeno ainda.

Sempre voltando na tarde quase noite, a mãe nos abraçava e beijava, entrando debaixo da casa para cozinhar e dormir. Eu pedia ao Deus das Mães Pretas que olhasse minha mãe. Em algum momento ele descuidou de nós, que pedíamos por ela, e então tivemos de correr para outros tetos de concreto. Lembro de ter ouvido o barulho das bocas de papelão se abrindo para guardarmos os móveis e pratos. Passamos de casa para casa para emendar um teto seguro sobre a cabeça dos antigos erês criados e, assim, carregamos alguns tetos de concreto sobre nossas costas. Já criávamos nosso arsenal próprio de tetos. Nossos antigos tetos faziam o alicerce do nosso corpo cansado.

O alicerce de minha mãe era infindável e profundo, puxando fios e tijolos do norte de Minas ao interior de São Paulo até as casas das Senhoras de Pano. Senhoras de Pano não sustentam muitos tetos sobre suas costas! Com os dias escorrendo pelos canos de cada casa e de cada cria, vi a minha irmã mais velha empilhar alguns tetos de telha vermelha em suas costas para, em seguida, ser eu a próxima, como uma equilibrista de tijolos, só que de carreira mais curta do que a delas.

Com anos corridos, ainda vejo da porta da cozinha as costas de minha mãe oscilando, com tantas casas para olhar. Ela quase não ergue os olhos até elas, mas sustenta como se não estivessem lá; um olhar de senhora de concreto com as mãos grossas e um silêncio de quem come todas as palavras da casa grande da Chácara da Barra.

Muxima

Vanessa da Conceição

– Mãe, cadê você?

– Aqui fora!

Ainda estava sonolenta e com frio. Fui até o quintal e vi que minha mãe estava agachada de frente a um fogãozinho improvisado, onde abanava já com cansaço, tentando fazer o fogo ganhar força.

– Acabou o gás. Vou tentar ao menos fazer um café e esquentar o leite da sua irmã.

A lágrima escorreu involuntariamente pelo meu rosto e o nó na garganta me sufocava. Não teríamos almoço. Voltei para o quarto e olhei em volta. Em cima da velha cômoda estava o rádio que me trazia alegria. Encarei ele por longos minutos e suspirei.

– Muxima, consegui fazer o café e tem um pão de ontem. Come você.

– Mãe, esqueci de falar, tenho um trabalho em grupo. Vamos tomar café na casa da Jamila. Pode comer o pão.

Saí com o vazio no estômago e o peso musical na mochila.

– Voltei e comprei o gás!

– Como assim, menina?

– Vendi o rádio.

– Muxima, não era pra ter feito isso.

– Mãe, não tem problema. A gente canta, mas antes a gente come.

O descobrir da primavera

Núbia Cruz

Era um fim de tarde de primavera e passeava pelos campos, mãe e filha. Eufórica com o passeio, a caboclinha Aurora foi aos poucos se afastando da mãe sem perceber e já bem ao longe gritava e girava incessantemente para a mãe:

- Minha mãe, venha vê o que eu achei.

E ao longe se escutava a voz da mãe:

- O que foi minha pequena?

- Algo muito estranho, que a senhora vai se assustar.

- E é tão estranho assim, Aurora? Então saia de perto menina, melhor você nem se aproximar para não se machucar.

Estava aos berros a mãe receosa com o desconhecido que a filha encontrava e não conseguia descrever.

- Não! Não é estranho nem feio; é diferente. Venha, venha, venha ver. Ela é tão linda, é pequenininha, balança de lá para cá, é cheirosa, engraçada, gosto dela, gosto muito dela. Ela é tão apaixonante, e lá na frente tem mais, muito mais. Minha mãe, será que seremos atacadas por elas?

Descia a menina as colinas em busca do desconhecido, enquanto a mãe tentava alcançá-la sem sucesso e buscava no olhar visualizar a imagem daquilo que a filha corria de forma desenfreada a apanhar.

- Calma, minha filha, calma, Aurora, estou subindo, estou chegando.

E assim passaram alguns minutos, com a menina ali a contemplar a sua descoberta com toda admiração de criança, enquanto sua mãe, Mariah, subia apressadamente a colina, com receio do que sua filha teria avistado de tão inovador.

Colhia uma a uma, sentindo seu delicado perfume adocicado, encantada em torno daquela beleza e energia.

Aurora era uma criança muito esperta, sempre muito solta, livre. Sua alma é seu melhor guia e direciona-se pelos passos da vida e da curiosidade. Desde quando nascera sua mãe já sentia essa autodeterminação, coragem e

força em Aurora. Essa alegria de viver e de conquistar tudo que deseja que Mariah nunca viu em ninguém, muito menos em uma criança tão pequena.

Enquanto Mariah subia a colina, passavam pela sua mente mil possibilidades e coisas que Aurora teria avistado. Seriam bichos ferozes a atacá-las? Pessoas desconhecidas e cruéis? A cabeça daquela mãe zelosa, protetora e amorosa estava a fervilhar de preocupação.

Mariah sempre fora muito aflita e desassossegava até com pequenos barulhos que Aurora fazia durante a noite nos primeiros dias de vida. Para Mariah, Aurora é, mais do que uma filha, um recomeço de tudo, de vida, de esperança.

Mariah descobriu-se grávida sem nenhuma perspectiva de gestar. Nunca se cobrou ou culpou-se por isso, mas entendia os ciclos que a vida poderia ter ou não, ainda mais quando se coloca perspectiva em relacionamentos e esses são totalmente devassadores.

Mariah tinha acabado de fugir para um pequeno vilarejo, pois não suportava mais o tipo de vida que estava levando. Tudo o que um dia foi de felicidade para ela tinha se tornado dor, tristeza e lágrima.

Quando descobriu a gravidez, Mariah quase não acreditou. De início se viu perdida e sozinha e pensava: “Como criar e cuidar de uma criança em um lugar que não conheço totalmente sozinha?”

Depois do susto, veio a emoção e o sentimento de bênção, a sensação de nova vida, de felicidade. “Tenho uma companhia”, e assim a esperança começou a fazer parte da vida de Mariah.

Com a chegada de Aurora, Mariah é só sorrisos e gargalhadas. Ela olha e pensa que nunca se viu tão apaixonada por uma pessoa como se vê com essa pequena criança tão risonha.

Mariah nunca esteve tão feliz em toda sua vida, mesmo subindo colinas e com preocupações de mãe.

Quando chegou ao pico da colina, olha com o que Mariah se deparou. De início, ela suspirou de alívio e simplesmente gargalhou. Gargalhou pelo inesperado, gargalhou de surpresa, gargalhou até mesmo de alegria, pois nunca mais tinha visto tal cena e, por fim, gargalhou pela descoberta da filha.

A filha parada, sem entender o porquê daquela atitude da mãe, pergunta:

- O que foi, mãe? Por que tanto sorri?

A mãe, simplesmente abraçada à filha, disse:

- Isso são lindos pés de jasmim.

- Jasmim? - surpreendeu-se Aurora.

- Sim, minha filha, jasmim. Você nunca tinha visto, pois o homem, o ser humano, destruiu toda a natureza com sua ganância, em busca da riqueza e do seu bem-estar. Mais hoje você e eu tivemos a sorte e a alegria de vermos um campo cheio de pés de jasmim. Há muitos anos eu também não vejo pés de jasmim. Infelizmente, o ser humano está degradando o meio ambiente, minha filha, e não temos tantas flores tão lindas assim. Deite-se aqui no meu colo. Vou contar uma lenda para você, uma história de como surgiu o jasmim.

A criança estava maravilhada por ouvir a história sobre a flor que ela descobriu. A mãe iniciou:

“Era uma vez uma jovem árabe chamado Jasmine. Ela andava com o rosto todo coberto para proteger a pele branca do Sol. Um dia, veio um príncipe que se apaixonou por essa jovem, pedindo ela em casamento para o pai. O pai da jovem deu permissão e ela foi escoltada pelos súditos do príncipe até o seu harém.

Jasmine passou a viver no palácio do mundo, mas se sentindo muito presa. Jasmine fugiu, então, para o oásis e descobriu seu rosto para o Sol, pois ela queria ser livre. O Sol deslumbrou-se com sua beleza e, para atender seu desejo, a transformou em jasmim, uma flor que nasce livre em lugares bem luminosos.

E, assim, após Mariah contar a história para Aurora, ela explicou o quanto ser livre é importante e que, por mais que nos sintamos aprisionadas em algum momento, temos que ir em busca da nossa luz.

Aurora escutou a mãe atentamente, sem compreender muito suas palavras, mas sentia que tudo aquilo a tocava e a emocionava intimamente. Abraçadas, mãe e filha saíram a cantar nos campos cheios de jasmim, sentindo amor, paz, celebrando a ingenuidade daquela criança e levando alguns ramos de jasmim, perfumado e à perfumar os campos a trilhar.

Segredo da Lua

Samanta Santos da Fonseca

Noite de lua cheia, tempo agradável, nem muito frio nem muito quente. Eu, aos dez ou onze de idade, no meu pequeno espaço no quintal, diante do quintal maior e cheio de recicláveis do ferro velho do meu avô. Pouca luz. Somente o brilho da lua cheia em seu esplendor. Fico a olhar firme e apaixonadamente e questiono o que a “Samanta” do outro lado do mundo estaria fazendo. Eu sempre imaginava o Japão, pois sempre me apontavam como uma neguinha japonesa devido ao contorno dos meus olhos, que, obviamente, é herança indígena e africana.

Sempre fui uma menina tímida, daquelas que não acreditava nas próprias palavras, com vergonha do que sentia, receio do que pensava e medo de como falava. Felizmente, minha mãe me deu o melhor que pôde. O bônus de não apanhar por coisa alguma já foi um bônus para minha geração e futuras ações. Porém, na ausência de espaço para o sensível, o diálogo livre e espontâneo, criei meu amigo imaginário David - achava bonito esse nome americanizado, e conversávamos quando me via só com sua presença não presente. Morávamos de aluguel, eu e minha mãe, em um quarto minúsculo de menos de quatro metros, úmido, escuro e sem ventilação. Meu avô repartia seu terreno para sua subsistência, ao passo que também catava seus bagulhos perambulando pelo bairro com sua carroça e seu cavalo. Ah... Quantas vezes me escondi na rua para não dar de frente com esse rústico senhor com sua carroça e cavalo. Meu avô Geraldo me via e logo estendia sua mão direita para que eu tomasse minha bênção. Ah, esse rústico senhor que me chamava com sua voz de trovão para assistir ao programa do Chaves. Mais um ciclo da lua cheia e eu de novo querendo saber o que a Samanta do outro lado do mundo estaria fazendo...

Fiquei jovem, adolescente, moça ainda tímida, mas que já experimentava ousar na fala. Na religião, quis salvar o mundo, quis mudar tudo. Me achei, me perdi, me achei e me perdi algumas muitas vezes na crença de que a perfeição era algo a ser vivido em vida. Me afastei do diálogo com David - na verdade, percebi que ele não mais existia. Parei de observar a lua. Parei de acreditar na fantasia de um possível bem viver por aqui onde se pisa.

Com o tempo filtrei, como quem faz café, e deixei a borra de lado, ficando com o sabor e o aroma do que pôde ser assimilado. Aprendi com as perdas que tive, e a primeira delas foi abandonar a ilusão de que tudo seria perfeito e sem defeitos. Doeu, doeu muito, muito doeu. Por sinal, esses dias ouvi dizer que minha escrita é dolorida. Penso: O que, nessa vida, não é? Ah, na verdade, há muitas coisas, sim. Hoje, para mim, a melhor coisa da vida é o sorriso do meu filho. Mas também há os momentos em que a alegria dá lugar à tristeza, a dor salta, extrai sentir e sentimentos, deflagra vários acontecimentos. Até isso aprendi que é natural. A vida é feita de momentos, e sempre torço para que sejam de mais sorrisos, mas se o choro vier, também aceito. Acho que sou assim desde sempre. Sempre senti. E sinto por sentir tanto. Com o tempo aprendi que perfeição também está na imperfeição, que o viver está mais ligado a processos, a ter um horizonte a ser percorrido, não necessariamente vivido.

Me escutei e aprendi. Valorizei o meu sentir, escutei a minha intuição e me permiti uma nova versão. Fácil?! Claro que não! Mas o sofrer também ajuda a dar outro sentido ao viver. Opa! Comecei a voltar a olhar a lua e o seu brilho...

Já mulher desejada e desejante, sonhadora e realizadora, me peguei em um dia de dor e de lembranças. Fui caminhar, por o corpo para movimentar, respirar, se dar um tempo, se dar alento. Por coincidência, era noite de lua cheia. Andei um pouco, a energia passou a circular mais e, então, cantarolei: “Oreru nhamandú tupã oreru” (canção do povo Guarani, em que crianças cantam para evocar o espírito ancestral em cada um de nós), com movimentos em que eu podia sentir o peso do meu corpo nos pés, como se estivesse enraizando na terra novamente. Pude sentir o corpo pulsando, vibrando.

Me sentindo viva, sentei e olhei para o céu. Ela estava ali, minha confidente e parceira de longa data. Olhei a lua cheia e me re-vi. Me re-vi, como que em uma visão 3D. Me re-vi desde a infância até ali. Me re-vi nas perguntas de sempre: “O que a Samanta do outro lado do mundo estaria fazendo?!”. Me re-vi cheia de medos.

A dimensão da mulher desejada e desejante dos dias de hoje tomou pela mão a jovem, que chegou até aquela tímida menina cheia de medos. Me re-vi e finalmente (me) respondi: “Estou aqui! E mesmo com o medo, vai! Seu futuro será imperfeitamente lindo! Para as dores você terá a força

necessária, e a dureza não será maior do que a ternura de sorrir. Então vá, com medo, mas vá! Estou aqui, e vou contigo!”

Num momento mágico e singular, me juntei e segui com mais amor pela lua e por mim. Hoje em dia sigo ainda olhando e apreciando a lua e nossa confissão de amor. Olho também com mais ternura para a dureza de momentos da minha própria história.



Do colorido ao preto e branco da vida

Aline Santos Conceição

Eu gostava muito das quartas-feiras: pão com manteiga, café com leite, banho quente, uniforme, rabo de cavalo, dia de usar meu tênis cor-de-rosa – dia de aula de Artes. Aos 12 anos, não entendia a dimensão do que significava cada detalhe deste, mas sabia a necessidade de colorir o caderno de 48 folhas com uma mistura de cores muito mais ampla do que de um arco-íris. Munida de um sorriso no rosto e com as mãos entrelaçadas nas de minha mãe, subir as ladeiras da Vila Cisper, às quartas-feiras, parecia muito melhor.

O caminho até a escola sempre foi cansativo, principalmente quando o Sol tingia de amarelo a grande tela celeste: lindo de admirar, porém difícil de enfrentar. Sentia minha pele queimar e minha mão escorregar entre a mão de mamãe devido ao inevitável suor que escorria sob as peles negras após 45 minutos de caminhada. Em contrapartida aos raios solares e aos quilômetros que percorríamos, mesmo suadas, ao sentir àquelas suaves mãos acariciando as minhas, eu me enchia de esperança, de forma que a distância parecia encurtar. Que fizesse Sol ou chovesse: era quarta-feira e tudo bem misturar o Sol à chuva a partir de um pincel.

Meu par de tênis rosa não era comum, mas quase dotado de superpoderes e já durava cerca de um ano. Caminhar ora perante pedras, ora perante terra, era um desafio, mas um desafio bom, quase uma aventura. A doçura no olhar de minha mãe acolhia cada milímetro do meu pequeno corpo, de maneira que estar ao lado dela era a mesma sensação de mascar um chiclete daqueles que demora a ficar sem gosto, e que quando está prestes a perder basta mascar um novo sem lançar o velho fora – o adocicado se renovava a cada passo, a cada instante.

Naquela quarta-feira, como nas demais, levava meu caderno de desenho em mãos, rente ao peito. Admirar o acinzentado da Zona Leste me inspirava a colorir com força meus desenhos. Minha professora dizia que “era preciso pintar forte para o desenho ganhar vida”, e hoje sei, com toda certeza, que aquelas ruas estreitas precisavam reviver. Ao chegar à escola abracei a minha mãe com tanta força que me senti revigorada: eu precisava de braços fortes para pintar desenhos também fortes e vivos.

A professora de Português perguntou se minha euforia toda era por vê-la chegar:

- Alice, fique calma, trouxe um conteúdo novo tão incentivador quanto tua alegria.

Eu ria ainda mais, pois apesar de adorar as suas aulas, às quartas não havia espaço em meu peito para as letras, mas somente para o pequeno caderno de artes. Eu sei que as onomatopeias têm imensa relevância, mas naquele dia, naquela quarta-feira, eu não queria entender os sons - boom, plaft, nhac, tic toc, zapt - e, na tentativa de adiantar o futuro (da quarta aula), eu desenhava corações nos cantos do caderno. Na terceira aula, a de Matemática, eu tentava calcular o tempo, a pensar em alguma possibilidade de que chegasse logo o momento almejado.

No retorno do intervalo, a tão esperada aula de Artes começaria, e fui logo a primeira a voltar para a sala, da mesma forma como a minha mãe era sempre a primeira a me buscar na saída da escola. Alguns minutos passaram e recebemos a notícia que, até então, acabou com minha semana: a professora de Artes teve outro compromisso, de última hora, em caráter de urgência, e precisou se ausentar. Como pudera existir outra urgência maior do que colorir minha quarta-feira? Como pudera descolorir minhas esperanças?

Ali, na primeira carteira em que eu me sentava habitualmente, busquei em todo o espaço da sala de aula uma justificativa aceitável, na expectativa de diminuir minha decepção. Por sorte, ainda restara meu caderno, alguns lápis de cor e as memórias coloridas da quarta-feira da semana anterior: era como o cheiro de alho fritando para o preparo do arroz do jantar, que invadia os outros cômodos da casa.

No fim daquela tarde, quase noite, conforme o tempo passava, o céu tomava outros tons. O Sol deu adeus àquela quarta-feira, e então o que mesclava entre azul, amarelo e laranja, deu lugar a um céu cinza e chuvoso - que parecia refletir a Selva de Pedras que é São Paulo.

O sinal sonoro que marcava o fim da aula tocou e logo eu corri, literalmente, como quem corre para os braços de sua mãe. Pela primeira vez mamãe não estava lá: pela primeira vez eu senti medo em uma quarta-feira. Carlos, o porteiro-inspetor da escola, brincou comigo para que eu pudesse me acalmar. Nós brincamos bastante, até eu me cansar.

- Alice, acho que hoje sua mãe se esqueceu de te buscar.

A minha mãe nunca havia se esquecido de mim. Meu pai trabalhava muito, algumas vezes até se esquecia de voltar para a casa, então eu entenderia se fosse ele, mas não, era a minha mãe e eu precisava das mãos dela segurando as minhas no trajeto casa-escola-casa.

A escola foi ficando vazia, só eu e alguns funcionários. Eu vi a chuva ganhar a força que eu gostaria de ter colocado em meus desenhos naquela tarde. Meus olhos ficaram embaçados pelas lágrimas, que se fundiram com a água da chuva ao tocar o solo. Minha mãe não apareceu. Recebi a notícia de que o abraço que dei nela antes de entrar na escola foi o último das nossas vidas - da vida dela. A noite adentrou o céu, tudo perdeu a cor e eu senti minhas pernas tremerem: tudo ficou preto.

Passaram-se dias e eu não consegui retornar à escola. Após um mês, eu já não podia estender meu luto; precisava encará-lo, mesmo sem a força que apenas as mãos de minha mãe me conduziam. No dia em que ela se foi, apesar da imensa tristeza que senti, eu não sabia que ela não estaria lá às 17h45min. Desse dia em diante precisei lidar com a certeza de que ela não iria mais me acompanhar: restaram e restarão apenas as memórias - entre as incertezas do futuro, essa seria a única certeza.

Já se passaram 10 anos e, apesar da ausência não ter sido suprida, por aqui tudo mudou. Por coincidência hoje é quarta-feira, mas já não me preocupo em carregar, junto ao peito, um pequeno caderno de desenho. Minha nova companheira é uma bolsa e nela levo dois cadernos, um computador, estojos com lápis de cor, giz-de-cera, tinta guache, glitter, cola, pincéis; algumas vezes levo até uma sacola com várias cartolinas, E.V.A, papel cartão e retalhos. A partir de cada pequeno retalho é possível criar coisas novas: tudo se reconstitui, mesmo que leve tempo.

Hoje sou eu quem ministro as aulas de Educação Artística. Encarar a sala de aula por outra perspectiva é uma experiência única. Ver o sorriso de cada criança, com suas diferentes características ao segurar seu mais novo desenho é incrível.

Há alguns dias, uma aluna veio me mostrar sua nova caixa de lápis de cor. Percebi que seus olhos brilhavam mais do que minha roupa que estava suja de glitter. Ela falava sobre cada tom com um enorme sorriso no rosto, e então mostrou-me os diferentes tons que poderia usar para tingir peles que

vieram na caixinha. Eu tenho certeza de que meus olhos também brilhavam, pois senti as lágrimas se formando quando ela pegou em minhas mãos. No mesmo instante, lembrei da delicadeza que minha mãe tinha. Suas mãos macias despertaram a criança que ainda restara em mim.

Acredito que, definitivamente, mesmo que tudo mude, as quartas-feiras não perderão o gosto de algodão doce – o leve e breve gosto de infância. Hoje, por exemplo, essa quarta-feira colore o céu de São Paulo através do belo pôr do Sol e dos pássaros que o sobrevoam, desfazendo por minutos a dureza que é viver em uma grande metrópole.

A noite chegou e posso lembrar do toque de mamãe ao olhar as estrelas: sei que ela está eternizada em uma delas.

Raios de Sol

Helen Silva

A manhã começa ainda sem luz, seguindo o fluxo intenso de um dia que não terminou. De um sono perturbado, tento abrir os olhos; de uma cama completamente bagunçada, desprendo meu rosto amassado. As marcas são reais, desenhadas numa noite com poucas horas. Eu levanto quente; a água do banho gelada. Volto ao quarto, a luz começa a estreitar-se pela janela, sinal de segurança para sair, indicação para correr mais do que o tempo.

Meu reflexo no vidro do ônibus revela as marcas que o banho não tirou. Heranças de outros tempos, corpos, das minhas trajetórias, das dores que o corpo suportou e, enfim, de histórias que, no tempo presente, podem ser sentidas. Me encaro um pouco e me distraio com a sujeira da janela.

Meu corpo volta a aquecer com o Sol agora mais esperto. O suor pinga como lágrimas e escorre no corpo todo até transpassar para roupa que, então, ganha marca e cheiro.

Subo em mais uma condução. O trânsito engrossa. Um princípio de conflito entre o motorista e um passageiro surge; um vendedor estimula a compra de um produto para resolver diversas dores; depois, um pedinte sobrevém, conta a mesma história de ontem e que também vai servir de explicação para os próximos pedintes do restante do dia. Alguém começa a reclamar que ninguém ofereceu assento à pessoa idosa; começa a chover; anônimas mãos aparecem, fecham as janelas, e o desespero já me toma um pouco, mas é chegado o satisfatório momento de descer no terminal integrado.

As nuvens cinzas já começam a se dispersar, e o Sol volta a aparecer. A terceira condução do dia é um convite para voltar ao sono. A cabeça bambeia, bate na janela, os olhos abrem e, assustada, procuro me localizar no espaço e no tempo. O letreiro do metrô segue quebrado, então abro a mochila para buscar a hora e vejo que ali está alguém que levantou junto comigo de matéria-livro e corpo-memória. Uma pessoa, como eu, cansada. Alguém, como eu, negra.

A batida, forte suficiente para me manter acordada e ler algumas páginas, também serviu para avivar a minha inquietude da qual a personagem do matéria-livro compartilhava em alguma medida. É certo, pois, fazer valer

o assento conquistado no horário de pico com atividade produtiva.

Bastaram duas páginas para que eu esquecesse da preocupação com o horário. Alinhei-me à personagem e queria saber era do Sol. Eu precisava do Sol de imediato para aquecer o corpo e iluminar as páginas. A luz do Sol alegre a rotina, amplia as possibilidades, faz suportar os dias. Só quem já brincou com a própria sombra pode entender do que estou falando.

Faltava, ainda, a derradeira condução. Nessa, pude escolher entre não me atrasar ou ir sentada. Optei pela prudência de não acumular mais um atraso, mesmo porque, nas poucas páginas que li, pude sentir a barriga doer duplamente. Aquelas palavras podiam despertar a minha fome. Tão logo, desci atrás do colossal CFCH - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, no campus Recife da Universidade Federal de Pernambuco.

Como de fora ele apequena a gente... Por dentro é capaz de nutrir. Uma fome eu fui matando logo enquanto subia as escadas. O consumo de tapioca é tão intenso entre os frequentadores do prédio que dizem que qualquer dia a gente vira uma. Graças ao Sol, eu sigo cada vez mais distante de me aproximar daquilo que parece uma tapioca, apesar de ser um alimento tão presente na minha rotina. É rápido de ficar pronto, é bem quentinho e tem em cada ponta do edifício, além de ser muito gostoso e barato.

Quem chega com antecedência ainda não acordou direito. Entre os poucos corpos, a sala é toda silêncio. Timidamente, a luz do sol insinua-se entre as folhas da figueira e adentra a janela entreaberta. Os pingos da chuva rápida ainda caem das folhas embaladas pelos ventos fortes, propiciando a mais singular dança. Talvez elas estejam como eu quando fico ouvindo “Fogueira Doce”, canção de Mateus Aleluia. Talvez não, quem sabe a ventania baste.

Outro dia, propus uma “intervenção” na tal figueira. Esse tipo de ação não é nada estranho nos arredores da tríade das humanidades, composta pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Artes e Comunicação e o Centro de Educação. A atividade desenvolvida fazia parte de um projeto intitulado “Ver-sentindo”, de minha autoria, cuja ideia básica era fomentar relações mais orgânicas e de cuidado com o espaço físico do CFCH. Um dia que vale a pena ser lembrado. Começou com uma sensibilização por meio de uma oficina que facilitei juntamente com graduandas e graduandos de Psicologia da casa.

O encerramento ficou por conta de Yasmin Kosanfa, amiga minha de longa data, parceira das rodas de coco e dos laboratórios acadêmicos. Juntas, entre dias de estudo e depois trabalho, vivemos imagináveis loucuras nos corredores do CFCH. Yasmin se apresentou enquanto mulher preta, lésbica e artista e fez questão de ressaltar a importância do evento. Em seguida, discorreu para o público sobre a proposta do dia e, para minha surpresa, decidiu trazer Conceição Evaristo para me homenagear. Mesmo certo que não foi de corpo físico, a literatura de Conceição já é um pouco presença, então era suficiente para uma jovem sonhadora.

Por meio de alguns elementos de um significativo texto de Conceição que muito me emociona, Yasmin jogou com meu nome: “Helen, o teu nome, que significa ‘aquela que reluz, iluminada, raio de sol’ não podia, em si, carregar menos do que uma representação significativa tão imensa quanto a que você tem quando se faz presente por onde passa. Hoje, a culminância desse projeto que te vi escrever à mão, por horas e ao longo de meses, em gestos de movimento-grafia, era simpatia para chamar à existência sensível que só você é capaz de dar às coisas. Você é o Sol, a estrela que se faz no chão”.

Quase não fui capaz de seguir no evento diante das emoções que Yasmin mobilizou em mim com tamanha demonstração de afeto, que não se encerrou na fala. Ela convidou as pessoas participantes da oficina a compor gestos de movimento-grafia no chão. Fizemos, pois, durante aquela tarde que, sem dúvida, configurou uma das mais felizes da minha vida, diversos Sóis em frente ao CFCH.

Ao final, um dos momentos que mais planejei e também desacreditei se realizou: fizemos uma roda e cirandamos ao som de Lia de Itamaracá naquela árvore. Mãos de gerações e categorias, de potências criativas e de coragem, ligadas umas às outras por meio das coisas que nos movem e que sequer sabíamos nomear. A institucionalidade do momento não limitou os corpos, tampouco a timidez. Dançamos e, aos poucos, aquele grupo que precisou esticar os braços para rodear a árvore foi crescendo, preenchendo o espaço, recebendo e acolhendo quem chegava, trazendo consigo esperança no novo, no cuidado. Um abraço coletivo à figueira aconteceu de modo inesperado. O poder criativo dos encontros grupais nos surpreendeu demasiadamente.

Depois de me deixar rememorar as fortes lembranças da atividade do projeto, voltei ao corpo-memória e à matéria-livro: *Quarto de Despejo*, por Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960. Já é 2020, e a fome que Carolina sentia ainda é a ausência que tantos hoje sentem. É por isso que uma outra fome minha não saciou. A fome que se sente ao ler Carolina também é professora. É fome de quem lê Jota Mombaça e sente que o mundo é nosso trauma. Trauma que o Sol não escurece e que a matéria- linguagem evoca. Um trauma que a gente sente entrar pelos poros, estejamos dormindo ou acordadas.

A gente combinamos de ser imorríveis e que, se acontecer de se despedaçar, segurar a mão uma da outra. Combinamos de nos espalhar por aí. Nossas vidas impossíveis também estão e continuarão a estar nos livros escritos por nós, sobre e para nós. A história da nossa existência e resistência vai invadir corpos e espaços como raios de sol.



Não te escondo por nada

Priscila Guedes

Éramos duas operadoras de telemarketing. Nos olhávamos nos intervalos de ida ao banheiro, e de três em três minutos completamos um ano do nosso afeto.

- Oi, alô? Quero trocar o plano da minha operadora... É que esse tá meio esquisito...

- Moça, você ligou errado.

- Lógico que não. Foi você quem deu o telefone.

- Oi. Então, aqui não tem nenhuma operadora de celular.

- Não precisa, porque eu liguei pra dizer que meu plano agora é você.

- Você é tonta ou quer um real?

- Quero te convidar pra ir no churrasco lá de casa e um real.

- Você tá dizendo pra eu ir na sua casa? Tem certeza que sou eu? Conhecer a sua vó? Euzinha aqui, conhecer as paredes que te fabricaram? O córrego por onde você brincou a infância inteira?

Ela aceitou meu convite desde que eu não soltasse nossas mãos. Eu disse pra ela: “Não te escondo por nada!”

Amanheceu. Ela passou café para nós. A cozinha, o rato, a sala, o cachorro, o papagaio, a cama, tudo exalava cafuné. E eu acordei assustada. Não sabia que afeto cheirava tão assim.

Meus planos eram aproveitar o churrasco de aniversário da Tia Zita que, em breve, aconteceria à noite no quintal e, assim, apresentá-la pra cada um da família, até pro cachorro. Todo mundo botava a mão no fogo jurando que a Girlene era só minha amiga e eu queria provar o contrário. Enquanto isso, na minha cabeça entoavam-se desgraças.

Mãe: “Então nunca vou ser avó?”

Tio: “Não entendo porque você tem cabelo curto, mas não depila as pernas e o sôvaco?”

Até a ginecologista do postinho resolveu fazer pagode na minha mente: “Vou te passar o exame que você me pediu, só que não vai adiantar muita coisa porque só serve para moças que tiveram relação sexual e você sabe que você é virgem, não é?”

As vozes sumiam quando o sorriso dela aparecia. Eu a via pelo buraco do olho, a via passando café no bule. Me esforçava para que aquele momento de paz pudesse durar. Dentro de um quintal com tantas outras moradias, eram três cômodos toda a minha casa, e do quarto eu podia vê-la vindo da cozinha. Fingi que estava dormindo só pra ela me acordar com a boca de café. O melhor puteiro do mundo era os seus braços.

Para que minha avó pudesse achar que ela era só uma amiga, era feito um esforço incomum da minha parte. E olha que minha cachola e minha sujeita estavam boas, porém não tinha escapatória. Bastava um súbito sorriso no rosto dela e, pronto, acabou-se pra mim! Meus dentes, trinta idiotas. Miseráveis nenhum pouco, perdiam o freio dentro dos lábios e sorriam de volta. Era assim que eu ficava toda vez que eu a via. Sabe de uma coisa? Ninguém consegue se livrar desse sol que é o sorriso da amada, pronto. Se o sol te manda um raio, um alô, o que você faz? Bota uma regata, uma sandália, chupa um sacolé. Deixo meu sincero pedido de desculpas ao sol de vocês.

Meu sol tinha um metro e meio, sabia falar poesias bonitas no microfone, tinha um buquê de cachos na cabeça. Eu só sabia respondê-la com a língua e ainda por cima de joelhos. Era uma oração dessas: “Senhor ou senhora, não sei quem está aí, mas proteja as mulheres que amam outras mulheres no sair de sua casa, no andar de mãos dadas. Cuida do nosso beijo a céu aberto e dentro de casa”.

A metade que não me faltava

Karollen Gomes

Vejo as luzes dos encantados...

Sinto as pulsações da Terra...

E todos os sons assentados

Nos tempos

E espaços

Das esferas!

Parece que foi ontem que chorei de angústia por não saber minha origem, minha ancestralidade... As sensações, as mensagens oníricas, os parentes... Nada me fazia ter certeza de quem eu era e sou. Mas era eu que não sabia discernir entre a certeza documental burocrática e a verdade subliminar que me rodeava. Não dá para achar algo que não enxergamos... A procura acaba se tornando aflição desnecessária...

E todos esses erros, atribuo a mim mesma... Fui tola ao não confiar na intuição que gritou tanto que até me deixou surda por anos e que, mesmo assim, não ouvi... Depois que silencieei, escutei... E me libertei.

Apreendi com o meu eu do passado. Aquela que era sem identidade social, aquela que era indígena não-aldeada, não pintada, sem cara de índia... Aquela que admirava a mãe porque era o oposto de si mesma, que era semelhante a ela, mas ao mesmo tempo tão diferente... Éramos espelhos!

Aos poucos fui desabrochando... Ainda criança pintava meu rosto com batom vermelho, conversava com as plantas e os animais, me comunicava em sonhos com meus ancestrais... Quando adulta, resgatei minha identidade e não mais tive o desejo de imitar, mas de me inspirar... Comecei a ignorar os julgamentos urbanos e as críticas negativas que recebia quando falavam quem eu era. Quem poderá dizer quem sou eu senão eu mesma?! Passei a me vestir de minha própria essência... E todos me enxergaram e compreenderam quem eu sou e não o que eles achavam quem eu era!

No “dia do índio” na escola
Todo mundo se fantasiava
As “indiazinhas” eram escolhidas
Como “representantes”
E todas transformadas...
Eu, tímida, dizia à professora:
“Eu também sou índia!”
E ela retrucava:
“Da próxima vez você será...”
Mas nunca era...
Eu triste,
Voltava pra casa
E falava
Da não “cara de índia”
Que tinha...
“É por isso que não me escolheu,
Será, mainha?!”
“Minha fífia...
Não chore pela ignorância alheia...
E ela não sabe a tua origem.
Melhor conhecer a ti mesma,
Que viver de aparências
Até a velhice!
E saiba que esse dia
Não nos representa,
Somos mais que isso...
Não adianta homenagear



Em um dia

E nos outros

Só...

Sumiço...

Submisso...

Compreendi... Enfim achei a metade que não me faltava. Das reflexões espelhadas, quebrei-me por partes até transformar-me em vidro líquido, fluindo como rio! Não é preciso parecer para ser. Só quem te enxerga te vê. Só se enxerga quem olha para dentro de si. O outro também sou eu. Múltiplas faces... Mas a origem, cada qual têm de resgatá-la e abraçá-la por fases!

De Tu's

Perdia meu Pi

Mesmo quando

Guaracy, Yacy

E Nhandecy

Me aninhavam

E sussurravam:

“Tu és minha cria,

Filha Potyguara!

Observa o teu passado,

Está na cara!”

Mas na cara não via...

Não tinha olhos de Natureza.

Mas a sabedoria anuncia

Todo o porvir da beleza!

Andalu

Aidil Araújo Lima

Essa conversa ritmada da natureza, anunciando o dia, aquieta a vida dentro da gente. Quando me abandono nesse afeto, esqueço medos, mágoas. Sinto lembranças antigas se aproximando mansamente. Não sei a exatidão da idade, era menina, virando menina mulher. Demorava na cama, desvirando a memória de tudo lá fora, prolongando o gozo do dia nascendo. Minha mãe chegava, me instigando para a aula. Ela tinha feição pontual e conformada.

Comecei a vontade de me rebelar de mim mesma, não caminhar por lugares de submissão. Sempre tive fome de conhecimentos, de ser outra, diferente daquela não vista nas narrativas dos livros lidos, onde mulheres de minha cor não tinham nomes, anseios, desejos, vontades; eram simplesmente nada. Queria mais: ser gente de verdade, com história de vida, nome, endereço, idade, sem as ausências multiplicadas e silenciadas.

Uma necessidade de levantar desse lugar foi acendendo em mim, se alastrando em meus passos. Intuí que só os livros e as palavras poderiam explicar, compreender, me mostrar outros caminhos para mudar essa vida de impossibilidades, em que a distância temporal diminuía, mostrando a cara das diferenças assustadoramente intransponíveis. Desembestava na rua hesitante, carregando na pasta livros, cadernos, canetas e sentimentos desconformados.

Volto das lembranças com olhos molhados. Sinto dó daquela menina do passado, de andar desengonçado e solitário, carregando o peso das incertezas. Minha mãe era amedrontada com os fantasmas do passado e só abria a boca para maldizer seu esforço solitário de prover e formar uma menina, que sou eu.

Saía daquelas aulas infames, verbo desvirtuado, em que o negro era escravo. Assim posto, nesse tom, nesse eco retumbante, a professora explicava, fazendo questão de não explicar direito essa parte da história. Sentia as costas doloridas, contorcendo a alma com os detalhes abomináveis.

Hoje tenho certeza da intenção transbordando preconceito, em que seus olhos brilhavam em direção aos meus, num gozo dominante, despejando orgasmos em meu rosto frígido. A dor rasgava a alma de menina-mulher,

virgem de dissabores, encolhendo-me, escorregando na cadeira, buscando na terra coberta pelo piso antigo da sala de aula um fundo que me levasse para outro mundo. De súbito, uma força desconhecida me puxa para longe daquele lugar de tortura e viajo sem transporte - é o vento, imagino.

Agora estou no conforto de casa, diferente da que habito agora. Essa é diferente de tudo já visto antes, com pessoas parecidas comigo, sem nenhum olhar de superioridade. Sinto afeto em cada gesto, preenchendo os espaços vazios dentro de mim. Esqueço a comida, que me espera sob a mesa de casa, onde não tem vida, só normas de conduta na mesa fria. Aparecem de repente três homens com atabaques. Esses três instrumentos diminuem o tamanho, e ainda não entendo. Sinto o ritmo chamando a vontade de dançar na roda, uma senhora me abraça, puxando a dor sentida antes. Seu nome é Nanã e ela me diz para não sofrer tanto: “Tens um destino de luz e conhecimento. Sua mãe sabe de tudo, mas ela tem medo de padecer como seus ancestrais. Prefere esquecer quem é. Ser outra apartada de si mesma. Não conte nada a ela, pois vai brigar com você. Chame por mim, aqui dentro”, e pôs a mão em meu peito, nos apuros da vida.

Acordei com a tal Justina, a professora, me sacudindo: “Não dormiu em casa menina? Aqui não é lugar para isso”. Eu a olhei assustada e, sem temor algum, peguei a pasta e segui sozinha, como de costume, em direção a minha casa. Lavo as mãos e sento-me à mesa, onde engulo com vontade. Minha mãe estranha a fome: “Precisamos conversar algumas coisas de mulher”, ela diz meio numa pálida confusão de olhar preocupado. Dias se passaram, até certo dia de domingo, após a missa, ela criar coragem e me falar: “Minha filha, as mulheres possuem no corpo algo que sangra a partir de certa idade. Elas perdem a pureza de menina que se encanta com o voo da borboleta e correm querendo alcançar seu voo. Quando sangram descobrem que não podem voar, só usando o pensamento, com todo cuidado para não sofrer muito, guardando o corpo de toda maldade humana, até que se case”. Que explicação mais subterfúgia. Não sei qual delas é pior. De minha mãe ou da professora, que quase pulou essa parte que fala da menstruação, e deu uma explicação cheia de dedos, sobre a qual a sala não enxergou coisa que valha. Nessa noite de sangue, de guardar o corpo, maldade, sofrimento, deitei apavorada. Minha mãe gritava “Menina, apague a luz”.

Tremi o juízo na escuridão. Não lembro como e quando adormeci nesse labirinto de medo. Despertei inédita em outra dimensão, diferente da primeira que visitei na sala de aula, pois nessa havia pretas/os velhas/

os. Senti cheiro de bondade. Uns fumavam charutos e conversavam, cujas vozes eram como som de flauta em caminho florido, encantando os sentidos, desenhando esperanças. Passei longo tempo ali quieta, acolhida, aquecida, até que uma mão bondosa tocou meu ombro. Olhei e vi o rosto de minha avó. Sorri. Ela sorriu:

“Sim, minha menina, sua avó parecia comigo, era minha filha. Quando deixei meu corpo na terra, fui recebida por irmãs/aos de luz. Não se assuste, você não está morta, só te trouxe para um afago, já que estava tão desalentada. Aqui habitam as pretas velhas, os pretos velhos. Quando fomos arrancados à força de África, trouxemos a fé acesa em nossas almas, a religião, o candomblé. Não deixamos perder o único bem que possuíamos nessa terra: nossa crença. Hoje, minha menina, estamos nesse plano para iluminar e conduzir todos vocês na terra. Com o tempo vai despertar em você muito conhecimento ancestral. Não tenha medo. Estou te protegendo”.

Acordei sem lembrar o sonho, mas tranquila. Inesperadamente, um riso surgiu em minha vida. Minha rotina era escola e casa. Não tinha amigos, muito menos namorado. Desisti. Aqueles meninos faziam meu coração bater em descompasso. Imagino esse mal que minha mãe alertava: só queriam brancas. Tentaram me convidar para um passeio, meu coração se alegrou, mas foi quando passou como relâmpago todos os sonhos, as conversas do outro plano, e vi minha ancestral dizer: “Não vá, minha filha, é uma cilada, ele vai te usar e depois rir”. Ela ainda me alertou: “Um dia isso vai mudar. Eles não têm culpa do sistema perverso que nos discrimina, nos coloniza, faz com queiramos ser o outro”.

Eu estática, ele aguardando meu passo, meu olhar disperso. Cansado da espera, ele me pega pelo braço. Voltei a mim pela primeira vez e insurji sem reticências: “Não me toque. Não quero sair com você”.

Ele me olha aparvalhado, sem reação digna.

Prendi a lágrima com tanta força que meu corpo ficou castigado.

Descobri tudo com a ajuda das entidades, mas minha mãe parecia que tinha medo. Tentei algumas vezes falar para ela do desconforto que tinha na sala, que havia algo estranho. Ela poderia ter me dito que vivemos em um país que discrimina pessoas de cor negra para manter privilégios. Vejo que até hoje muitas/os não se assumem negros e temem colocar o dedo nos vestígios que ainda os amedronta. Negam-se, elegem como seus representantes pessoas desimportadas de suas dores.

Não digo que enfrentei essa epidemia sozinha. Fui amparada pela espiritualidade, pelos orixás, pela minha bisavó Andalu e por outras/os seres de luz. Digo epidemia, pois assim considero o ser humano que subalterniza o outro, cometendo atrocidades que desarticula totalmente sua humanidade, sendo o único ser vivo que perdeu sua essência, ser humano.

As palavras me acolhem. Converso com pessoas que ninguém vê, abrigada daquelas que põem rótulos em tudo. Atravesso fronteiras, persisto, insisto. Guardo na memória esse gesto de ocupação num espaço em que era indesejada, pessoa insurgente. Cheguei lá com determinação e coragem, anos de letramento, construindo legitimidade.

Confesso meu nervosismo quinze dias antes. Li o discurso de posse milhares de vezes. Escolhi duas roupas, em caso de dúvida. Na véspera, me agitei na cama, senti a presença de Nanã, adormeci. Dia seguinte acordei tranquila, olhar apaixonado pela vida. Começo a me preparar para o instante buscando o vestido no armário, não encontro. Antes que me desespere, sinto cheiro de charuto. Vó Andalu aparece com outro vestido, branco, com espadas de Ogum pintadas a mão e um par de brincos de metais. “Mas vó”... Ela diz: “Ogum mandou que eu preparasse minha filha. Tem muita gente fazendo maldade para te atrapalhar. Até o som que vai dar a palavra, mudou a voz. Ele convocou seus filhos aqui na terra para consertar tudo. Boa sorte, minha filha”. Ela some, levando o cheiro de charuto.

Gostei do vestido e dos brincos, sussurram confiança. Chego ao prédio em que serei a presidente, e o porteiro negro embarra a minha entrada. “Quanto tempo leva para interromper esse derramamento de nós”, penso. Sigo em frente. Uma pessoa o alerta sobre o meu cargo. Ele se desculpa num gesto, e o desculpo. Não quero pensar nisso agora.

Nana: memórias, afeto e resistência

Dayana Molina

Há 86 anos (e 80 em registro) era maio no interior de Pernambuco. Chovia muito no sertão. Era um dia alegre. Numa tarde fresca, nascia o amor da minha vida, o meu melhor e mais doce presente. Meu tio Báu me contou pela primeira vez aos 8 anos como era a infância na aldeia. E sua narrativa sobre o nascimento de vovó nunca mais saiu de minha memória.

Sua mãe deu à luz a uma menina forte e cabeluda na TI fulni-ô, em Águas Belas. Sua infância breve e intensa na beira do rio foi marcada por aventuras com seus irmãos e durou o suficiente para ela entender a importância de lutar.

Minha querida Nana nem imaginava o que o futuro lhe reservava. Calçaram-lhe sapatos, cortaram seus cabelos, mudaram o endereço. Colocaram-na num colégio interno de freiras, tentaram de toda forma ensinar que sua cultura era errada e que bons modos ela não tinha. Mas nunca conseguiram arrancar de seu coração a família, a cultura de seu povo e suas raízes fincadas no Nordeste.

Quando chegou no Rio de Janeiro, outras adversidades pela frente enfrentaria. O homem branco como companheiro poderia minimizar o preconceito. Mas aprendeu que isso não assegurava futuro bom. Ela sempre foi guerreira e potente. Nunca se entregou às dificuldades. E lá foi ela batalhar um pouco mais por sua sobrevivência e a de seus filhos.

Quando eu nasci, ela disse que o Grande Espírito (Deus) havia revelado a ela que eu seria a conexão com o passado dela e que a ancestralidade ia arder em meu peito como uma chama forte que jamais apagaria. Ela entendeu direitinho o recado soprado em seus ouvidos. Faz todo sentido hoje.

Minha avó cantava música de ninar em yathee. Eu não sabia que aquela era a língua nativa dela. Fui a segunda neta. E cresci presenciando ela fazer isso com todos os outros netos. Eu achava divertido como ela falava. Pensava que ela falava tudo errado e tentava corrigir. Quão sábia Nana sempre foi! E em minha ingenuidade infantil desprezei a importância desse fato.

Mas o tempo foi passando e, com isso, fui compreendendo o sentido de suas histórias. Ela repetia muitas vezes as mesmas histórias - talvez para ela mesma lembrar e nunca esquecer os detalhes. Eu, minhas irmãs e primos ouvimos as mesmas histórias umas centenas de vezes. Sempre sobre comer fruta fresca, brincar na mata e banhar-se ao pôr-do-sol, o sabor do beiju, o cheiro do suco de tamarindo e as árvores que ela escalava facilmente.

E cá estou eu, que me apeguei a cada memória de forma persistente e afetiva. E hoje, aprendendo o yathee, em retomada, retorno para o nosso lugar de origem, resgatando o elo com o nosso povo e resistindo diariamente essa sociedade etnocida.

Honro o sangue ancestral das matriarcas fulni-ô. Sou tataraneta, bisneta, neta e filha de mulheres indígenas. Sei de onde viemos e o sangue que corre em nossas veias. Luto para que esse legado de resistência nunca se perca e essa memória nunca se apague, e especialmente para que terras indígenas sejam demarcadas, direitos indígenas, garantidos, e para que nunca mais crianças saiam de seus territórios sagrados, para que o sequestro não se torne algo banalizado, para que parem de catequizar nossas avós e demonizar nossas anciãs. A luta de todos os dias é para que fique claro que não sou branca nem sou parda. Sou mulher indígena resistindo ao apagamento histórico, ao extermínio dos nossos povos e culturas, alguém que luta incessantemente para que a memória de vovó se eternize.

Por isso, hoje eu agradeço aos encantados por ter o prazer e a alegria de ter ao meu lado minha amada Nana, exemplo de força e generosidade. Vovó consegue ser firme e amável. Um equilíbrio muito raro, que admiro profundamente. A melhor e mais divertida avó do mundo. Minha musa, minha melhor amiga, minha companheira. Uma mulher cheia de fé e esperança. Não a fé catequizada nem a esperança milagrosa, mas a fé na humanidade e a esperança nas gerações vindouras. Com ela aprendi que cultura não se herda, mas se conquista. Isso encoraja o meu processo individual e fortalece os caminhos em retomada.

E, sim, ela ainda sonha com o retorno para o seu território. E continua dançando de olhos fechados ao som de seu maracá ancestral e ritmado. Ela ainda faz isso como uma criança conectada às suas raízes e entrelaçada aos costumes de seu povo. Hoje vovó insiste em dizer que o Rio de Janeiro também é sua casa. Talvez porque já tenha entendido que o Brasil todo é território indígena, inclusive essa selva de pedras que fez dela cacica de si mesma.

A Voz da terra

Adriana Gabriela Santos

Conta a cigana que Rita era criança quando viu Padinho. Ela era uma menina de quintal. Passava os dias pendurada em goiabeiras. Foi aí que descobriu o seu primeiro amor: o voo. Pilotava aviões montada nos galhos e se excitava com o tronco macio entre as pernas, dali de sua cabine de comando em que mais parecia cavalgar e ter nas mãos não um volante imaginário, mas rédeas. Depois descobriu que bom também era ser passarinho e saltar. Rita cheirava musgos, lambia mel de flor, caçava ovo de cobra, mexia em folhagens úmidas para achar ninho de minhocas e fazia banho de ervas para filhote de cachorro que estivesse doente. Foi num dia dessa meninice que viu Padinho, um preto-velho moço que apareceu no quintal. Sim, ele era moço e visível só para ela. Rita cresceu, esqueceu e encontrou a cigana. A cigana apresentou Joaquim a ela. Eles conversaram por três noites e, no amanhecer do quarto dia, Rita lembrou que, quando criança, pediu a um preto-velho-moço no quintal que nunca deixasse ela.



Um

Lara de Paula

Logo que nasci, minha mãe me levou a uma numerologista para saber um pouco sobre a minha futura personalidade. Alinhados os corpos celestes, abertas as cartas, jogados os búzios e as runas tiradas, apresentou-se um veredicto: meu número era o 1, unitário e indivisível por inteiros. Preocupada com o que isso poderia significar, pôs-se mamãe a pensar: Será que está fadada a ser egoísta? Será que nunca irá se casar?

O desespero instaurou-se com tamanho dilema. O que vale um número 1 solto num teorema? Foi então correr atrás do prejuízo: veste a menina com laranja, cor do amor universal, que deve dar um jeito no egoísmo. Cresci a-lara-njada, cheia de gente em volta, sempre cercada. Mamãe respirou aliviada. Hoje conta sorrindo, como se a adivinha estivesse errada.

Veza ou outra ela menciona o episódio como anedota, acha graça de pensar que desviou a rota. E talvez tenha, de alguma forma torta. Descobri, com o tempo, que meu 1 não significava ser a melhor ou mesquinha. Passei muitos anos achando que significava ser avulsa, sozinha. Tentei ressignificar o algarismo e ser única, diferente. Mas também dava errado (pareço tanto, tanta gente). Quis ser 2, que tem par, ou 5, que é ímpar, mas é grupo. Invejei a autenticidade de todo e cada número. Mas veza ou outra lá me seguia esse 1 em um detalhe, numa coincidência ou numa alegoria. Custou até que eu mudasse minha mente e pudesse enxergar esse 1 com outra lente.

Hoje penso diferente. Um não divide porque não faz diferença. O 1 iguala toda existência e tudo que há para se ver. 1 sou eu e é você. 1 somos. O 1 está aberto à soma. É o resultado do que ficou ileso. Tanto nosso já foi partido para que pudéssemos ser 1 inteiro. Carrego em mim o maciço de raízes que se completam em todas as suas partes. Há nos meus olhos o mesmo brilho de tantas outras mulheres-miragens, como um único olho que a tudo vê. Consegue ver? Há muito que escapa à minha íris, embora eu desejasse que fosse apenas algo aqui e ali. Aprendo muito e ainda penso que não percebi. Demoro a entender coisas que já aprendi. 1 é assim, cabe um infinito dentro. Não se divide por inteiros, pois sabe que no mundo é tudo repartido. Nasceu inteiro e nasceu dividido. Carrego comigo diversas inteirezas. Com 1 se faz muito. Seguindo o rastro se chega até o início do

mundo. Veio a minha mãe, e a mãe dela antes de mim. E foi seguindo assim que se fez a linha, que nada mais é do que um 1 comprido e deitado. 1 é laço.

Aperto o passo sem medo de ir pelo caminho errado, pois há algo que nos une e mantém reta a trilha mesmo com todas as curvas. Uma gota no oceano, que só se sabe a diferença quando se separa. Mas unida, não há o que abala. Aumenta, diminui, dança. Se movimenta com a imprevisibilidade de uma criança. Alinhados os corpos celestes, abertas as cartas, jogados os búzios e as runas tiradas: 1 ser, que seja. Esse número com cara de letra, como um i que se disfarça. Serei eu inteira, junto ao infinito que me perpassa.



Terekê

Láisa Costa

Há anos atrás as coisas começaram a fazer sentido. Um reencontro em busca de abrigo. Eu, um jovem caboclo sonhador, sentia as folhas, o vento, e trazia a fé em meu peito. Desertos dentro de mim, trazia esperança de uma nova vida e buscava a salvação fora de mim. Dizia que os caminhos das matas eram trilhados pelas pessoas que minha vida cruzava.

Mal sabia eu que meu destino estava traçado. Passados alguns anos, esqueci dos meus sonhos. Passei a viver na roda da vida, seguindo passos dos outros. É difícil viver nesse mundo, mas a vida tem seus altos e baixos. Foi nesse ziguezague que mudei. Mergulhei fundo em minhas amarras e descobri que os caminhos não estavam fora, mas sim dentro de mim.

Eu, Terekê, caboclo sonhador das matas, desbravei muitas vidas, floresci novas e hoje vivo no mundo. Nesse longo tempo, percebi o sentir dentro de mim, a força de acreditar que remédio melhor não há do que a paciência de um bom filho de Oxalá.

POSFÁCIO

Carta para as autoras sobre o processo de avaliação

Agô escritora

Entrei na sua escrita sem pedir licença, sem pedir agô, mas tive o cuidado de mexer no seu textorí. Por isso, não quis pluralizar a palavra escritora, porque o ato de escrever é solitário, seja em qualquer gênero literário. Você pensará que isso é uma máxima! Mas como comentar o resultado de sua transpiração e inspiração transformadas em palavras? Que podem ter sido concebidos em qualquer lugar, de todas as maneiras, já que escrever, para nós, mulheres negras ou pretas, muitas vezes são desafios postos. Forçamos nossa criatividade, que é secular, para driblar as tarefas impostas a nós.

Quando a editora Maitê Freitas me convidou para compor a comissão de avaliação de alguns contos enviados para o Chamamento Oralituras Escritas Femininas em Primeira Pessoa, fui tomada de surpresa porque nesse processo ficaria do outro lado do balcão, ou seja, escritora e parecerista do referido concurso, juntamente ao timaço: Carmen Faustino, Dandara Kuntê e Maitê Freitas, sempre orientadas pela Agnis Freitas. Lemos e comentamos textos de toda a parte do país.

Devo confessar a você que exercer o papel de avaliadora tem uma dimensão gigantesca, porque comentar um texto de outra escritora é como cuidar de sua filha ou do seu filho. Zelar pelos textos, lendo e relendo sempre a sós. Agora, ser avaliada também não é um processo fácil: requer disposição da autora para receber diversas opiniões sobre um mesmo trabalho. Muitas vezes essas observações extrapolam o que escrevemos. Ao receber a análise do nosso conto temos surpresas boas, porque a compreensão da nossa escrita vai além do que está no papel. São detalhes que nos deixam em estado de contemplação. Há a avaliação que enobrece de tal forma a nossa escrita que, por vezes, nos deixa emocionadas. Não é porque não está escrito que o olhar da leitora não pode captar outras ideias que cercam o conto. É possível extrair análises ricas de detalhes e de profundidade que nos deixam orgulhosas.

E há os textos que faltaram ser esculpidos com tempo. Por inúmeros motivos entregamos trabalhos faltando alguns ingredientes, mas isso jamais pode executar em nós um certo desencantamento pela escrita, porque esculpir um texto demanda tempo. Às vezes, há que deixá-lo repousando por dias, por um longo tempo, para depois revisitá-lo quantas vezes for necessário. Até o momento em que se pode caminhar com estruturas sólidas. Sabe, antologia tem seu lado bom, ajuda o seu texto caminhar com suas iguais, além de agregar mais pessoas e suas escritas. Por outro lado, como em todo livro, as limitações de páginas existem e são reais e, por isso, existe a tarefa árdua de selecionar. De novo afirmo: sempre selecionamos os textos. Foi um desafio aceito e, para exercê-lo bem, fiz comentários sobre todos os contos e contos-depoimentos a mim confiados. Tantas lidas e relidas em nossas reuniões virtuais, pois estamos por nossa conta própria e temos ciência de que as vidas de nós, negras ou pretas, importam. Então, como dizia, tantas lidas que cada uma de nós fez foi capaz de recontar cada trabalho e a emoção que eles nos proporcionaram.

Não sei o seu nome, por isso sempre vou chamá-la por você. Como fazemos há tempos, inventamos outros nomes literários para que nossos textoris caminhem sem nós. Somos átomos e moléculas em relação ao que escrevemos, duas substâncias compostas que no momento de uma avaliação devem ser separadas. Com pseudônimo inventado ou no anonimato, assim é melhor para comentar sobre o conto, conto-depoimento ou afrofuturismo. Sim, sabemos que seu trabalho tem seu rosto, seu corpo, sua vivência, sua sexualidade, sua sensualidade e tudo mais; porém, você nos confiou seu textori e dele cuidamos para verificar na escrita alguns aspectos como estrutura, conteúdo, se nos contou alguma história, enredo e, sobretudo, se nos encantou com suas palavras para assim ter seu conto, conto-depoimento ou afrofuturismo no xirê livro.

Acredito que cumpri o desafio! Pode ter a certeza de que todas nós avaliadoras zelamos por todas as escritas. Sempre com o olhar atento para não termos pareceres engessados que inviabilizassem a participação de muitas.

Vou te contar que dos contos que li alguns me fizeram atravessar pontes. Rios que me transbordaram, outros molharam meus pés com as suas águas profundas. Mudando d'água pro vinho, tantos me fizeram ver que existem diferenças entre tetos vermelhos e tetos de concreto, quando uma mãe deixa seus filhos para cuidar de outras crianças...

Mas voltando ao rio, tive sim aqueles que se recusaram a me banhar.

Vou repetir mais uma vez: escrever é um ato solitário, seja em qualquer gênero literário. Você pensará que isso é uma máxima! Sim, mas isso não importa. O que é mais relevante ao final desse processo é que estou muito contente também de fazer parte dessa história literária. Porque cada livro conta sua história, seu momento e o porquê da sua existência. Aprendi muito. Ao total são 44 escritoras, compondo negras ou pretas, indígenas, não binárias e LGBTQIA+, todas coroadas com sua escrita na Antologia Oralituras.

Agô escritora, agora peço licença para sair por um momento da página para contemplá-las da plateia, porque de lá vocês ouvirão minhas palmas.

Axé

Esmeralda Ribeiro

Quilombhoje Literatura e Flores de Baobá Escritoras. Organizadora e editora dos Cadernos Negros – Contos e poemas.

@quilombhoje, @escritoraesmeralda, @floresdebaobaescritoras

Escritas plenas

A intensidade desse projeto me fez mergulhar em águas profundas e intensas. Naveguei na imensidão que cada mulher carrega e me vi em muitas. Eu que gosto do som das palavras por vezes me vi em silêncio e na falta delas, que difícil avaliar narrativas que dialogam tanto comigo!

São muitos espelhos encontrados nas linhas dessas Escritas Femininas em Primeira Pessoa. Mulheres negras e indígenas que me ofereceram a cada leitura a possibilidade de aprendizados e perspectivas para dias melhores e mais leves.

É potente e transformador perceber que, mesmo em meio ao caos, estamos atentas e despertas para a escrita de nossas narrativas. Cada palavra alimentou minha ânsia por uma literatura que construa novos imaginários e parâmetros para quem lê e que possibilite a reflexão sobre quem somos, nossos saberes, artes e intelectualidades.

Sou plena na certeza que o caminho das escritas pretas segue firme e resiliente. Os passos vieram de longe e por isso estamos aqui e seguimos! Não cabe mais olhar para a produção literária de mulheres negras e indígenas como únicas ou poucas. Essa é uma limitação imposta, pois escrevemos e isso não é uma novidade! A grande quantidade de mulheres negras e indígenas, cis e trans, que participaram do chamamento literário, em meio a uma pandemia, foi o presente recebido por mim e pela comissão avaliadora.

Meu amor por Esmeralda Ribeiro, Maitê Freitas, Dandara Kuntê e Agnis Freitas. É muito melhor caminhar com vocês, com quem aprendo e me fortaleço.

Há séculos empunhamos canetas e, entre afetos e rotinas de fantasia e realidade, traçamos linhas e contamos outras versões da história. O silêncio não apaga as palavras que o livro registra. Escrevemos para que nunca se esqueçam de nós!

Ouçam esse chamado!

Carmen Faustino

Escritora, poeta, educadora

@carmen_faustino

Amadas autoras

Mês de junho, é inverno, tempo de esperar boas novas e sentir o quentinho do verão no peito. Em meio de tantas ventanias e conversas com Iansã, chega a novidade de que eu seria uma das avaliadoras do CHAMAMENTO ORALITURAS: ESCRITAS FEMININAS EM PRIMEIRA PESSOA. Recebi a alegria e louvei em oração.

Lembrei de quando comecei a escrever, de como foi difícil - e ainda é - organizar minhas próprias palavras. Foram dias reflexivos de longas leituras, conversas com o botão da camisa xadrez, a mesma que veste meu corpo nas noites frias. Durante o processo, o relógio do meu pensamento seguia parado, esquecendo o compromisso das 9h da manhã.

Antes do almoço, entre um texto e outro, meu nariz apontava a direção da poeira que teimava ficar no chão da sala. Foram dias consumindo xícaras de chá gelado sabor camomila, chá verde, ou erva doce, aromas que aliviam a tensão da cabeça e aquecem o coração.

A escrita é um caminho importante para nós, mulheres negras, em que podemos expurgar tudo aquilo que impossibilita a nossa não existência no mundo. Quando escrevemos criamos estratégias coletivas e afetivas, fomentando novos caminhos e abrindo passagem para novas escritoras. Somos as vozes negras do futuro.

Agradeço imensamente a cada palavra que li, a cada sonho que tive, a sensação descrita em cada parágrafo dos textos, aos amores, à fé celebrada nas letras, à esperança, à descoberta da negritude, aos novos processos, à transição capilar, às encruzilhadas em movimento.

E, por fim, um sorriso negro para as companheiras Maitê Freitas, Carmen Faustino, Esmeralda Ribeiro e Agnis Freitas. Que o amor sempre esteja em nós.

Com amor

Dandara Kuntê

Escritora, artista dos palcos e poeta

@kunte_terrapreta

SOBRE AS AUTORAS

Adriana Gabriela Santos (Bahia)

Cresci no bairro de Águas Claras. Sempre tive contato com a terra. Tenho uma herança de quintal em minha história. Estudei Direito, mas preferi as artes. Vim encontrar a voz da justiça que buscava através delas. ‘Costuro livros’ e me liberto tantas vezes quanto for preciso por meio da palavra.

Contato: adrianagabriela.st@gmail.com

Instagram: [@adrianagabriela.st](https://www.instagram.com/adrianagabriela.st)

Aidil Araújo Lima (Bahia)

Sou baiana e cresci na cidade de Cachoeira, Bahia. Escrevo contos, prosas e crônicas desde menina. Tenho publicações em diversas antologias e um conto premiado no Jubileu de Ouro de Mogi SP, no Profundanças Antologia Literária e fotográfica, entre outros. Minhas publicações autorais incluem os livros Mulheres Sagradas, de 2017 (Editorial Portuário Atelier) e Páginas Rasgadas, de 2020 (Segundo Selo).

Contato: aidilaraujolima@gmail.com

Instagram: [@limaaidilaraujo](https://www.instagram.com/limaaidilaraujo)

Aline Santos Conceição (Paraná/São Paulo)

Nascida na Zona Leste de São Paulo, em meio à periferia, não consigo afastar minha escrita da realidade na qual nasci e cresci. Mulher negra e mãe solo de uma pequena, Maria, vim parar no interior do Paraná há 7 anos. Formanda do curso de Letras, me encontro na literatura, na leitura e na escrita.

Contato: lines8991@gmail.com

Instagram: [@_alinstos/](https://www.instagram.com/_alinstos/)

Carolina AZA (São Paulo)

Iniciei minha trajetória na escrita logo na infância, desenvolvendo meus textos em “escrevivências”. Hoje, me debruço sobre a escrita dramaturgica, crônicas e contos. Atualmente, componho o Núcleo de Dramaturgia da Escola Livre de Teatro de Santo André, dirigido por Dione Carlos.

Contato: anaferreira.1999@hotmail.com

Instagram: @oanaferreira

Ana Carolina Coutinho (Goiás)

Acadêmica em Letras - Linguística na Universidade Federal de Goiás (UFG) e formada em Licenciatura em Educação do Campo na área de linguagem na Universidade de Brasília (UnB). Sou professora e escritora da vida, moro no quilombo Kalunga e sou amante das poesias e reflexões que ajudam a fortalecer a resistência do nosso povo.

Contato: carolcvc17@gmail.com

Instagram: @carolcvc17

Ananda Azevêdo (Goiás)

Por formação acadêmica, sou professora de Educação Física Escolar. Suponho que o corpo, enquanto memória em movimento. é um lugar de possibilidades múltiplas. Atuo, nesse fazer, no ensino público da cidade de Goiânia - GO, na periferia do município, com crianças da primeira fase do Ensino Fundamental. Também flerto com a arte através do Samba e do Afoxé. Sou mãe solo, filha de Ana e Waldir, sou mulher de axé. E, assim, danço ao ritmo das letras enquanto caminho: escreviente.

Contato: ananda.a.azevedo@gmail.com

Instagram: @azevedo_ananda

Anna Cristina Almeida (Minas Gerais)

Sou escritora, comunicadora, pesquisadora de história afro-brasileira, criadora da @Orgulho.Afro e de outros projetos de disseminação da

nossa cultura. Sou publicitária, pós-graduada em Gestão Estratégica de Marketing e mestranda em História, Política e Bens Culturais.

Contato: annacristinaalmeida2@gmail.com

Instagram: @orgulho.afro

Ariane Senna (Bahia)

É a primeira mulher trans psicóloga em Salvador, feminista e mestranda em Estudos Étnicos e Africanos pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde desenvolve a sua pesquisa sobre a solidão da mulher trans, negra e periférica.

Contato: psicologia_arianesenna@yahoo.com.br

Instagram: @arianesenna.26

Dayana Molina (Rio de Janeiro)

Atuo na moda há 12 anos. Sou figurinista, produtora de moda e estilista. Meu olhar criativo e decolonial tem produzido revoluções na estética da moda. Também pesquiso inovações sustentáveis e tenho uma marca que se chama NALIMO @oficialnalimo.

Contato: molinastylist@gmail.com

Instagram: @molina.ela

Djeine Patrícia (Rondônia)

Sou do norte do Brasil, filha caçula de mãe branca e pai preto, nascida no dia 4 de julho de 1995. Criada para ser um ser humano empático, respeitador e feliz. Admiradora e criadora de arte, ensino as letras e afins.

Contato: djeinefariaspatricia@hotmail.com

Instagram: @adjeine

Elaine Teixeira (Bahia)

Sou neta, filha e mãe de Marias, soteropolitana, negra, artesã,

licenciada em Geografia pela UFBA e pós-graduanda em Educação, Cultura e Linguagens pelo IFBA. Faço contos e poesias em segredo. A literatura é minha companhia que, como as águas de Oxum, me motiva a contornar as pedras encontradas no caminho.

Contato: lateisa@gmail.com

Instagram: @ane_moenda

Helen Silva (Pernambuco)

Sou uma amante de banhos solares e me dedico a pesquisas-intervenções com grupos, relações raciais e artes na presente graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Nessas trajetórias, me encanto pelos deslocamentos, encontros e afetos potencializados por minhas vivências e as transbordo nos meus processos de seramarsentir as palavras.

Contato: helenlisva@gmail.com

Instagram: @serhelens

<https://intensidademarginal.wordpress.com/>

Heme Costa (Bahia)

Sou Licenciada em Teatro pela UFBA, especialista em Educação em Direitos Humanos, atriz, escritora e diretora do grupo Loca. Trabalho através da perspectiva do teatro negro e tive o espetáculo Mulheres Malês indicado ao prêmio Braskem de Teatro. Entendo a escrita como principal veículo da minha produção artística.

Contato: hemecosta@yahoo.com.br

Instagram: @hemecosta

Isabela Alves (São Paulo)

Sou artista-negra-lésbica. Trabalho como designer autônoma e, através das linguagens artísticas como colagem digital, manual, fotografia, bordado e escrita, procuro aprofundar a subjetividade negra e lésbica em minhas obras. Busco por nas palavras-performance minhas vivências coletivas. Sou idealizadora e produtora do Sarau A

Perfeita Queda dos Búzios e membra do Afrotometria.

Contato: isabelaalves98@usp.br

Instagram: @afrobela_

Jaciara Mello (Paraná)

Jornalista por formação. Apaixonada por falar e escrever. Possui artigos publicados no Brasil e no exterior. Possui poemas publicadas pela Usina das Letras. É uma das 60 apoiadas no Brasil pelo Fundo Baobá no Programa de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras, ano 20/21.

Contato: jacimello@gmail.com

Instagram: @jaciara.nmello

Jaqueline Souza (Bahia)

Mãe de Benjamin, bailarina de Dança do Ventre e também a Pró Jaque. Criada por Dina e Cal no Pero Vaz, bairro periférico de Salvador-BA, sou graduada em Letras com habilitação em Inglês pela UCSal como bolsista do PROUNI. Mestre em Língua e Cultura e Doutoranda em Linguística Aplicada pela UFBA. Leciono Inglês e Português na rede pública de Salvador e de Lauro de Freitas há 13 anos.

Contato: jaquelinenglish@hotmail.com

Instagram: @pro_jaque

Jessica Nascimento (São Paulo)

Tem 29 anos, é paulista de mãe mineira e pai pernambucano, crescida na cidade de Itaquaquecetuba. Bacharel em Comunicação das Artes do Corpo e atriz formada pela EAD/USP. Mestranda no departamento de História Social da PUC/SP, onde desenvolve pesquisa sobre a Dramaturgia do Teatro Negro.

Contato: jessicagomesdonascimento@gmail.com

Instagram: @nascimento.grafiascenicas

Joice Souza (Mato Grosso)

Sou estudante de Teatro na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), poetisa, vegetariana, amante das artes visuais e da música. Uma mulher negra, pansexual e periférica que vem tentando se entender melhor no mundo por meio da escrita.

Contato: joi.souzanunes@gmail.com

Instagram: @souzanunesjoice

Joyce Viana (Rio de Janeiro)

Sou nete de Almerita da Conceição e Helena Viana. Estudo Letras-Português na Universidade de Brasília (UnB), sou escritora e performer negra. Compus as performances Anastácia, Nosso Exu (2018) e Temp(l)os em mim (2019). Criei a página Poesia Oferenda (@poesia.oferenda) no Facebook e no Instagram, onde publico meus escritos negros.

Contato: joycevianaa1@gmail.com

Instagram: @jomaravilhaa

Júlia Mota de Brito (Bahia)

Sou Júlia Mota de Brito, tenho 19 anos e sou estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na Universidade Federal da Bahia, onde pesquiso Ecologia Política. Conduzo a página @jubruja no Instagram, na qual falo sobre assuntos como Veganismo, Ecofeminismo e Antirracismo. Sou também artista e escritora iniciante. Gosto de todo tipo de arte: pintura, canto, dança, teatro, etc., mas a minha paixão é a escrita.

Contato: jujumota2001@gmail.com

Instagram: @jubruja

Julie Dorrico (Rondônia)

Sou natural de Guarajá-Mirim (RO) e descendente do povo Macuxi. Doutoranda em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação de Letras da PUC-RS. Mestre em Estudos Literários e graduada em

Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Vencedora do Concurso FNLIJ/Tamoios de Novos Escritores Indígenas (2019), publicado pela Editora Caos e Letras (2019). Sou idealizadora do canal “Literatura Indígena Brasileira” e dos perfis @leiamulheresindigenas e @leiaautoresindigenas.

Contato: juliedorrico@gmail.com

Instagram: @dorricojulie

Karollen Gomes (Rio Grande do Norte)

Sou filha do povo Potyguara do RN. Articuladora na APIRN - Articulação dos Povos Indígenas do RN @indigenasdorn e administradora da página @literaturaindigenarn. Sou escritora, poeta, cronista, contista, musicista, dançarina do ventre, pintora, doula (associada a APD - Associação Potiguar de Doulas) e professora de Artes e Filosofias. Posso várias crônicas, poemas e contos publicados, um conto transformado em animação infanto-juvenil e um poema musicado, ambos disponíveis no youtube. Sou especialista em Neurociência e Educação e pós-graduanda em Educação Inclusiva.

Contato: karollen.gomes@gmail.com

Instagram: @_poeyra_cosmyca_

Láisa Costa (Bahia)

Nasci em Salvador/BA e atualmente moro em São Paulo/SP. Sou formada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Salvador. Sou especializada em gestão estratégica de comunicação organizacional e relações públicas pela Universidade de São Paulo. Escrevo desde a infância poesias, contos e músicas. A escrita para mim atravessa um processo de cura e despertar.

Contato: laisagcostaa@gmail.com

Instagram: @laisagcostaa

Lara de Paula (Minas Gerais)

Setelagoana, feita de água da beira ao fundo, tataraneta de Paula, a que originou o sobrenome. Arqueóloga nas horas vagas, poeta em tempo integral. Pós-graduada pela UFMG, escritora pela vida, carregando comigo a potência das mulheres negras de toda a família e buscando caminhos de cura ancestral.

Contato: laradepaulapassos@gmail.com

Instagram: @esfomelara

Layane Almeida (Minas Gerais)

Nascida e criada no interior de Minas Gerais, conheci cedo o encanto das letras e dos livros. Formada em Letras pela PUC Minas e professora na rede pública de ensino. Fiz parte da coletânea do 4º Prêmio SESI de Literatura e publiquei uma novela independente. Nas horas vagas, converso sobre tudo no podcast Fora da Janela. Apaixonada por aprender e ensinar.

Contato: layanealmeida013@gmail.com

Instagram: @layanealmeidaaa

Leticia Cruz (Rio de Janeiro)

Carioca criada no interior, voltei a capital para cursar graduação. A linguagem sempre foi meu filtro, meu modo de documentar e inventar a vida desde criança. Mas só agora, aos 22 anos e prestes a concluir a o curso de Publicidade e Propaganda na UFRj, decidi compartilhar meus poemas e contos com outras pessoas através do perfil @guiapraticopralugarnenhum no instagram.

Contato: cruzslet@gmail.com

Instagram: @guiapraticopralugarnenhum

Lílian Almeida (Bahia)

Nasci em Salvador, tenho publicações em portais literários, revistas digitais, antologias e coletâneas. Participei do XXIV Encuentro Nacional e Internacional de Mujeres Poetas (Cereté – Colômbia/ 2017) e do

XXVIII Festival Internacional de Poesía de Bogotá (2020). Publiquei Todas as cartas de amor (Ed. Quarteto), em 2014, e Pulsares (Prêmio Edital Caramurê de Literatura), em 2019.

Contato: lirioalmeida@yahoo.com.br

Instagram: @lilianalmeida20

<http://lirioalmeida.wordpress.com/>

Lorena Ribeiro (Bahia)

Sou soteropolitana, graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e doutoranda em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Além de professora, escritora e pesquisadora, sou também criadora de conteúdo no Youtube e Instagram por meio do projeto literário Passos entre Linhas. Enquanto escritora, produzo poesias e contos.

Contato: @passosentrelinhas

lorenarib.contato@gmail.com

<https://www.eulorenaribeiro.com>

Marina Farias (Rio de Janeiro)

Sou cria da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, mas moro no estado de São Paulo há 6 anos. Escrevo histórias desde pequena e, mulher-feita, mergulho em memórias, explorando relações, afetos e espiritualidade para construir as narrativas que me expressam.

Contato: marinafariasescreve@gmail.com

Instagram: @msmarinafarias

Marli Aguiar (São Paulo)

Educadora social, gestora ambiental, escritora, pintora e militante feminista. Formada em Letras pela UNIFESP. Realiza Oficinas de Escrita para Mulheres Negras. É integrante dos Coletivos de escrita Carolinas e Firminas e do Coletivo Flores de Baobá – Escritoras Negras.

Contato: marlimar2b@gmail.com

Instagram: @marliaguiar29

Núbia Cruz (Bahia)

Pós-graduanda em Ciências Criminais, mediadora extrajudicial, conciliadora e negociadora, Bacharela e Mestranda em Direito. É pós-graduanda em Cultura e Literatura e tem Licenciatura em Letras com Habilitação em Português, Inglês e nas respectivas Literaturas. Especializada em Psicopedagogia.

Contato: nubianscbia@gmail.com

Instagram: @leituracafeecuscuz

Oluwa Seyi (São Paulo)

Sou fruto dos anos 90, nascida e criada na zona norte de São Paulo. Filha de Oxum. Escrevo há mais de 10 anos e não me imagino fazendo outra coisa. Me formei em Letras pela USP e realizo pesquisa de mestrado sobre religiosidade e literatura afro-brasileira na mesma instituição. Tenho artigos, ensaios, poemas e contos publicados em revistas científicas e literárias.

Contato: oluwaseyi@usp.br

Instagram: @o.l.u.w.a

Oyá Denan (Bahia)

Sou bisneta de Dadá, neta de Jandira e Marlete, filha de Clarissa, mulheres que me antecedem e me ensinam a ser forte. Vento sul na Bahia. Mulher preta, Ìyáwò, filha e esposa de Oyá, sapatona, grandona, educadora em formação e poeta. Escrevo para que parte de mim possa ecoar e alçar novos voos.

Contato: mariaccmartini@gmail.com

Instagram: @mariaccmt

Priscila Guedes (São Paulo)

Formada em Produção Audiovisual pelo Instituto Criar e em Gestão Cultural na edição pelo Programa Jovem Monitor da Secretaria de Cultura da cidade de São Paulo, onde realizou estudos sobre políticas públicas culturais ligadas à juventude e cidadania, estudando a relação

entre centro e periferia.

Contato: priscilaguedess@gmail.com

Instagram: @priscila_amarelo

Samanta Santos da Fonseca (São Paulo)

Sou Psicóloga e Gestalt-Terapeuta. Atuo na área clínica, realizo palestras, pesquisa e escrevo o que apreendo com meus sentimentos. Sou mãe, sou filha, sou uma menina-mulher de pele preta que teima por esperança, apaixonada pela vida e suas possibilidades.

Contato: smtsantosfonseca@gmail.com

Instagram: @psicosamantasantosfonseca

Sandra Menezes (Rio de Janeiro)

Sou jornalista, dramaturga, roteirista e cantora. Participo das antologias Negras Crônicas (Editora Villardo) e Re-Existência (Editora Cartola). Integro a formação literária da “FlupDigital 2020” sobre Carolina de Jesus e sou roteirista da série “Contos Valentes – Histórias infantis pretas” em canal do YouTube.

Contato: smariamenezes@gmail.com

Instagram: @sandramsmenezes

Sheila Martins (Rio de Janeiro)

Sou Sheila Martins, nascida e criada na Baixada Fluminense. Atualmente, ousou me desbravar pela Zona Oeste do Rio de Janeiro, produzindo escrita negra periférica. Formada em pedagogia, atuo como intérprete de Libras e como livreira na Livraria Nombeko. Em 2019, participei como co-autora de Vértice: escritas negras, da Editora Malê.

Contato: sheila.jh@hotmail.com

Instagram: @sheila_mrts

Sonhadora - Janir Lage da Silva (Rio de Janeiro)

Trabalha como Pedagoga desde 1974 nas redes públicas municipal

e estadual de Petrópolis, Rio de Janeiro. É pós-graduada em Psicopedagogia e frequenta eventos culturais e educacionais em vários estados brasileiros. Publicou em 2019 o livro *Coração Alfabetizado*.

Contato: queencantobordados@gmail.com

Instagram: @janirlage

Suéllen Raquel (São Paulo)

Afirmo que sou psicóloga de profissão e escritora por atrevimento. A imaginação é o lugar que mais gosto de habitar em mim. Comecei a escrever quando descobri que por meio das palavras poderia compartilhar esse lugar fantástico com as pessoas. Sou autora independente de escrita engajada, publico textos em coletâneas e crônicas no jornal da cidade e na minha página de escrita no Facebook.

Contato: psi.suellensilva@gmail.com

Instagram: @ela_escreve_ele_rabisca

Tatiana Dias Gomes (Bahia)

Filha de Solange e Pedro, neta de Francisca. Nasci em Feira de Santana e lá vivi até os 23 anos. Morei em Rio de Janeiro, Senhor do Bonfim (BA) e Itatiaiuçu (MG). Aos 38, estou mambembe. Sou assessora jurídica popular e a primeira professora negra da Faculdade de Direito da UFBA, o que não me deixa orgulhosa, mas indignada. Escrevo porque preciso.

Contato: tatianadiasgomes@hotmail.com

Instagram: @diasgomestatiana

Thiffany Odara (Bahia)

Negra travesti, transfeminista, iyalorixá, mãe, pedagoga, especialista em gênero, raça, sexualidade e etnia. Atuo como educadora social e redutora de danos no Centro de Promoção e Defesa dos Direitos LGBT da Bahia. Resignifico, através de minha existência, a transformação e a subversão sociais, o que me torna um fragmento do movimento de mulheres negras e LGBT.

Contato: thiffany.odara@gmail.com

Instagram: @thiffanyodara

Vanessa da Conceição (São Paulo)

Tenho 33 anos e um filho maravilhoso de 4 anos, o Caimã. Sou capoeirista, professora eventual de Sociologia, militante da Literatura na cidade de Caraguatatuba e uma escritora sonhadora. Aprender e ensinar são minhas paixões e acredito na Educação.

Contato: vanlispector@hotmail.com

Instagram: @laetitia.vanessa

Vitória Maria Matos (Bahia)

Tenho 24 anos, sou sertaneja, baiana, nordestina. Sou uma contadora de histórias fascinada pelas variadas formas de se comunicar. A literatura pulsa em mim como o princípio de todas as coisas.

Contato: vitoriamatosarqurb@gmail.com

Instagram: @mariavitoriamariaar

Zeferina (São Paulo)

Sou multiartista da palavra. Preta, periférica, cantora, compositora, poetisa, escritora, percussionista, performer, LivreGBT. Mãe. Pesquisadora da Música Preta Brasileira. Minha arte é amplitude. Tentar podar ou negar isso é doloroso. Escrevo por ser uma mulher livre em todos os sentidos.

Contato: oficialzeferina@gmail.com

Instagram: @zeferinaoficial

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às autoras que se inscreveram e materializaram esse Chamamento: Ana Carolina Coutinho, A Feminista Negra, Alene Silva da Rosa, Adriana Gabriela Santos, Ádyla Maciel, Agda Beatriz de Souza, Aidil Araujo Lima, Aíla Oliveira, Alexcentrica, Aline Oliveira, Aline Santos Conceição, Amanara Brandão Lube, Amorim, Ana Carol Ferreira, Ana Luiza, Ana Paula Pires, Ana Paula Souza, Ananda Azevêdo, Andréa Bak, Andreia Ramos, Angélica Ferrarez, Anna Cristina Almeida, Ariane Senna, Augusta Santo, Aurea Estela, Aziza Òbá, Bárbara Ramos, Bethe Bastos, Blenda Santos, Ca Jota, Camila de Oliveira Farias, Camila Sá, Carine Queiroz, Carolina Ferreira, Carolina Michaela, Cíntia Lima, Cleide Mello, Corisca, Cynthia Rachel Esperança, Daiane Nawroski, Daniela Oliveira, Danielle Antão, Danielle Oliveira, Danuza Novaes, Dayana Molina , , Débora Inêz, Deca Lourenço, Djeine Patrícia, Dolores Rodriguez, Drophth Suhura ou Yanissa Khan, Dulci Alves, E.Matias, Edzita SigoViva, Elaine Teixeira, Eliane Weinfurter, Elis Brasil, Elizete de Souza e Santos, Fabiana Santos, Fabíola Cunha, Fênix Negra, Fernanda Farias, Gabi Souza, Gabriela da Costa Silva, Geane Damasceno, Genuzi, Gessica Aquino, Gisele Cunha, Helen Silva, Helena Nascimento, Heme Costa, Herena Barcelos, Iaiá, Ingrid de Paula, Ingrid Passos, Iroka, Isabel Monteiro, Isabela Alves, Isabela Santana, Jaciara Mello, Jamile Menezes, Jamille Anahata, Janaína Candeias, Jaque Souza, Jéssica Ferreira, Jessica Nascimento, Jéssica Rodrigues Jessika de Oliveira, Joana Fraga, Joely, Joermina, Joice Souza, Jordana Barbosa, Josi Lima, Joyce Viana, Jussara Machado, Júlia Batista, Júlia Grilo, Júlia Mota, Juliane Vicente, Julie Dorrico, Kali Oliveira, Kanzelumuka, Karollen Gomes, Katherine, Kuña Lulu, L. Cerqueira, Laísa Costa, Lara Bessa, Lara de Paula, Larissa Clandestina, Larissa Reis, Layane Almeida, Lena Roque, Letícia Araújo, Leticia Cruz, Lígia Rodrigues de Almeida, Lilian Alves, Lílian Almeida, Lílian Paula Serra e Deus, Lilian Peres, Lorena Ribeiro, Luares, Lucia Makena, Luciana Luz, Luciene Carla Corrêa Francelino, Luz Ribeiro, Maiara Moraes, Maisanara Fonseca da Silva, Marina Farias, Mara Carvalho, Maria del Mar Valenzuela, Mariana Queen Nwabasili, Mariane Diaz, Marianna Alves, Marli Aguiar, Maryáh Pelaio, Masé, Midria, Mila Rodrigues, Mona Kizola, Monique Oliveira, Morganna Lôbo, Mota, Nadia Farias dos Santos, Namibya, Natali

Mota, Natália Helena, Néa, Nina Maria, Núbia Cruz, Odailta Alves, Oluwa Seyi, Oyá Denan, Paloma Macedo, Patricia Anunciada de Oliveira, Paula Peregrina, Rúbia Lisboa Rodrigues, Vanessa Luz Santos Costa, Priscila Guedes, Quézia Lopes, Rafaela Francisco, Rai Soares, Renata Rodrigues de Lima Silva, Cláudia Regina dos Santos, Rô Carmo, Rosa Laura, Roseane Corrêa, Samanta Santos da Fonseca, Sandra Menezes, Sandra Roza, Sara Lira, Sheila Martins, Sil, Silvia , Simone de Goes Costa, Singa, Sonhadora, Suelen Gom, Suéllen Raquel, Sunshine Cunha, Tainá Oliveira, Tainã Rosa, Tainansol, Tainara Cezar, Taís Fernanda, Taísa Vitória, Tamires Costa, Tânia Cerqueira, Tati Mendes, Tatiana Dias Gomes, Tatiane Nicomedio, Thafilhadosol, Thai Miranda, Thaís França, Thaisa Cipriano, Thiffany Odara, Valéria Maciel, Vanessa da Conceição, Vera Oliveira, Vívian Rodrigues Frederico de Oliveira, Vivane Cunha e Zeferina.



Ficha Técnica

Idealização, coordenação executiva e editorial: Maitê Freitas

Assistente editorial: Carmen Faustino

Revisão: Fernanda Sousa

Projeto gráfico: Ariane Cor

Capa: Ariane Cor e Kaisa

Comissão de Seleção: Carmen Faustino, Dandara Kuntê, Esmeralda Ribeiro e Maitê Freitas

Produção e organização da seleção: Agnis Freitas

Apoio: Bianca Santana, Dione Carlos e Patrícia Vaz

Textos adicionais: Carmen Faustino, Dandara Kuntê, Esmeralda Ribeiro e Ludmilla Lis

oralituras.com.br

oralituras@gmail.com

© *oralituraseditora*

f *oralituras*

M *oralituras*

Esta publicação faz parte do projeto Oralituras - Escritas Femininas em Primeira Pessoa, contemplado pelo Programa VAI - Modalidade 2, do coletivo Samba Sampa.





Você pode copiar, distribuir, transmitir e remixar este livro, ou parte dele, desde que cite a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Escritas femininas em primeira pessoa : coletânea de contos / Maitê Freitas coord. g. -- 1. ed. -- São Paulo : Graalíttoras, 2020.

Várias autoras.
ISBN 978-65-990218-4-7

1. Contos - Coletâneas - Literatura Brasileira
2. Escritoras indígenas - Brasil 3. Escritoras negras - Brasil I. Freitas, Maitê.

20-45756

CDD-869.308

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura Brasileira
869.308

Elzele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427